

REVISTA

DO

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO

DO RIO GRANDE DO SUL

◆

COMISSÃO DE REDAÇÃO:

ADROALDO MESQUITA DA COSTA
EMILIO FERNANDES DE SOUZA DOCCA
EDUARDO DUARTE
WALTER SPALDING

◆

PÔRTO ALEGRE — BRASIL

Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul

Sede — PÔRTO ALEGRE

DIRETORIA:

Presidente honorário: Desemb. Florêncio C. de Abreu e Silva
Presidente: Dr. Leonardo Macedônia Franco e Souza
Secretário Perpétuo: Dr. Eduardo Duarte
2.° Secretário: Prof. Walter Spalding
Orador: Dr. Adroaldo Mesquita da Costa
Tesoureiro: Prof. Afonso Guerreiro Lima
Bibliotecário: Dr. Olinto Sanmartin

COMISSÕES PERMANENTES

Fundos e orçamento:
Dr. Adroaldo Mesquita da Costa
Prof. Jorge Bahlis
Cel. Luiz Carlos de Moraes
Dr. João C. Maia

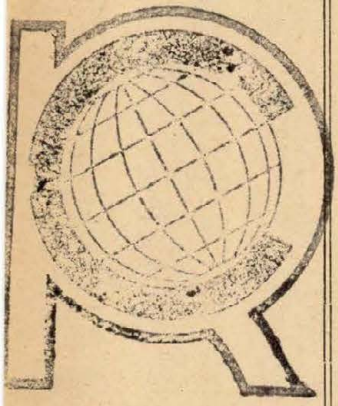
História:
Dr. Darcí Azambuja
Pe. Luiz Gonzaga Jaeger, S. J.
Dr. Mário Teixeira de Carvalho
Dr. Manoelito G. de Ornellas

Geografia:
Prof. A. G. Lima
Cap. D. de Paranhos Antunes
Prof. Otelo Rosa
Dr. Olinto Sanmartin

Arqueologia, Etnografia e Paleontologia:
Prof. Ângelo Guido
Dr. Armando Dias de Azevedo
Prof. J. L. Tupí Caldas
Prof. Jorge Bahlis

REVISTA
DO
INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO
DO RIO GRANDE DO SUL

Prof Copstein



III TRIMESTRE

ANO XIX

Comissão de Redação:

ADROALDO MESQUITA DA COSTA
EMILIO FERNANDES DE SOUZA DOCCA
EDUARDO DUARTE
WALTER SPALDING

DOAÇÃO DO PROF. RAPHAEL COPSTEIN

PÔRTO ALEGRE

= 1939 =

1939

Oficinas Gráficas da LIVRARIA DO GLOBO
Barcellos, Bertaso & Cia. — Pôrto Alegre
Filiais: Santa Maria e Pelotas

Elementos para a biografia do Engenheiro Francisco João Róscio

AO

INSTITUTO HISTÓRICO

DO

RIO GRANDE DO SUL

em homenagem à memória do meu compatriota, o Engenheiro Francisco João Róscio, que durante largos anos (1767-1805), deu ao Rio Grande do Sul o melhor esfôrço da sua inteligência e em cuja bôa terra seus ossos descansam.

Oferece
esta compilação documental

Artur Alfredo da Motta Alves

Bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra — Advogado — Do Instituto de Coimbra — Da Associação dos Arqueólogos Portugueses — Do Instituto Português de Heráldica.

Rio de Janeiro — Rua Riachuelo n.º 341. — Portugal, — Amarante — Casa da Costa Grande.

* * *

Francisco João Róscio, engenheiro português a serviço na Capitania do Rio Grande de São Pedro (1769-1805) e alguns documentos para a sua biografia.

Francisco João Róscio, era natural da ilha da Madeira, onde deve ter nascido perto de 1740, (*) sendo filho de Marcos Gonçalves Róscio, da ilha de Tenerife (Canárias) e êste filho de André Gonçalves Róscio e de Madalena Francisca, daquela ilha, que, vindo estabelecer-se na Madeira, aí casou com Maria Rodrigues da Graça, da freguesia do Arco da Calheta, filha de João Rodrigues Jardim e de Maria da Graça.

Desde novo revelou uma inteligência viva, que os pais, ao que parece, cuidaram de cultivar destinando-o à vida eclesiástica. Ignoram-se os motivos que imperaram no ânimo do jovem madeirense para o fazerem abandonar aquela ilha e carreira, para vir à capital seguir o curso da Academia Militar, ignorando-se também quem o incitou e protegeu neste propósito que naturalmente contrariava os desígnios paternos; o que se depreende de uma carta de um seu compadre e de outros apontamentos de família, é que as suas relações ficaram de tal forma cortadas com a sua terra natal e família de seus pais, que não só êle nunca procurou saber nem liquidar o que lhe poderia caber por herança daqueles, a qual sempre disse que se conservava em ser, mas a própria família madeirense ignorava ou fingia ignorar, depois da sua morte, que êle havia existido, e parece até que alguém houve que lhe usurpara o nome e filiação.

(*) Assento extraído do livro 2.º de óbitos de N. S. Madre de Deus de Pôrto Alegre, pág. 97v., pelo dr. Jorge G. Felizardo, ilustre genealogista gaúcho:

"Aos dez dias do mez de Outubro de mil oito centos e sinco annos, nesta Villa de Porto Alegre faleceu repentinamente, sem sacramentos o Brigadeiro Francisco João Rossio, cazado em Lisboa com Dona Cypriana Antonia Pimenta de Bulhoens; natural da Ilha de Madeira; de idade de settenta e dois annos: não se lhe achou Testamento: foi encomendado por mim, e sepultado nesta Matriz; e para constar fiz este assento.

Vigr° José Ign° dos Stos Pr°"

Vê-se por êste assento que Francisco João Róscio deve ter nascido em 1733.

N. da R.

O que, porém, é indubitável, porque resulta dos documentos oficiais é que, havendo sido admitido como aluno supranumerário da Academia Militar e concluído os estudos dela, foi nomeado juntamento com outros, ajudante de infantaria com exercício de engenheiro, segundo o estilo de então, em 23 de julho de 1762. (Doc. n.° 1).

Ato contínuo, a 9 de agôsto, por ordem do governador das armas da Côrte e Província de Estremadura o Barão-Conde, partiu para a Praça de Elvas, onde se apresentou a 19, servindo nela nas ocupações da sua profissão, vindo apenas a Lisbôa, em diligência de serviço, por ordem do tenente-coronel engenheiro Eugênio Roberto de Bassemond, que alí dirigia os trabalhos, apresentando-se na capital a 21 de julho de 1763.

Se voltou ou não a Elvas não sabemos, o fato é que em setembro se achava em Lisbôa, porque ordenando-se ao engenheiro-mor Manuel da Maia (1) a nomeação de um capitão engenheiro a fim de ir para o reino de Angola a quem se conferiria o pôsto de tenente-coronel, apresentava três, o capitão Gregório Rebelo Guerreiro Camacho, João Antônio Júdice e Teotônio Martins de Azevedo, mas na hipótese de se querer Sua Majestade aproveitar de ajudantes, que se achavam na capital e com bôa capacidade, apontava Joaquim José Cipriano dos Santos, Francisco Pinheiro da Cunha, Francisco Gomes de Lima e Francisco João Róscio. (Doc. n.° 2)

E, 1764, por ordem de 15 de junho do ajudante-general Barão-Conde D. Fernando, foi mandado seguir para a praça de Almeida às ordens do major Miguel Luiz Jacó. Por êste foi logo incumbido de assistir às grandes reparações e reedificações que se fizeram naquela praça, serviço em que permaneceu quinze anos contínuos, executando o que lhe foi determinado com todo o zêlo, inteligência e cuidado (Doc. n.° 3 e 4). Depois continuou sob as ordens do coronel Diogo ou Jaques Funk (Doc. n.° 5) que foi o oficial encarregado pelo govêrno de planear algumas novas obras na mesma praça,

(1) Foi um dos engenheiros a quem Pombal confiou a reedificação da cidade de Lisbôa, depois do terremoto de 1755.

trabalho em que se empregou com a mesma proficiência e zêlo de que ia dando inequívocas provas.

Devem datar desta época as relações entre o notável engenheiro suéco e o nosso Róscio, e portanto derivar dêsse tempo de serviço o aprêço que o primeiro soube fazer das aptidões do segundo. E de fato, resolvido o Govêrno a mandar à América uma nova comissão de engenheiros para satisfazerem aos diversos serviços que da sua arte alí se careciam, nomeou o referido Funk, que escolheu logo o engenheiro Róscio para ir em sua companhia. Por êsse motivo foi êste promovido a capitão em 31 de maio de 1767, sendo já então casado com D. Cipriana Antônia Pimenta de Bulhões, filha do engenheiro Gregório Rebêlo Guerreiro Camacho e irmã de outro engenheiro Francisco de Brito Rebêlo (Documentos anexos sôbre estes dois engenheiros) a quem deixou para seus alimentos metade do sôldo, como se participou ao vice-rei do Estado do Brasil em ofício de 27 de junho dêsse ano, (Doc. n.º 6) e conforme a ordem de embarque de 1767 e referido na carta régia de 7 de junho de 1769. (Doc. n.º 7).

Durante sete anos, quatro meses e 19 dias serviu de ajudante de ordens do expediente de Funk, sendo não só nesse período, mas ainda depois empregado em outras comissões de serviço.

Em 1773, devendo marchar para o sul do Brasil fôrças de infantaria e cavalaria para reforçarem o exército, passou à ilha de Santa Catarina em 27 de dezembro, por ordem do vice-rei, o Marquês do Lavradio, para facilitar a passagem dos rios, o que êle executou da maneira mais eficaz, como consta não só da carta seguinte que o vice-rei lhe dirigiu, como atestado que dêsse e doutro serviço adiante se insere. (Doc. n.º 8 e 9).

Em virtude da ordem do vice-rei contida na carta passou Róscio a dirigir os trabalhos de engenharia no Rio Grande do Sul, donde regressou, apresentando-se no Rio de Janeiro a 27 de junho de 1774, servindo na capital até 15 de novembro, sendo promovido pelo Vice-rei a 16 ao pôsto de

Sargento Mor, promoção confirmada depois pelo poder central. (Doc. n.º 10).

Logo no dia 17 foi mandado passar à ilha de Santa Catarina, para, do mesmo modo que no ano antecedente, preparar a passagem ao exército do comando do tenente-general João Antônio de Böhm. Além disso tôdas as obras da capital daquele Estado desde o tempo do Conde de Azambuja, reparos, aumento de fortificações e construção de outras novas, tudo foi dirigido pelo ilustrado engenheiro, como se vê dos documentos no fim copiados sob os nºs. 9, 11 e 12.

Depois de doze anos de constantes, ininterruptos e assinalados trabalhos de todo o gênero, obteve licença para ir ao Reino, devendo ter partido nos princípios de junho de 1779, por isso que se lhe passou fé de ofício a 31 de maio, reconhecida a 7 daquele mês, e chegado a Lisbôa antes de 23 de outubro, dia em que tirou pública forma dêsse documento. A 6 de setembro de 1780 lhe nascia uma filha, primeiro e único fruto do seu matrimônio, residindo então em casa de seu sogro à rua da Vinha.

Enquanto estava longe, não obstante as brilhantes informações dos vice-reis, pouco se moviam os governos a conceder-lhe os prêmios merecidos, mas, depois de algum tempo de residência na capital, a prática com os ministros, o seu largo conhecimento da maior parte do território brasileiro, especialmente da parte do Rio Grande do Sul, e também a chegada do Marquês de Lavradio, que havia sido rendido no vice-reinado, resolvera o govêrno a nomeá-lo Comissário para as demarcações do sul, e a promovê-lo, por êsse motivo, ao pôsto de tenente-coronel como feito o foi, por Carta patente de 12 de fevereiro de 1781, na qual não só se lêm as palavras de estilo, mas também as seguintes assaz expressivas: "faço saber que atendendo ao distinto serviço que me tem feito em tudo o de que tem sido encarregado Francisco João Róscio que se acha nomeado para as demarcações do Brasil...".

Nomeado segundo Comissário para as referidas demarcações foi dirigido ao vice-rei, já então Luiz de Vasconcelos e Sousa, um ofício em 16 de janeiro de 1782 (Doc. n.º 13)

comunicando-lhe que iam embarcar os comissários espanhóis e que pelo engenheiro Róscio se lhe enviariam as mais ordens de Sua Majestade, contudo só em março partiu o Comissário português a bordo da fragata de Guerra Nossa Senhora da Nazaré do comando do Capitão de Mar e Guerra João Caetano Viganego (Doc. n.° 14) que efetivamente partiu a 10 dêsse mês.

Por essa ocasião ainda o prestante engenheiro foi incumbido de outro serviço importante. O govêrno procurava desenvolver várias culturas no Brasil e havia já mandado em tempo semente de cânhamo para ser alí ensaiada, como porém não se tivesse sabido do resultado dessa tentativa, tornava o Ministro da Marinha a enviar nova porção de semente, da qual se entregaria uma parte ao engenheiro Róscio, afim de que êle promovesse aquela cultura no Rio Grande do Sul, para onde ia destinado; se alí ainda se cultiva esta planta devem os rio-grandenses lembrar o nome do introdutor dela (Doc. n.° 15), pôsto que o terreno que primeiro destinaram a êsse efeito, não fôsse favorável a êle.

Os serviços que prestou no seu novo cargo, já como 2.° Comissário já como 1.°, foram longos, aturados e difíceis, e nêles, a-pesar-da sua energia e indefesa atividade teve horas de tormento, que juntas ao abalo de algumas febres, lhe produziram alteração das faculdades, de que logo remitio, sem prejuízo das negociações. Da enorme correspondência sôbre êsses assunto, se vê que combates houve a sustentar com os comissários espanhóis sempre cavilosos, procurando embaraçar as questões com mil dúvidas, mil pretensões e exigências caprichosas. Durante elas foi promovido a coronel em 7 de setembro de 1783 (Doc. n.° 10) e a brigadeiro em 18 de abril de 1801 (Docs. n.os 16 e 17), e pouco depois deparou-se um ensejo favorável para Róscio patentear a fôrça das suas faculdades, e quanto êle podia e valia.

A 21 de novembro de 1801 falecia em Pôrto Alegre o governador do Estado de S. Pedro do Sul tenente-general Sebastião da Veiga Cabral da Câmara, e por êsse motivo foi investido no govêrno interino o brigadeiro Francisco João Róscio. O momento era assaz crítico: as negociações estavam

suspensas, tinha-se aberto a campanha, haviam-se tomado alguns pontos, ocupados outros e os espanhóis dispunham-se a invadir o território, afim de que, apoderando-se de algumas léguas dêle, quando se suspendessem as hostilidades e se tratasse da paz, podessem fazer valer o seu direito de ocupação e ganhar para si êsses terrenos.

Os moradores do Rio Grande achavam-se consternados e confusos procurando salvar os seus bens móveis e semoventes, por isso que os comandantes da fronteira haviam feito retirar os seus efeitos e os artigos da fazenda e feito suspender a navegação: Róscio apenas toma posse do govêrno, não perde um momento, galga o espaço que o separa daquela vila, restabelece a ordem, dá providências acertadas sôbre a navegação, remedeia como pode as imprudências cometidas por aqueles comandantes, nomeadamente pelo tenente-coronel Xavier de Azambuja, responde e faz responder por êste a uma espécie de ultimatum do Marquês de Sobremonte, corre aos postos avançados distantes da vila, tomando as providências necessárias não só para suspender a marcha do exército espanhol na fôrça de 4.000 homens, mas ainda para o atacar 40 léguas longe da vila sendo preciso. Com estas disposições os ânimos dos habitantes se tranquilizaram, o pânico desapareceu, e tal confiança lhes inspirou o homem que conheciam de longa data, que tôdas as corporações da vila dirigiram a Pôrto Alegre uma congratulação por tal motivo.

Estas providências foram de tanta importância que feita a paz, pretendendo o Comandante do exército espanhol, o referido Marquês de Sobremonte, ocupar ou que se lhe entregasse o terreno que Róscio tinha segurado, êste impugnou semelhante exigência por uma troca de correspondência com aquele general, de forma que ficaram os portugueses de posse do país conquistado, cuja superfície era de mais de duas mil léguas quadradas, o que corresponde a pouco mais ou menos metade da Capitania do Rio Grande. Varnhagen tratando de Róscio errou completamente no juízo que fêz dêste grande oficial, ao qual outros tratam com tôda a justiça.

Hoje qualquer indivíduo que desembarca em África e tem uma contingência com os pretos, embora de pouca entidade,

cobrem-lhe o peito de medalhas e dão-lhe uma pensão; Francisco João Róscio assegurou a posse de um grande território, restabeleceu a tranquilidade em povos sobressaltados, e contendo em respeito um exército espanhol, não teve pensão, nem hábito! Pediu uma recompensa, escusaram-lhe o requerimento.

Por morte de Cabral da Veiga ficou Róscio 1.º Comissário da demarcação e nela se conservou, tendo por 2.º Comissário Francisco das Chagas Santos, que mais tarde foi general do exército brasileiro, achando-se também sob as suas ordens Alexandre Eloy Portelli que êle havia educado. Um dia, 10 de outubro de 1805 às dez horas da manhã, achando-se Róscio a continuar uma larga resposta a um ofício do Governador Paulo José da Silva Gama, relativo a uma imaginária convenção de limites, que o vice-rei do Rio da Prata dizia ter sido pactuada com êle, no tempo do seu interino govêrno, foi acometido de uma congestão, falecendo repentinamente, deixando todos os amigos consternados (Doc. n.º 18).

Não sabemos motivo porque Róscio quando partiu segunda vez para o Brasil se havia indisposto com sua mulher, sogro e cunhado, mas não só êste fato ressumbra da carta de Chagas Santos, mas de outros documentos particulares.

Sabemos porém, que em 25 de agôsto de 1783, por ordem do Cardeal Patriarca de Lisbôa, foi concedida ordem para sua mulher D. Cipriana Antônia Pimenta de Bulhões e sua filha D. Maria da Piedade Bulhões Róscio serem recebidas no Convento de Santa Monica de Lisbôa.

As suas pequenas economias de trinta e cinco anos nos sertões do Brasil produziram uns quatro contos de réis, que muito custou à sua mulher e filha receber ao cabo de alguns anos.

Em 17 de novembro de 1832, passava sua filha uma procuração a Manuel Bernardo d'Abreu e Silva (?), para poder requerer e receber o que lhe pertencia como herdeira de seu pai Francisco João Róscio.

Deixou, porém, um nome honradíssimo, alguns testemunhos do seu saber e serviços em memórias já publicadas umas

e outras inéditas, e a fama de ser um dos mais notáveis e sisudos engenheiros de que Portugal se honrou no XVIII século.

Róscio era um homem de grande merecimento, tanto científico como artístico, como o revelam os dois preciosos manuscritos que existiam na livraria do Marquês de Castelo Melhor e que hoje se encontram na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Alguns apontamentos sôbre outros membros da família de Francisco João Róscio, particularmente dos engenheiros Gregório Rebêlo Guerreiro Camacho, seu sogro, e Francisco de Brito Rebêlo, seu cunhado.

Gregório Rebêlo Guerreiro Camacho, era filho do Dr. Tomé Guerreiro Camacho de Aboim, formado em medicina pela Universidade de Coimbra, tendo sido nomeado físico-mor da província de Angola com obrigação de lecionar a sua arte. De sua mulher D. Teodora Maria da Assunção teve um único filho, de que tratamos, que nasceu em Lisbôa e foi batisado na freguesia de Santa Maria Maior (Sé) em 25 de janeiro de 1713.

Deu-lhe seu pai a conveniente educação e a 26 de maio de 1723 conforme a qualidade de seus maiores, era filhado por escudeiro e acrescentado logo a cavaleiro fidalgo, com os honorários respectivos.

Seguiu a vida das armas e foi aluno de número da aula de fortificação, obtendo em 1748 ou 1749 o pôsto de ajudante de infantaria com exercício de engenheiro. Em 1750 ao organizar-se uma expedição ao Pará e Rio Negro, para proceder à demarcação dos reais domínios por aquele lado, foi Gregório Rebêlo escolhido e por carta patente de 5 de novembro de 1750 promovido ao pôsto de capitão.

Em fins de outubro de 1755 regressou a Portugal e poucos dias depois no dia 1.º de novembro, quando do terremoto, perdeu todos os seus haveres inclusive os documentos de seus serviços na América que tudo foi pasto das chamas escapando a família milagrosamente.

Logo depois é nomeado para a inspecção da cidade arruinada demorando-se nela até 1756. Em 1778 foi promovido a sargento-mor (major) com o mesmo exercício. Depois de uma vida cheia de prestimosos serviços, requereu a sua reforma, que lhe foi concedida em 4 de abril de 1778, no pôsto de tenente-coronel e nos termos os mais honrosos.

Havia casado em 1736 com D. Maria Teresa de Jesús Guerreiro, da qual houve dois filhos, Francisco de Brito Rebêlo, também engenheiro e Januário Rebêlo Guerreiro Camacho, e três filhas uma das quais casou com Francisco João Róscio.

Francisco de Brito Rebêlo — foi um distinto oficial de engenharia portuguesa, sendo natural de Lisbôa onde nasceu nos meados do século XVIII.. Era cavaleiro da Casa Real e teve o ofício de porteiro do Conselho de Guerra que pertencia à casa de seus antepassados. Tendo acabado o curso em 1768 foi promovido a ajudante de infantaria com exercício de engenheiro, e no ano seguinte foi escolhido pelo tenente-coronel Guilherme Elsden, para o acompanhar a levantar a planta das lezírias do Ribatejo. Depois de largos anos de serviços em diferentes comissões foi reformado no pôsto de tenente-coronel em 11 de junho de 1814. Havia casado em 25 de junho de 1790 com D. Maria Antônia Furtado de Mendonça, de quem houve 8 filhos, todos nascidos em Belém (Lisbôa) dos quais sete chegaram à maior idade, sendo três militares, que entraram em campanhas já no reino, já no Brasil. Faleceu em 17 de abril de 1828. Era cunhado de Francisco João Róscio.

DOCUMENTOS

1

"Sou Servido nomear para Ajudante de Infantaria com exercicio de Engenheiros a Joseph Alvares de Barros, Thomaz de Villa Nova, e Filipe de Vilar Bech, discipulos numerarios da Academia militar; e a Francisco João Rucio (sic), discipulo supranumerario da mesma aula. O Conselho de Guerra

o tenha asim entendido e lhes mande passar os despachos necessarios. Palacio de Nossa Senhora d'Ajuda a 16 de Julho de 1772. — Com a rubrica de Sua Magestade."

(Arquivo Nacional — Decretos do Conselho de Guerra, maço 121 B, nº 400).

2

Illmº e Exmº Sr. D. Luis da Cunha. — No aviso, que V. Exa. me enviou hontem 23 do corrente, se me ordena haver eu de nomear com a brevidade precisa outro Capitão Ingenheiro, que haja de ir para o Reino de Angola na forma, que já V. Exa. me havia declarado no aviso antecedente de 19 do mesmo com a assistencia por tempo de seis annos, adiantando sua Magestade a patente de Tenente Coronel, que depois se lhe verificará neste Reino quando se recolher a elle, e pertendendo eu satisfazer a esta Ral Ordem, nomeo em primeiro logar o Capitão Gregorio Rebello Guerreiro Camacho assistente nesta Côrte, em segundo lugar por se acharem fora dela o Capitão João Antonio Judice na Repartição do Porto, e o Capitão Theotonio Martins de Azevedo na Provincia do Minho: e querendo Sua Magestade servirse de Ajudantes, que se achem nesta Côrte com boa capacidade, aponto Joaquim Jose Cipriano dos Santos, Francisco Pinheiro da Cunha, Francisco Gomes Lima, e Francisco João Roscio. Sua Majestade mandará o que for servido. Lisboa 24 de Setembro de 1763. — Manoel da Maya.

(Arquivo da Tôrre do Tombo- — Cons. de Guerra, past. 270).

3

Miguel Luiz Jacob Sargento mor de Infantaria com exercicio de engenheiro por Sua Magestade Fidelissima, que Deus guarde etc. Certifico que a vinte de junho de mil sette centos sessenta e quatro tive Ordem de sua Alteza o Marechal General para passar a Praça de Almeida a reedificála de todas as ruinas, que n'ella houvessem para cuja diligencia foi tambem nomeado por Sua Alteza o Ajudante Francisco João Ros-

cio, o qual assistio á dita reedificação quinze meses continuos, executando todas as ordens, que lhe passei com prontidão, cuidando com vigilancia na boa execução da obra, e na melhor economia da fazenda de Sua Magestade, e por me ser pedida passei a presente affirmando o conteudo della sendo necessario debaixo de Juramento dos Santos Evangelhos. — Almeida seis de Outubro de mil sette centos sessenta e cinco. — Miguel Luiz Jacob.

(Documento pertencente ao arquivo particular do General Brito Rebêlo).

4

Francisco Mac-Lean, Marechal de campo dos Exercitios de Sua Magestade Fedelissima, Coronel do Regimento de Infantaria da Praça de Almeida e Governador da Praça etc. etc.

Certifico, que Francisco João Roscio Ajudante engenheiro, que foi mandado para assistir nas obras Reaes d'esta Praça, se empregou nellas durante todo o tempo, em que se operaram com bôa applicação, zello, e inteligencia e por ser verdade o refferido e esta me ser pedida a mandei passar, que assigney, e attesto por verdadeira. Almeida dezenove de Outubro de mil settecentos sessenta e cinco . — Francisco Mac-Lean.

(Documento do arquivo particular do General Brito Rebêlo — Lisbôa)

5

Je soussignè certifie que Monsieur Francisco João Roscio, Adjudant D'Ingenieur m'a assité depuis le mois de Mars jusqu'a le present tems, (sic) avec toute la diligence possible dans les travaux de la Fortification d'Almeida, en copiant les Plans et les Profils des differents ouvrages proposés pour la déffense de la dicte Ville. Fait a Almeida le 18 aout mil sete centos sessenta e seis (sic). Jacques Funk, Colonel Ingenieur.

(Documento do arquivo particular do General Brito Rebêlo — Lisbôa)

6

Illm° e Exm°. Sr. — Nesta occasião embarca para esse estado o Capitão d'infantaria com exercicio de engenheiro Francisco João Roscio o qual deixa nesta cidade metade do soldo que vence para assistencia de sua mulher D. Cipriana Antonia Pimenta de Bulhões, e é Sua Magestade servido que da outra metade lhe mande V. Exa. ahi fazer os seus respectivos pagamentos na mesma forma que aos mais engenheiros. Deus guarde a V. Exa. — Francisco Xavier de Mendonça Furtado. — Senhor Conde da Cunha.

(Documento pertencente ao arquivo particular do General Brito Rebêlo — Lisbôa).

7

"Attendendo ao merecimento e serviços de Elias Schierling e Francisco João Roscio, que nesta corte exercitaram os Postos de Ajudantes de Infantaria, com exercicio de Engenheiros: Fui servido ordenar, por Carta Regia de 22 de junho de 1767 embarcassem para a Capitania do Rio de Janeiro, para nella me servirem em quanto eu o houver por bem, e não mandar o contrario, nos Postos de Ajudantes das Ordens do Brigadeiro Jacques Funck e com as patentes de Capitães d'infantaria, com exercicio de Engenheiros, vencendo o primeiro soldo dobrado, e onde actualmente se acham. O Conselho de Guerra o tenha assim entendido e lhes mande passar patentes na soberdita conformidade. Palacio de Nossa Senhora d'Ajuda a sete de junho de mil sete centos sessenta e nove. Com rubrica de Sua Magestade."

(Arquivo Nacional — Decretos do Conselho de Guerra maço 128, n.° 39)

8

"Com a chegada da curvetta Conceição, vinda da ilha de Santa Catharina recebi a carta de V. Mce. dando-me a certeza de terem feito felismente a sua viagem, sem embargo de

se terem demorado nella mais alguns dias dos que aqui se supunham; esta incerteza me não fez admiração, por ser muito natural a errarem-se todos os calculos que se fazem sobre cousas tão incertas, como é a navegação; finalmente chegaram V. Mces. muito bons, que é o que mais estimo, e com a mesma felicidade principiaram as suas marchas por terra.

Devo agradecer a V. Mce. e louvar-lhe muito o zello, intelligencia e actividade com que tem trabalhado para se vencerem as difficuldades, que sempre se tinhão encontrado nas marchas para aquelle continente, devendo-se o estas se terem abreviado á constancia, com que V. Merce se tem opposto a todos os discursos dos ignorantes, não tendo V. Merce condescendencia se não com o que lhe parece mais util para o serviço de El-Rei Meu Senhor e mais proprio para se executarem promptamente as ordens de que V. Merce foi incumbido. A grande confiança que faço do prestimo de V. Merce, o muito que me espranceyo que os seos trabalhos sejam de muita utilidade ao Estado, o grande perigo, em què considero prezentemente o Continente do Rio Grande, fazendose aly prezentemente summamente precizo um Engenheiro habil, que tenha zello pelo Serviço, e pella Patria, me fazem indispensavel haja de ordenar a V. Merce, passe emediatamente áquelle Continente para n'elle fazer dirigir as obras, e o mais, que for necessario para a defeza do mesmo Continente, isto he naquellas partes em que lhe encarregar o Governador Jose Marcelino, fazendo V. Merce ao mesmo tempo todas as observações que lhe forem possiveis para se haver de formar um mappa do mesmo Continente mais certo, e com menos defeito, que os que athé agora (sic) se tem feito.

Do mesmo continente me dará V. Merce conta d'aquillo que for encarregado, do que se tiver posto em pratica a este respeito, e de tudo que tiver acontecido nas partes em que V. Merce se achar: esta conta bastará, que seja por um Diario, muito simples a fim de não estar embaraçando a V. Merce com escriptos, que lhe tomem o tempo, e sejam inu-

teis. Nesta ocasião mando mais um reforço de gente para as Tropas do Continente, e se for precizo hirey continuando a mandalos, segundo os avizos, que for recebendo. O grande trabalho, em que prezentemente me acho não permitte que eu agora possa ser mais extenço; V. Merce me tem sempre muito prompto para em tudo lhe mostrar a minha estimação. Deos Guarde a V. Merce muitos annos. Rio de Janeiro a 15 de Fevereiro de 1774. — Marquez do Lavradio — Sr. Capitão Engenheiro, João Francisco (sic) Roscio."

(Documento do arquivo particular do General Brito Rebêlo — Lisbôa)

9

"Dom Luiz de Almeida Soares Portugal Alarcão Eça Mello Silva e Mascarenhas, Marquez do Lavradio, do Concelho da Rainha Fidelissima, Minha Senhora, e do da Guerra, Tenente General dos seus Exercitos, Vice Rei e Capitão General de Mar e terra do Estado do Brazil.

Attesto, que no anno de mil settecentos sessenta e nove, quando cheguei a esta capital, a occupar o logar de Vice Rei e Capitão General d'este Estado, se achava o Capitão Engenheiro Francisco João Roscio, encarregado pelo Vice Rei meu antecessor, o Conde de Azambuja, da Inspeção de differentes obras pertencentes a Sua Magestade, como era o Hospital Real, as cazas, que deviam servir para Tribunal da Junta, Contadoria, e Archivo daquelle Tribunal. Dizendome o Conde e Vice Rei, que dera aquelle official a sobredita commissão por conhecer a sua actividade, verdade e limpeza de mãos; e que só por aquelle modo poderia evitar os grandissimos roubos, que se faziam á Real Fazenda, em semelhantes obras, e que athé aquelle tempo, o sobredito Francisco João Roscio tinha em tudo satisfeito ao conceito, que elle Conde fizera d'elle. Esta informação e ligitimando-me o merecimento d'este official, me fez conservallo naquellas incumbencias, aonde vim ter a experiencia propria da justiça que o Vice Rei lhe fazia.

Em Maio de mil settecentos e settenta e um, vendo eu que o mar ia entrando muito para dentro da Ponta do Cala-

boiço, e que já chegava as paredes do Trem d'esta Cidade, e ao quartel de Cavallaria, que faz a guarda dos Senhores Vice Reis d'este Estado, chegando athé em alguns lugares destes dous Edificios, a descobrir, e pôr patente os seus alicerces, e que o mesmo damno procurava o Mar fazer no Quartelamento do Regimento de Moura, que pertence a sua Magestade: mandei pelo dito Francisco João Roscio formar um caes naquelas Praias em que não só servisse de reparo ao mar, mas de defeza a mesma cidade: devendo-se ao mesmo Engenheiro a utilidade, que a Real Fazenda tirou n'esta obra porque sendo do costume fazerem-se semelhantes obras com pedra de cantaria gatiadas, elle se lembrou fazella com pedra de alvenaria, unidas as pedras com argamassa que fazendo-se experiencia d'esta lembrança se vio com a pratica ser de igual segurança, que a outra. Eu a mandei pôr em pratica, bem apezar de alguns oppozitores; porem com tanta felicidade, que fazendo-se a sobredita obra em uma praia, aonde o mar bate com bastante força até o prezente não tem tido a mesma obra nem a mais pequena ruina.

Neste mesmo tempo mandei fazer a Cavalheriçe dos quarteis dos Soldados de cavallaria, tarimbas dos mesmos, e varias outras obras como um corpo de guarda para a guarda da Cadêa, gradamentos de Ruas, concertos de Fontes; e uma casa de Ferraria na Fortaleza da Conceição aonde trabalham todos os Artifices como Cronheiros, armeiros, etc.; em cujas obras assistia o sobredito official com igual cuidado, zello, e promptidão. Em Dezembro de mil cettecentos e setenta e tres, mandei o sobredito Francisco João Roscio a Ilha de Santa Catharina para fazer apromptar as Pontes e todos os outros meios de poderem passar as Tropas, com que eu naquella occasião socorri o Rio Grande, assim como a Tropa de Infantaria, como de cavallaria o que tudo fez, e executou com o maior acerto e promptidão. E nessa mesma ocazião o fiz passar ao Continente do Rio Grande para n'elle fazer todas as obras de defeza que fossem possiveis; assim como todas as observações, que pudesse, o que tudo executou com a maior exacção.

Em Novembro de mil settecentos setenta e quatro, mandei outra vez ao mesmo Francisco João Roscio a Ilha de Santa Catharina, a fazer a passagem do Exercito que marchou para o Sul com o Tenente General João Henrique Bohm.

Depois que veio d'esta deligencia o encarreguei da construção de varias Fortalezas novas, como são Pico, Praia de Fora, e Villagaylhon (sic), e da reedificação da Ilha das Cobras, Garavata, Boa Viagem, Praia Vermelha, Lage, São João, e a casa da Polvora do sitio denominado Matta porcos.

No anno de mil settecentos e settenta e seis, receando eu fosse atacada esta capital pellos Hespanhoes, e como as praias da Marinha todas permittem um excelente dezembarque ordenei ao sobredito Francisco João Roscio houvesse de construir nas mesmas praias, e outros logares superiores, que me pareceram poderiam deffender esta Cidade umas baterias, e trincheiras de fachina, e terra o que tudo executou com o maior disvelo, e efficacia, de forma, que em muito pouco tempo se fez toda aquella obra muito forte, e de muita defeza.

Todos estes serviços fez o dito Francisco João Roscio, com muita actividade, e desinteresse sendo tanto seu zello para o Real Serviço que todas as obras a que elle teve a Inspecção tem sido avaliadas por tres e quatro partes mais do que ellas importaram. Em todos estes grandes trabalhos e importantes serviços adquirio algumas molestias, que ainda, que não o impossibilitão de todo lhe tem diminuido muito a robustez, e algumas vezes o embaraça, a poder por em pratica a actividade, que lhe é natural. E julgando eu este official digno da Real attenção de Sua Magestade lhe mandei passar apresente por mim assignada e sellada com o sinete de Minhas Armas, para em todo o tempo por ella constar a distinção com que tem servido. Rio de Janeiro em o primeiro de Março de mil settecentos settenta e nove. — Marquez do Lavradio. Logar do sello das armas."

(Documento do arquivo particular do General Brito Rebêlo — Lisbôa)

10

"Dona Maria &c. faço saber aos que esta minha carta patente de confirmação virem, que tendo consideração a Francisco João Roscio se achar provido por Luiz de Vasconcellos e Souza, V. Rey e capitão general de mar e terra do Estado do Brazil, em virtude da real ordem de 5 de março do anno proximo passado, que lhe foi dirigida pela secretaria de estado dos negocios da marinha e dominios ultramarinos, no posto de coronel de infantaria com exercicio de engenheiro, atendendo a haver-me servido no posto de coronel com o mesmo exercicio e esperar que em tudo o que se lhe encarregar de meo real serviço se haverá com prompta satisfação: Hey por bem fazerlhe mercê de o confirmar (como por esta confirmo) no posto de coronel de infantaria em exercicio de engenheiro na conformidade do Aviso que a este respeito fui servida mandar expedir com data de 26 do presente mes e anno, com o qual posto haverá o soldo que lhe tocar, pago na forma de minhas reaes ordens, e gosará etc. Dada na cide. de Lisboa a 27 de setembro de 1783. A Rainha.

(Arquivo do Conselho Ultramarino — Officios, liv. 44, fls. 69)

11

Illm° e Exm° Sr. — A V. Exa. tenho já representado por differentes vezes a precisão que eu tenho nesta Capitania de Officiaes Engenheiros, e que pelos não ter, se acha a praça da Colonia, Santa Catharina e ainda o Rio Grande sem os officiais que são precisos e do mesmo modo estou nesta Capital.

No Rio Grande não ha mais que o Capitão Alexandre Jose Montanhas, que ainda que tem trabalhado como um mouro, não basta para acudir só ao que alli ha que fazer.

A Ilha de Santa Catharina e a Colonia não tem nenhum. Eu nesta Capital tenho só o Sargento Mayor Francisco João Rocio (sic), muito capás, e talvez que o unico em toda esta

Capitania de quem se possa acreditar as Cartas e Plantas que elle tem feito porque não poe em Papel se não o que elle viu, mediu e examinou, o que todos os outros fazem pelo contrario, riscando a maior parte das vezes por estimação ou informações; e este Official é o mais capás que eu cá considero para poder tirar uma carta exacta de toda esta Capitania, da de Santa Catharina, da do Rio Grande e da de São Paulo; porem como este trabalho é muito grande e importantissimo seria muito conveniente attendendo a elle e ao serviço que o dito Rocio (sic), já tem feito, S. Mage. o honrasse com a Patente de Tenente Coronel.

Eu tenho encarregado este Official da reedificação e defesa de todas estas fortalezas. Elle fez construir de novo as baterias de cima da altura da Fortaleza de Santa Cruz, chamadas do Pico; igualmente fez construir outras na Praia de Fora, sem as quais estava a Fortaleza de Santa Cruz inteiramente condemnada.

Escolhi da Aula dois bons discipulos para andarem trabalhando praticamente com elle, a quem elle tem tambem instruido especulativamente. Estes se acham muito adiantados e se Sua Magestade fosse servido se creassem alguns postos de Ajudantes Engenheiros, nos que mostrassem merecimento para esta profissão, poderia haver quem se aplicasse mais a ella, e se poderia isto remediar sem ser necessario que nos viessem da Europa. Os dous discipulos que andam trabalhando chamam-se Alexandre Eloy Portelly e Antonio de Souza Coelho.

Devo tambem pôr na presença de V. Exa. que para serem providos os postos de Artilharia que se achavam vagos passei á Aula a fazer examinar todos os discípulos: achei alguns com muito adiantamento e como estes o tiveram não só pela lição que tinham na Aula, mas pela eficacia com que o Substituto da mesma Aula se tinha querido encarregar de explicar-lhe em particular, depois das lições da Aula a todos aquelles discipulos que se quizeram ir servir do seu prestimo e boa vontade, os quaes fizeram um exame muito mais distincto do que os outros: Em attenção a isto, e ao mereci-

mento daquelle Official, o provi no posto de Capitão em que fica, com o mesmo exercicio de substituto em que se achava. Todos os mais foram providos segundo o seu merecimento, sem attenção a annos de serviço, nem a nenhûa outra circumstancia (sic) que não seja a da applicação. E' o que sobre esta materia se me offerce dizer a V. Exa. — Deos guarde a V.Exa. Rio de Janeiro em 21 de Junho de 1776. Marquez do Lavradio. — Sr. Martinho de Mello e Castro.

(Arquivo do Conselho Ultramarino, maço 180)

12

Illmº Exmº Sr. — Na presença de V. Exa. tenho posto por differentes vezes o distincto merecimento com que tem servido o Capitão Engenheiro Francisco João Roscio, não só tendo passado ao sul a fazer alguns exames sobre os terrenos daquellas provincias, por serem menos verdadeiras todas as que se tinham dado athe aquelle tempo, mas igualmente hîndo naquella occasião, em que eu mandava passar tropas áquelle continente, para que elle houvesse de mostrar a facilidade com que ellas podiam fazer as suas marchas, e dissolver todos os abusos e difficuldades, com que sempre estiveram preocupados, julgando ser impraticavel que isto se podesse conseguir: Aquelle Official, com o seu grande prestimo e actividade conseguio o passar toda a tropa, assim a Cavallaria como de Infantaria em todos os rios e pantanos, por donde não passava senão alguma vez a Infantaria e esta com muito risco, demora e trabalho, fazendo construir com muito pouca despeza, as Pontes e Barcas que julgou necessarias e com tanta segurança e brevidade, que todos passaram muito bem, e quando a tropa chegava a cada hum daquelles Passos, já tudo estava feito de sorte que a mesma tropa não tinha a mais pequena demora; e deste modo conseguio que a Cavalaria, que foi desta Capital, fosse toda ao Rio Grande fizesse lá todo o serviço que lhe foi determinado e voltasse depois para esta Capital, sem lhe ter em todo este tempo morrido um só Cavallo. Este Official depois daquelle serviço, eu o encarreguei de ser o Inspector de todas as Fortica-

ções desta Capital, que aqui haviam; e igualmente de construir, debaixo da sua direcção, todas as mais que tenho feito para defeza deste porto. Que construiu inteiramente de novo com huma Fortificação regular na Ilha de Villagalhon (sic) Posto importante, em que não havia mais, que um mau reducto, sem nenhuma das Commodidades precisas para se defender por mais tempo de vinte e quatro horas. Que construio outra igual defeza na inacessivel montanha do Pico, que fica cavalleiro á Fortaleza de Santa Cruz, ficando esta fortificação não só reforçada a deffeza daquella Fortaleza, mas igualmente fica sendo impraticavel, que ainda que no cazo de Inimigo lhe fazer Brecha e poder aly entrar, elle se possa aly conservar nem por hûa hora. No mesmo modo construhiu na Praia de fora (Lugar importantissimo, por ser hum facil dezembarque por donde os Inimigos a seu salvo podiam vir á Fortaleza de Santa Cruz) outras Baterias muito fortes, e bem consideradas, com as quaes ficou prevenido e em deffeza aquelle dezembarque.

Todos estes e outros trabalhos, quaes são os de hûa Trincheira geral nesta Marinha da parte da cidade, fez o referido Engenheiro Roscio com incansavel zelo e actividade, e não havendo nenhum outro engenheiro para o ajudar, elle mesmo tomou a seu cuidado a instruir dois Partidistas, que hoje trabalham já com bastantes conhecimentos.

Como as Reaes Ordens me determinavam que eu podesse providenciar os casos occurrentes, nomeei Aquelle Official, para lhe dar mais authoridade no Posto de Sargento-Mayor. Recorreo elle pelo Conselho do Ultramar, para se lhe confirmar esta minha Nomeação, escusaram-lhe o seu Requerimento. Recorro eu por elle novamente a V. Exa., não só para aquelle Posto, mas para o de Tenente Coronel: devendo segurar a V. Exa. que este Official tem sido hum dos que tem tido mayor trabalho e feito mais distincto serviço, e em que tenho conhecido mayor zelo e fidelidade para o mesmo serviço. O que a V. Exa. repito he com aquella pureza e sinceridade, com que eu custumo fazer as minhas reprezentações.

Espero que V. Exa. queira pôr tudo o referido na Real Presença da Raynha Minha Senhora, afim que eu possa ver recompensado o merecimento deste Official, que foi o que mais me ajudou, e o unico que tive para empregar nestes importantes trabalhos. — Deos Guarde a V. Exa. Rio de Janeiro 27 de Mayo de 1778. Marquez Lavradio. — Sr. Martinho de Mello e Castro.

(Arquivo do Conselho Ultramarino, maço 182)

13

Para Luiz de Vasconcellos e Souza

Illmº e Exmº Sr. — Os Commissarios hespanhoes mandados pela Côrte de Hespanha para as demarcações e que embarcam neste navio, entregarão a V. Exa. uma carta officio que lhe dirijo, reservando o escrever a V. Exa. mais largamente, por mão do Tenente Coronel Francisco João Roscio, que partira na Fragata que ha-de ir ao porto dessa Capital buscar os Reaes Quintos: Pelo mesmo official participarei a V. Exa. as ordens de sua Magestade, assim a respeito das mesmas demarcações como dos mais pontos de que tratam as cartas que tenho recebido de V. Exa. Deos Guarde a V. Exa. Palacio de Nossa Senhora d'Ajuda em 16 de janeiro de 1782. Martinho de Mello e Castro.

14

A Raynha Minha Senhora he servida que a Fragata de Guerra N. Sa. de Nazareth de que V. Sa. he Comme., se embarquem o Tenente Coronel Franc.º João Roscio hum Ajudante e os seus creados, e que V. Sa. dê mesa ao dito Coronel e Ajudante o que participo a V. Sa. para que assim o execute. Ds. Gde. a V. Sa. Junqueira 7 de Março de 1782. Marquez d'Angeja. — Sr. João Caetano Vinganego Capão. de Mar e Guerra.

(Livro 2.º de Registo das Ordens do Capitão General da Armada, fls. 184 vº.)

15

Illm° e Exm° Sr. — A bordo desta Fragata vae um embrulho com a semente de linho Canhamo dirigido a V. Exa. para que V. Exa. mande entregar ao Tenente Coronel Francisco João Roscio a quantidade que lhe parecer sufficiente para que elle, logo que passar ao Rio Grande, promova alli esta plantação, e que V. Exa. reparta o resto que lhe ficar pelas pessoas que lhe parecerem mais intelligentes da cultura deste genero, porque será grande felicidade se podermos conseguir a produção delle nesses Dominios. Não sei que successo teve a porção de semente do mesmo genero que ha tempos remetti a V. Exa., o que desejava que V. Exa. me insinuasse, como tambem se será preciso remetterlhe maior quantidade. Deus Guarde a V. Exa. Palacio de Nossa Senhora da Ajuda em 9 de Março de 1782. Martinho de Mello e Castro.

(Livro 14/572 da Correspondência para o Rio de Janeiro no Arquivo Ultramarino, fls. 127)

16

"Attendendo a antiguidade e merecimento do coronel enginheiro Francisco João Roscio que me tem feito como segundo comisario das demarcações do sul do Brazil; Hey por bem promovello ao posto de brigadeiro do mesmo corpo de engenheiro continuando o mesmo exercicio em que actualmente se acha empregado na capitania do Rio Grande de São Pedro. O Conselho Ultramarino o tenha assim entendido e lhe mande passar os despachos necessarios. Palacio de Quelus em 7 de janeiro de 1800, Com a rubrica do Principe N. Sr. Cumpra-se e registre-se. Lxl. 7 de fevereiro de 1800. Com 3 rubricas dos ministros de Estado.

(Arquivo do Conselho Ultramarino — Decretos, liv. 7, f. 19)

17

Dom João &c. faço saber aos que esta minha carta patente virem, que attendendo á antiguidade e merecimento do coronel engenheiro Francisco João Roscio, e aos serviços que tem feito, como segundo commissario nas demarcações no sul do Brasil; Hey por bem promovelo ao posto de brigadeiro do mesmo corpo de engenheiros, continuando o mesmo exercicio, em que actualmente se acha empregado na capitania do Rio Grande de São Pedro, e haverá o soldo que lhe tocar, etc. Dada na cidade de Lisboa aos 18 de abril de 1801. O Principe. Por decreto de Sua Alteza Real de 7 de janeiro de 1800.

(Arquivo do Conselho Ultramarino, Ofícios, lv. 49, f. 229)

18

Illma. Snra. D. Cypriana Antonia Pimenta de Bulhoens. — Minha Snra. do meu maior respeito, e estimação. A funebre participação do falecimento repentino acontecido na manhã do dia 10 do corrente mez do meu Brigadeiro, e bemfeitor o Sr. Francisco João Roscio, que Deos tenha no Ceo, he por muitos titulos de minha obrigação dirigir a V. S., sem demora, a fim de que remetendo a sua habilitação, e da Snra. D. Maria da Piedade mtº. minha Senhora a esta Villa de Porto Alegre, Capital da Capitania do Rio Grande de São Pedro, com a Procuração correspondente, possa quanto antes arrecadar o importe dos bens do sobredtº. falecido, dos quaes tem tomado conta a Thezourº. dos Defuntos, e auztes., depois de examinados, e mandados inventariar pelo Dezembargados Ouvidor da mma. Capitania; pois até o prezente não tem aparecido testamento, nem entre os papeis do Real Serviço; cuja arrecadação, e responsabilidade alem de me tocar como Official mais graduado dos tres, que nos achamos empregados na Demarcação de Limites, me foi encarregada pelo Governador da refª. Capitania. E para que

esta chegúe com a brevidade possivel á presença de V. S., a envio por 1.ª 2.ª e 3.ª via, hindo cada huma d'llas acompanhada da indispensavel Certidão d'Obito passada por India e Mina.

Se neste assumpto, assim como em qualquer outro do seu agrado, V. S. quizer servir-se do meu limitado prestimo, lhe rogo se persuada, que ninguém com mais esméro, e melhor vontade do que eu se empregará em ser util a V. S.

A fim de que V. S. me fassa a justiça acreditar na cenciridade (sic) destas expressoens contra qualquer diverso conceito, a que tenha dado lugar o meu comportamento, relativo ao silencio, que tenho observado desde que vim dessa Côrte, deixando de participar a V. S., ao Snr, Gregorio Rebello, e ao Sr. Francisco de Brito as mªs. noticias, devo asseverar a V. S. com verde., que esta falta tão repugnante á minha gratidão, e reconhecimento, teve o mais poderoso motivo, ou fundamentº. a que não me hera permitido rezistir, sem faltar á filial obediencia e arriscar-me a incorrer no desagrado de meu Pay; (q em paz descance) o qual me ordenou do modo mais positivo, que eu não devia escrever a V. S., e aos dos. Srs., sem me comprometer, e fazer suspeito ao referido meu Brigdº.

Agora porem, que não existe o sobredtº. motivo, permita-me V. Sa. todas as ocazions em que na execução da suas Ordens possa eu mostrar o empenho, e actividade com que me aplicarei a tudo qtº. V. S. fôr servida encarregar-me. Nesta inteligencia desde já digo a V. S. que avizo agora a meu Irmão Mauricio Manoel dos Stos. Comerciante na cidade do Rio de Janeiro, e Procor. que foi do mº. falecido, não tenha duvida aceitar qualqr. incumbencia de V. S.

Se o que tenho exposto não for suficiente a justificar-me com V. S., como espero da sua grande bondade, o tempo, e a experiencia para qm. apelarei, mostrarão em meu abono, que estas expressoens toscas, mas ingenuas, não são illuzorias; porem sim dictadas pelos sentimos. puros, que me inspira o mais vivo dezejo de em tudo quanto me for possivel servir, e prestar com a melhor vontande a V. S., cuja

vida gde. Deos mº as. com perfeita saude como lhe apeteço. Porto Alegre 17 de Outubro de 1805. De V. S. — O mais reconhecido, e fiel Criado, Francisco das Chagas Santos. P. D. — Rogo a V. Sa. me ponha aos pés de todas essas Snras. com as mais obsequiozas expressoens, e ao Sr. Francº. de Brito, a qm. não escrevo agora por falta de tempo, o q farei em outra ocazião.

Julgo q o liquido, ou importe dos mencionados bens chegará depois de pagas todas as despezas a 12$ Cruzados pouco mais, ou menos. — 3.ª via.

(Do Arquivo Particular do *General Brito Rebêlo* — Lisbôa.)

Paleontologia do Rio Grande do Sul

INTRODUÇÃO

A Paleontologia brasileira tem feito, ultimamente, notáveis progressos, saindo da obscuridade quase total em que se achava mergulhada até pouco tempo, graças às pesquisas e estudos de John Casper Branner, I. C. White, David White, Charles F. Hartt, Orville Derby, Eduard Drinker Cope, A. de Lapparent, Nathaniel Plant, Emmanuel Liais, D. Carlota Joaquina Maury, Friedrich von Huene, Llewelyn I. Price, no nordeste, sul e em outros pontos do país, de Peter W. Lund e, ultimamente, Anibal Mattos, Arnaldo Cathoud, Harold Walter e outros, nas cavernas de Minas Geraes, Tupí Caldas, no Rio Grande do Sul, e de tantos outros geólogos e paleontólogos estrangeiros e nacionais, cujos recentes trabalhos muito têm contribuído para tal desenvolvimento.

Não podemos deixar de citar também os Drs. Euzébio Paulo de Oliveira e Matias Gonçalves de Oliveira Roxo, duas das figuras de maior destaque do benemérito **Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil** e da ciência nacional, como dois grandes e legítimos fomentadores dos estudos paleontológicos em nossa pátria. O Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, ao qual devemos publicações valiosíssimas (boletins, monografias), tem publicado notáveis trabalhos dêsses dois eméritos cientistas.

— O Rio Grande do Sul é um dos Estados brasileiros que mais têm contribuído para o progresso da Paleontologia, em nossa pátria.

Podemos afirmar que as últimas e importantíssimas descobertas paleontológicas efetuadas no Estado mais meri-

dional do Brasil, assim como o interêsse cada vez maior que se nota por esta classe de estudos em nossa gente, levantaram definitivamente a densa penumbra em que, até há pouco, se ocultava ao nosso conhecimento o quanto de interessante e importante contêm as formações geológicas sul-rio-grandenses, no que diz respeito a um dos mais fascinantes ramos da História Natural: a Paleontologia.

O território gaúcho, como campo de investigação paleontológica, é de tão elevado valor científico que já atraíu ao Brasil expedições estrangeiras importantíssimas, chefiadas por verdadeiros sábios, como Huene, o grande paleontólogo alemão, e Price, o notável cientista do Museu Harvard de Zoologia Comparada, de Cambridge (E. U.).

Os governos do Estado e da União, por intermédio de seus respectivos Serviços Geológicos, devem tomar a seu encargo a continuação e a intensificação de tais pesquisas e estudos, tão brilhantemente iniciados por paleontologistas nacionais e estrangeiros.

— No dizer pitoresco do agrimensor Sr. Vicentino Prestes de Almeida, infatigável e notável descobridor de jazidas fossilíferas, no Estado, o Rio Grande do Sul é um verdadeiro "celeiro paleontológico" e, portanto, um campo ideal para pesquisas de tal ordem.

— Inúmeras são as jazidas de vertebrados fósseis, principalmente, já descobertas em diversos de seus municípios (São João do Montenegro, Rio Pardo, Taquarí, Venâncio Aires, Cachoeira, Pinheiro Machado, São Pedro, Santa Maria, São Vicente, São Gabriel, Santa Cruz, Farroupilha, Bagé, Santana do Livramento, Quaraí, D. Pedrito, Caçapava, etc.). Só o Sr. Vicentino Prestes de Almeida — segundo nos declarou — conhece a existência de 64 jazidas fossilíferas, em todo o Estado, algumas já exploradas, outras (a maioria) ainda por explorar, sendo a maior parte triássica e repartindo-se as demais entre o Permeano e o Pleistoceno (Diluviano).

— Em São Pedro, por exemplo, existem jazidas importantes, em tais condições. Aquele município já forneceu à

ciência **Dicinodontes, Rincocéfalos, Parasuquios** (um esqueleto completo foi levado por Huene para a Alemanha) e — segundo o Sr. Vicentino Prestes de Almeida — até **Pterosáurios** e **Dinosáurios** existem em suas jazidas.

— Tôda a região da baixada rio-grandense tem sido mais ou menos explorada neste sentido. As suas formações são, principalmente, secundárias, tendo fornecido restos fósseis de repteis, alguns mesmo peculiares ao Estado (**Scaphonyx, Stahleckeria, Cephalonia, Gomphodontosuchus,** etc.).

A orla da Serra e o próprio planalto rio-grandense devem interessar também os pesquisadores, pois, por incluírem formações geológicas mais recentes (Terciário?) que a região da depressão central (Secundário), a mais explorada até agora, devem incluir também formas fósseis diversas, principalmente no que concerne à Paleontologia mamalógica. Fatos que bem evidenciam tal assertiva são as descobertas de restos dum **Mastodonte,** em Iraí (1936) e dum **Equus,** em Farroupilha (1938), descobertas essas feitas ao acaso, por pessôas desinteressadas em pesquisas paleontológicas e alheias, pois, a tais estudos.

— Já nos referimos ao interêsse tomado pelo Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, no tocante às pesquisas que lhe competem efetuar em todo o território brasileiro. Não lhe temos poupado encômios calorosos, pela manifesta bôa vontade com que tem sabido cumprir, na medida do possível, com tôdas as suas obrigações. Do govêrno da União esperamos, pois, um interêsse cada vez maior por esta ordem de pesquisas (geológicas e paleontológicas) cujo alto valor científico e também econômico (no que se refere à geologia) são evidentes, servindo de exemplo, para isso, o fato de serem tais pesquisas e estudos motivos para contínuas e importantes expedições científicas em países como os Estados Unidos, França, Inglaterra e Alemanha cujos governos não só organizam e subvencionam tais expedições, destinando-as à explorar os seus próprios territórios e também a efetuar explorações no estrangeiro, como mantêm Institutos e Museus, dedicados especialmente a tais estudos.

O Rio Grande do Sul é um dos Estados do Brasil menos favorecidos neste sentido, pois nem Museu possúe em condições, porque dizer que possue um Museu Júlio de Castilhos equivale quase a falar pela negativa, visto que a casa onde o mesmo está instalado é, por suas exíguas dimensões (foi a residência particular do Dr. Júlio de Castilhos), completamente inadequada para tal fim, estando com suas salas e porões abarrotados de material interessantíssimo, de alto valor pedagógico, mas infelizmente sem espaço onde possa ser exposto aos estudiosos e ao público, em geral; quando muito, está o material exposto ao pó e aos danos do tempo, a despeito de todos os cuidados e da grande bôa vontade de meia dúzia de abnegados funcionários, entre os quais devemos salientar — por um alto dever de justiça — o Dr. Eduardo Duarte, secretario perpétuo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, que tudo tem feito em prol do Museu, seja no sentido de conseguir um prédio perfeitamente adequado ao mesmo, como no de melhorar as condições de seu material e aumentá-lo, sem o ter, porém, conseguido. (*)

Nem todos compreendem infelizmente que um Museu bem organizado é uma casa de alta expressão cultural e pedagógica, que concorre poderosamente para elevar, no conceito do forasteiro, seja êle cientista ou simples curioso, o nivel cultural de um povo.

É mesmo quase inverosímil que uma cidade como Pôrto Alegre, que figura, sem dúvida, entre as quatro primeiras do Brasil e que possue também a sua Universidade, não disponha dum Museu modêlo em que os seus estudiosos possam completar, com grande proveito, as suas observações e aprimorar, pois, os seus conhecimentos, visto que, como já dissemos, um Museu bem organizado é um centro de grande e indiscutível valor pedagógico.

(*) Devemos dizer, porém, que o Dr. Emílio Kemp, recentemente nomeado diretor do Museu Júlio de Castilhos, tudo tem feito para melhorar as suas condições.

Oxalá compreenda o Estado Novo esta necessidade, dando-nos em breve um Museu perfeitamente organizado, pelo menos nos ramos da História Natural e da Etnografia, que seja bem uma expressão do alto nivel cultural de nossa gente e que não se limite a expor o material científico adquirido inicialmente e recebido daquí e de acolá mas que organize oportunamente expedições científicas, destinadas a explorar os quatro cantos do Estado, em busca de material e conhecimentos novos para a ciência.

— Outro fato para o qual queremos chamar a atenção dos poderes competentes é o da evasão quase contínua de nosso material científico para o estrangeiro. Peças fósseis esplendidas e mesmo esqueletos inteiros de animais extintos e raros para a ciência, de valor inestimável, têm sido encaminhados para diversos Museus estrangeiros, na grande maioria das vezes, com o beneplácito de nossas autoridades.

Bem sugestivo é o seguinte fato que nos foi relatado pelo Sr. Celso M. Schröder, de São Gabriel, do qual o Correio do Povo, desta capital, teve conhecimento, por correspondência que lhe foi enviada daquela cidade, em 16 de agôsto de 1935:

"Há alguns anos, o desbarrancamento fortuito de uma sanga, situada nos campos do sr. Homero Zambrano, em Águas Claras, 2.º distrito dêste município, pôs à mostra gigantescas ossadas de animais prehistóricos. Sabedor dessa ocorrência, apareceu no local um senhor de nacionalidade alemã, o qual procedeu a escavações, retirando grande número de fósseis que foram acondicionados em caixotes, afim de serem expedidos pela Viação Férrea, com destino à Argentina. Tendo-se espalhado êste desígnio do referido cavalheiro, um belo dia dirigiu-se a Águas Claras uma fôrça policial, para obstar que os aludidos fósseis fôssem removidos para o estrangeiro, o que determinou a fuga precipitada do citado pesquisador, ficando em abandono numerosas ossadas já trazidas à luz do dia. Os poderes públicos não tomaram outra qualquer medida a respeito, quando deveriam interessar-se para que fôssem recolhidos a algum museu os

fósseis já desenterrados e prosseguidas as escavações iniciadas, com o fim de se descobrir outros idênticos ou, quiçá, mais interessantes para a Paleontologia. Agora, que estamos na época da Exposição Farroupilha, achamos oportuno lembrar essas ocorrências, afim de que os poderes públicos tomem alguma iniciativa a respeito."

E, desde a época da Exposição Farroupilha até hoje, lá se foram mais quatro anos em que nada se fêz neste sentido. (*)

— Achamos, até certo ponto, justo que as expedições científicas estrangeiras levem para os seus museus as peças encontradas em duplicata e que levem também, **com a condição expressa de as devolverem, depois de classificadas,** as que forem únicas mas cuja classificação depender de recursos técnicos especiais e do indispensável material comparativo, só existentes nos grandes Museus, pois, para o verdadeiro naturalista, só o fato de consignar uma nova descoberta é uma honra bastante grande para dispensar qualquer outra honra e mesmo qualquer provento de ordem material.

Doutro modo, muito tempo nos custará a organização dum Museu ou duma galeria paleontológica em condições e muito mais numerosas serão as vezes em que os nossos naturalistas, por falta de elementos comparativos, não possam deixar de depender do auxílio estrangeiro, para a classificação dos espécimes fósseis encontrados em nosso território.

— E, agora, antes de entrar na apreciação propriamente dita da Paleontologia do Rio Grande do Sul, vamos traçar, em rápidas linhas, o seu histórico.

— Podemos dizer que foi o malogrado naturalista prussiano Franz Sellow quem, em 1821, lançou as bases da geologia histórica do Rio Grande do Sul.

(*) Êste trabalho já estava composto quando soubemos que o Dr. Emílio Kemp, diretor do Museu Júlio de Castilhos, enviára a S. Gabriel o Sr. Augusto Bianchi F.º quem recolheu os ditos fósseis que se acham incorporados ao patrimônio do museu.

Em abril de 1869, Nathaniel Plant (1) coligou restos de vegetais fósseis numa jazida hulhífera dos vales do Jaguarão e Candiota, fósseis êsses que foram descritos, no mesmo ano, por W. Carruthers (2).

O geólogo e etnógrafo prof. Hartt (3), em 1870, referiu-se também a estes fósseis, citando, além dêles, pela primeira vez, os gêneros Glossopteris e Lepidodendron.

Ainda em 1870, uma expedição do Museu de Anatomia Comparada, da Universidade de Harvard (Cambridge — E. U.) realizou pesquisas geológicas na terra gaúcha.

Dois anos após, E. Liais (4), naturalista e sobretudo astrônomo e geógrafo, a serviço do govêrno brasileiro, deu a conhecer restos de Glossopteris, Sphenopteris e algumas Calamitas da bacia do Jaguarão e Candiota.

Em 1901, segundo comunicação que tivemos do Sr. Celso Schröder, de São Gabriel, foram encontrados em Pau Fincado, 2.º distrito daquele município, ossos semi-petrificados que, pelo tamanho e conformação, pareciam ser dum Megatério. Em 1902, o Dr. Jango Fischer, residente em Santa Maria da Bôca do Monte, enviou ao Dr. H. von Ihering, então diretor do Museu Paulista, alguns ossos fósseis que encontrou nas proximidades daquela cidade, restos êsses que foram classificados pelo naturalista Arthur Smith Woodward (5), do Museu Britânico, para onde foram remetidos posteriormente, como de um réptil triássico (**Scaphonyx**), o primeiro réptil fóssil terrestre descoberto na América do Sul.

White (6), em 1908, fêz referências aos vegetais fósseis descobertos nas jazidas carboníferas do Estado.

Em 1927-1928, o paleontologista alemão F. von Huene (7), da célebre Universidade de Tübingen (Wurtemberg), a quem muito deve a Paleontologia do Rio Grande do Sul, veio a êste Estado, atraído pelas jazidas fossilíferas de Santa Maria, acompanhado pelo Dr. Rudolf Stahlecker, tendo escrito importantes estudos sôbre os nossos répteis fósseis.

Em 1929, alguns geólogos alemães descobriram em Guarita e Águas Claras, 2.º distrito de São Gabriel, alguns res-

tos de répteis fósseis, remetendo-os para o estrangeiro, mas, como não tinham autorização do govêrno do Estado, para proceder tais pesquisas, foram obstados na continuação das mesmas pelas autoridades policiais, deixando aquí os ossos dum Rincocéphalo de regular tamanho, peças essas que, já gessadas, foram depois guardadas, durante algum tempo, pelo Sr. H. Zambrano, proprietário do terreno onde foi encontrada a jazida, a qual parece ser vasta, e por êste senhor remetidas depois ao Dr. Domingos Saibro, em Bela Vista, em cuja fazenda o "minhocão", como o apelidou o vulgo, deve estar até hoje.

Em 1932, o Sr. Atílio Munari, antigo empregado das Comissões geológicas que têm pesquisado a jazida da Alemôa, em Santa Maria, descobriu alí um réptil fóssil que sensacionalizou os meios científicos da capital gaúcha. Êste tão valioso fóssil que foi estudado pelos profs, Jací A. Louzada Tupí Caldas ([8]), Jorge Bahlis, padre Balduino Rambo e Drs. Guilherme Rau e Rudolf Gliesch e classificado na família dos Rincossáuridos, foi recolhido ao Museu estadual Júlio de Castilhos, em Pôrto Alegre.

Em 1934, foram descobertos restos fósseis no 7.º distrito de Rio Pardo, na fazenda do Dr. Homero Lopes de Almeida, que parecem ter pertencido a um réptil dinosauriano, segundo o prof. Tupí Caldas, embora o Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, em cujo museu estão recolhidos tais restos, considere-os como sendo de um mamífero Toxodontido.

Ainda em 1934, Evaristo Pena Scorza coligiu madeira fóssil no município de Venâncio Aires, linha Sapé, em terreno de idade provavelmente triássica.

Em 1936, o prof. Tupí Caldas apresentou um estudo ([9]) sôbre um crânio fóssil, encontrado no município de São Pedro pelo Sr. Vicentino Prestes de Almeida, antigo auxiliar de comissões geológicas estrangeiras no Estado e descobridor de jazidas de fósseis, atribuindo-o a um réptil teromorfo, anomodonte (dicinodonte.)

Em fevereiro de 1936, os Drs. Llewellyn I. Price e Theodore E. White, seu colaborador, ambos paleontologistas renomados, que se dedicam com especialidade ao estudo dos vertebrados fósseis, como membros do corpo científico da Universidade de Harvard (Cambridge) e pesquisadores do Museu of Comparative Zoology, anexo àquela Universidade, chegaram ao Rio Grande do Sul, com o intuito de explorar o solo e subsolo do Estado, em busca de fósseis.

Entrevistado pelos jornalistas, declarou o Dr. Price:

"Vimos ao Brasil com o único intuito de cooperar com os nossos colegas, cientistas brasileiros que se interessam diretamente pelas pesquisas geológicas e paleontológicas, já tão adiantadas no Brasil que apresenta, principalmente a parte sul, um ótimo campo de ação para o seu desenvolvimento".

"O nosso problema envolve a determinação da sequência das formações geológicas do Brasil e dos animais fossilizados que as mesmas contém. A formação geológica do Rio Grande do Sul é muito similar à da África do Sul e os animais fósseis são, particularmente, em muitas instâncias, os mesmos."

— Feita uma pausa, para entrar em minúcias sôbre o assunto, pormenorizando a parte técnica do mesmo, prosseguiu o cientista:

"O nosso principal interêsse, o que nos trouxe principalmente ao Brasil, é proceder um detalhado estudo comparativo da morfologia dêstes répteis fossilizados, procurando, assim, estabelecer uma correlação entre os dois continentes. E para isso, como não ignora nenhum paleontologista, é necessário reunir e preparar convenientemente muito material, sem o que o estudo não poderá ser completo."

"Como as faunas sul-africanas já estão grandemente exploradas, sendo inúmeras as expedições científicas que para alí se têm dirigido, todo o interêsse do mundo científico universal volta as suas vistas para a América do Sul que, podemos afirmar, muito oferece à paleontologia e à geologia, considerando-se, ainda mais, que êsses estudos fo-

ram iniciados há muito pouco tempo. O material que compõe a nossa coleção terá de ser estudado no Museu de Zoologia Comparada (Museum of Comparative Zoology, de Cambridge), devendo, após ser confrontado com as diversas coleções obtidas em outras partes do mundo."

— O cientista Price fêz ainda uma série de considerações sôbre o assunto e finalizou:

"Esperamos que os resultados que vamos obter não só servirão para melhor definir a geologia brasileira, mas também contribuirão para um maior esclarecimento dos estudos referentes às coleções dos primitivos répteis que muito se relacionam com os tipos ancestrais dos mamíferos."

— Os cientistas em questão visitaram diversos municípios do Estado, entre os quais Santa Maria, Bagé, São Gabriel, Santana do Livramento, Uruguaiana, Santa Cruz, Candelária, São Pedro e São Borja, tendo operado apenas nos de Santa Maria e Candelária.

Em Santa Maria foi recolhida ótima coleção de Rincosauridos, talvez a melhor até hoje encontrada. Compõe-se tal coleção de muitos e diversos exemplares que permitem fazer uma reclassificação exata dessa família.

Em Candelária foram descobertas diversas jazidas riquíssimas em fósseis e **uma fauna quase que totalmente desconhecida no continente americano** e importantíssima para os estudos paleontológicos do Brasil. E' o que confirma Price, numa comunicação particular que nos fêz:

"Bôa parte de nossa coleção será de animais novos para a ciência, como o material que von Huene nos mostra."

Dos exemplares retirados de Candelária constam alguns Dicinodontes e outros cuja classificação só poderá ser feita depois de preparados no laboratório do Museu de Anatomia Comparada da Universidade de Harvard. Foi encontrado também material suposto de Cinodonte.

— Nos fins do ano de 1936, alguns engenheiros das Obras Públicas do Estado encontraram, quando procediam a uma grande escavação em Iraí, na região norte do Estado, quase na fronteira de Santa Catarina, destinada às obras

dum grande balneário modêlo de água termo-mineral, diversos ossos fossilizados, de mamíferos, entre os quais restos de Mastodontes, ossos êsses que se acham recolhidos ao Museu Júlio de Castilhos, em Pôrto Alegre.

Em fins de 1938, foram descobertas, quando se procedia a uma escavação, em profundidade máxima de 1 metro, em terreno de propriedade do Sr. Emílio Fetter, município de Farroupilha, a 800 metros acima do nivel do mar, em solo cultivado após ter sido desmatado um enorme pinheiral cuja derrubada foi feita há uns 25 anos, algumas peças fósseis que se relacionam, sem dúvida alguma, ao gênero Equus. Encarregou-se do estudo dessas peças o prof. Tupí Caldas que apresentou um trabalho a respeito ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

Em abril de 1939, chegou ao Museu Júlio de Castilhos uma enorme tíbia fossilizada que foi atribuída ao gênero Megatherium, bem como dois outros fragmentos de um osso longo, procedentes do lugar denominado Vertente, no município de Pinheiro Machado.

— Tal é, em síntese, a história da Paleontologia do Rio Grande do Sul que muitas surpresas ainda nos reserva, sem dúvida.

Pôrto Alegre, maio de 1939.

Carlos de Paula Couto

1.ª PARTE: PALÆO-ZOOLOGIA

INVERTEBRADOS FÓSSEIS DO RIO GRANDE DO SUL

E' insignificante o número de invertebrados fósseis, encontrado até agora no Estado. Apenas temos notícia a respeito de conchas fósseis de moluscos marinhos, entre as quais algumas conchas de **Ostréa Virgínia, Ostréa Pulchener e Ostréa brasiliensis,** lamelibranquios, bem como de restos de gasteropodos, todos descobertos na região litorânea, de formação recente (Pleistoceno).

O Sr. De Paranhos Antunes possue, em sua coleção, um objeto que, por sua forma mais ou menos circular e regular, com três prolongamentos visíveis, embora truncados, e vestígios inequívocos de outros dois (Plancha I, A e B), isto é, por sua simetria radiada, pentâmera, cavidade central, lembrando uma cavidade visceral, lados levemente côncavos, forma geral estelar, achatada, não nos parece ser senão um equinoderma fóssil, pertencente à classe dos **Asteróides** (Estrêlas do Mar) e ordem dos **Stellerideos,** de gênero indeterminado, embora haja quem acredite que não se trate senão dum simples fragmento de rocha, cuja forma singular seja devida a um mero "lusus naturæ".

Tal espécime provém do município de Caçapava (Paleozóico?).

RÉPTEIS FÓSSEIS DO RIO GRANDE DO SUL

As jazidas de répteis fósseis do Estado são relativamente numerosas. Uma das mais célebres e exploradas, embora talvez não a mais importante, é a da Alemôa, de formação triássica, situada nas cercanias da cidade de Santa Ma-

ria da Bôca do Monte, para onde têm sido atraídos diversos paleontologistas nacionais e estrangeiros, alguns mesmo de renome mundial (Huene, Price). Desta jazida foram extraídos principalmente répteis Rincocéfalos; dalí saíu, em 1902, o primeiro réptil fóssil terrestre encontrado na América do Sul, o **Scaphonyx Fischeri,** de Woodward.

Os répteis fósseis até agora encontrados no Estado e devidamente classificados agrupam-se em 3 ordens: **Theromorpha, Rhynchocephalia** e **Thecodontia.**

Adotaremos aquí, tanto no estudo dos répteis, como no dos mamíferos fósseis do Rio Grande do Sul, a classificação adotada na última edição inglesa do grande e insuperável "Tratado de Paleontologia", de Karl Alfred von Zittel ([10]), revista e aumentada por Sir Arthur Smith Woodward, do Museu Britânico, seguindo esta mesma obra e mais a sua edição francesa ([11]), bem como Edmond Pérrier ([12]), Marcellin Boule ([13]) e L. Vialleton ([14]), na citação dos caracteres de cada grupo (ordem, sub-ordem, família, etc.) e gênero.

Dentro de cada família, estudaremos apenas os gêneros mais típicos e os já encontrados no Rio Grande do Sul.

•

I — ORDEM THEROMORPHA

(**Anomodontia** R. Owen; **Theromora** E. D. Cope, 1880)

Esta ordem encerra répteis terrestres primitivos, cujo esqueleto apresenta muitas afinidades com o dos mamíferos. Crânio com forâmen parietal ou pineal frequente. Osso quadrato fixo, soldado com os ossos vizinhos, do crânio. Arco temporal único. Dentes tecodontes, implantados em alvéolos de forma mui variada, nos bordos dos maxilares, e às vezes também presentes no palato ou completamente ausentes. Vértebras amphicoelicas. Costelas torácicas anteriores longas, de duas cabeças. Sacro composto por 2 a 6 vértebras, frequentemente soldadas. Úmero com forâmen

entepicondiloídeo. Pubis e ísquion achatados, solidamente fundidos num só osso sem denominação especial, por uma robusta sínfise ventral, apresentando o primeiro um forâmen. Ossos da cintura escapular ou peitoral igualmente soldados e imobilizados na fossa articular do úmero. Patas pentadáctilas, próprias para a marcha.

"Êste grupo — diz Vialleton (14) — encerra Répteis que, embora mui antigos, pois remontam ao Permiano, são também já mui diferenciados, pois alguns apresentam caracteres que os aproximam dos Mamíferos, e a maior parte não se arrastava, como os Lagartos, mais elevava mais ou menos o seu corpo acima do solo. Entretanto, sua idade geológica, suas vértebras amphicoelicas, às vezes com restos de corda, o crânio de abóbada contínua, como a dos Stegocephalos, apresentada por alguns indivíduos, fazem dêles um tipo primitivo, pouco mais ou menos como os Rincococéfalos, e dos quais se originaram talvez outras formas. Os mais antigos remontam ao Permiano e os mais recentes, ao Trias, depois do qual não subsistiram."

"Nenhuma outra ordem de répteis (exceto as tartarugas) — escreve Zittel (11) — possue um osso sem denominação própria, proveniente da fusão do ísquion e do pubis; o orifício entepicondiloíde do úmero, tão característico, não se acha senão no **Sphenodon,** entre os répteis atuais, mas é encontrado também nos mamíferos monotremos (**Ornithorhynchus** e **Echidna**), nos **Didelphys,** em numerosos roedores, desdentados, insetívoros, carnívoros (gatos, subsursídeos, lontras, glutão), **Creodontia, Condylarthra, Tillodontia,** lemurianos e macacos. A fusão do coracóide com a omoplata e a redução do primeiro lembram, por um lado, os **Salamandridæ,** por outro, os **Mamíferos.** No que diz respeito aos mamíferos, podemos também comparar melhor a diferenciação dos dentes, perfeitamente insólita para os répteis, em incisivos, caninos e molares, se bem que as raízes geralmente simples e as corôas ordinariamente duma única protuberância guardam sempre o caráter do dente reptiliano. A sólida união do osso quadrato com os ossos

vizinhos, do crânio, distingue os Theromorphos dos lagartos, serpentes e Pitonomorfos, e a falta dum segundo arco temporal afasta-os dos crocodilos e dos Rincocéfalos."

A — Sub-ordem DICYNODONTIA

(Anomodontia Owen)

Répteis de crânio largo e maciço, de face relativamente curta, completamente ossificado, com largas fossas temporais superiores e forâmen pineal. Os dentes ou são simples, apresentando-se numa ou mais filas, ou são limitados a um par de fortes e longos caninos superiores, de crescimento contínuo às vezes também inexistentes. Palato desdentado. Bordos dos maxilares superior e inferior desprovidos de dentes, talvez protegidos por um bico córneo. Narinas laterais, separadas. Intermaxilar ímpar. Vértebras amphicoelicas, sem intercentros ou hipopófises. Costelas longas e arqueadas, apresentando as anteriores duas cabeças. Sacro composto por cinco ou seis vértebras, soldadas entre si.

Aos Dicinodontia pertencem répteis de talhe mui variável, oscilando entre o de um rato e o de um tapir, sendo a maioria, entretanto, de grande talhe. Pertencem aos depósitos do Permiano médio e superior e aos depósitos triássicos superiores (formação Karoo, do sul da África; Brasil meridional, Índia, Rússia setentrional, Escócia). Morfológicamente, lembram os lagartos. Nas estruturas de seu crânio e esqueleto reúnem, dum modo bem particular, caracteres próprios das tartarugas, lagartos, crocodilos, batráquios e mamíferos. As suas robustas patas, pentadáctilas, permitiam-lhes marcha idêntica à dos mamíferos, isto é, sem arrastar o ventre no solo, como fazem os sáurios atuais. Alguns, talvez, fôssem amfíbios. Desconhece-se o seu regime alimentar.

— No Estado do Rio Grande do Sul, município de São Pedro, foi encontrado pela missão chefiada pelo eminente paleontologista alemão Friedrich von Huene abundante material de Dicinodôntios, que foi levado para a Alemanha,

com exceção dum exemplar, ora recolhido ao Museu Júlio de Castilhos, em Pôrto Alegre. Também a missão americana, enviada pelo Museum of Comparative Zoology, da Universidade de Harvard (Cambridge — E. U.), chefiada por Llewellyn I. Price, homem de ciência de vastos méritos, recolheu importante material em algumas jazidas do Estado, transportando-o para os Estados Unidos.

a) Família Dicynodontidæ

Dentes reduzidos a um simples par de presas, sendo alguns tipos (provavelmente as fêmeas) completamente desdentados.

Permiano ao Triássico.

Dicynodon Owen (**Oudenodon, Platypodosaurus** Owen; **Aulacocephalus, Dicranozygoma, Eurycarpus, Keirognathus, Rhadiocephalus, Rhachiocephalodon** Seeley). Animaes de grande talhe, crânio sólido, com comprimento variável entre 12,5 cms. a 60 cms., mais longo que largo, de altura média, fracamente curvado para cima, desprovido de crista parietal. Dois grandes caninos superiores, em forma de defesas (Plancha I-C); nenhum dente inferior. Bico córneo. A região parietal e a região frontal passam insensivelmente, formando arco, à região nasal. Côndilo occipital triplo, isto é, formado por peças separadas, provenientes do basi-occipital e dos occipitais laterais. Grandes narinas laterais. Sacro formado por 5 ou 6 vértebras, índice duma bacia mais sólida que a dos répteis atuais, sendo a inserção dos ilíacos sôbre o sacro preacetabular, como nos mamíferos, ao contrário dos demais répteis. O pseudo **Oudenodon**, de Owen (Plancha I-D), completamente desdentado, é considerado por Zittel, Woodward, E. Périer, Vialleton e outros simplesmente como representantes de indivíduos fêmeas.

Os Dicinodontes são característicos do Permiano médio ao Trias superior (Plancha I-E). São abundantes na formação Karoo (Trias) da África meridional, sendo alí encontrados principalmente na cadeia do Winterhœk, nos

Stornemberg, sôbre o rio Gats, em Graaff-Reinet, em Fort-Beaufort, na Colônia do Cabo; sôbre o rio Gonzia, na Cafrária, e no Estado livre de Orange. Richard Owen descreveu 12 espécies, muitas das quais estão representadas no British Museum por crânios assaz completos e são de talhes extremamente variáveis (Zittel).

O Sr. Vicentino Prestes de Almeida descobriu, em terreno triássico do município de São Pedro, em 1934, um crânio, restos de mandíbula e algumas outras peças fósseis que pertenceram, sem dúvida, a um dicinodontio, talvez a um Dicynodon propriamente dito, dadas as suas características (Plancha II). O crânio, segundo o prof. Tupí Caldas (Fig. 1), que estudou tais peças (9), mede, na parte interna, 30,5 cms. de comprimento, apresentando, segundo o mesmo professor, relações de semelhança com o do **Dicynodon Sollassi** von Huene, da África meridional.

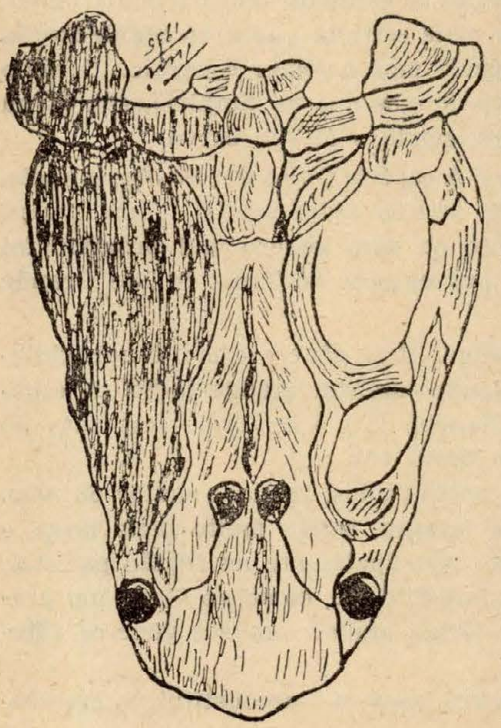


Fig. 1 Desenho esquemático do crânio do Dicinodôntio de São Pedro (**Diodontosaurus pedroanum** Tupí Caldas), visto de baixo.

O prof. Tupí Caldas atribuiu a êste espécime a denominação genérica de **Diodontosaurus** e a específica de **D. pedroanum.**

— Segundo nos informou particularmente o Sr. Llewellyn I. Price, do Museu de Zoologia Comparada, da Universidade de Harvard (Cambridge - E.,) já se encontram inteiramente preparados naquele Museu dois esqueletos e um crânio de **Dicynodontes,** provenientes do

município de Candelária, ainda não estudados mas que devem ser animais novos para a ciência.

Duas espécies novas foram fundadas por Huene sôbre restos provenientes do Trias do Rio Grande do Sul: **Dicynodon tener** e **D. turpior.**

O **D. tener** é um tanto pequeno e acha-se representado apenas por algumas partes do crânio e do esqueleto. O crânio distingue-se por um singular preparietal grosso, de bordos contínuos. Tendo sido encontrado regular número de ossos cranianos, foi possível fazer-se a reconstituição do crânio. A mandíbula apresenta um delgado canino. As vértebras são mui delicadas. Também foi encontrado um pequeno ílion.

O **D. turpior** é maior e mais frequente que a espécie anterior. Tem o maxilar armado com duas defesas relativamente grossas e mui longas. A escápula tem particularmente um alto acrômio; é bem mais estreita que a do **Stahleckeria.** O úmero é largo e comprido mas o fêmur é esguio. O rádio e o cúbito são muito mais longos que no **Stahleckeria,** assim como a tíbia e o perôneo, sendo o último curvo.

Kannemeyeria Seeley. A espécie típica é o **K. simocephala,** do Trias do Cabo (sul da África) (Plancha III). Uma gigantesca espécie dêste gênero ou dum gênero mui próximo foi citada por Huene como proveniente do Trias do Rio Grande do Sul.

Stahleckeria von Huene. Êste gênero é muito aproximado do anterior, apresentando também grande talhe. A espécie **St. potens** Huene (Plancha IV) é do Trias (camadas do Rio do Rasto), de Santa Maria (*).

Três crânios foram encontrados, tendo o maior 68 cms. de comprimento e 74 de largura, sendo muito mais largo e relativamente mais curto, principalmente na região parietal, que o do **Kannemeyeria,** faltando-lhe, como no dêste, um preparietal que se nota, em forma anular, noutros gêneros (**Megacyclops, Eocyclops**).

Do crânio 1 foi possível fazer-se a reconstituição em gês-

(*) Vide Apêndice: "Notas sôbre despojos de Répteis fósseis".

so do encéfallo que é de pequeno comprimento, comunicando-se com a grande e comprida cavidade infundibuliforme que conduz ao **forâmen parietal;** tem diversas amplificações, entre as quais duas, a meia altura, dirigidas para a frente; a abertura superior é de mui consideráveis dimensões. Na cavidade craniana, acham-se, de cada lado, além dos orifícios que serviam de passagem aos condutos nervosos e aos vasos, uma depressão hemisférica, no fundo do encéfalo, para a **cóclea.** A **sela túrcica** é muito alta; no fundo das hipófises, se reconhece a dupla abertura que dá entrada às carótidas.

Nos crânios 2 e 3, são bem nítidas as suturas dos ossos cranianos exteriores, bem como, em parte, as das peças descobertas isoladamente. Bem reconhecível é o alto **epipterigóide,** com a sua larga base. Entre êste último e o **quadratum,** resta um espaço que, sem dúvida, se achava ocupado, em vida, por um resto persistente de cartilagens palatoquadratas. Verificam-se também, nitidamente, as relações recíprocas entre os pterigóide, preesfenóide, prevómer, etimóide e órbito-esfenóide. Mui bem conservados estão os quadratos e quadrojugais que, devido às suas grandes proporções, podem ser facilmente examinados em seus detalhes. Na mandíbula, o prearticular é uma longa e larga lamela, cuja metade anterior é coberta pelo esplenial, de modo que parece muito menor numa mandíbula indivisa. Além disto, há um longo **complementar** que, porém, se acha totalmente coberto pelo **supraangular** e **dental,** de modo que também não pode ser notado no todo inteiriço do maxilar. Bem desenvolvida é a apófise cervical ínfero-posterior. Os maxilares, que são desdentados, deixam observar, porém, um bem desenvolvido **processus caniniformis.**

Como tôdas as partes do esqueleto se acharam isoladas em seu jazigo, não foi possível determinar perfeitamente o número das vértebras pre-sacrais. Devem-se admitir 25 ou 26. As vértebras são curtas, principalmente as cervicais; as apófises espinosas são longas e estreitas mas engrossadas na região subdorsal. O sacro é composto por 8 vértebras. A cauda é bem curta. Uma das duas **escápulas** encontradas possue, no

ponto em que seria eventualmente de esperar um resto do **cleithrum,** uma grande cavidade afunilada que penetra longitudinalmente no osso; talvez provenha dum cleithrum rudimentar, cartilaginoso. Precoracóide, metacoracóide e clavícula estão bem conservados, não tendo sido encontrada a interclavícula. Em compensação, foi descoberto um belo esterno que apresenta vestígios da soldadura de duas costelas. O úmero é curto e tosco. A ulna apresenta um alto olécrano. O corpo e a mão estão incompletos. Uma peça chata, curta, larga e grossa é indicada como sendo o primeiro metacarpo (I). As falanges são finas e largas. O ílion tem na frente uma parte chata, enorme, que termina, lateral e inferiormente, em forma recurva. O pubis e o ísquion, relativamente pequenos, deixam entre si uma **fenestra obturatória:** ambos são soldados entre si; a parte que tomam no acetábulo é considerável. O fêmur tem uma enorme cabeça hemisférica, pela qual se articula com o osso ilíaco, e uma longa crista que constitue o grande trocânter. A tíbia é muito curta. O perôneo é longo; sua extremidade distal encurva-se para a tíbia. O tarso e o pé são conhecidos incompletamente. O pé é menor que a mão; as garras assemelham-se às da mão, porém são mais delgadas.

Entre os numerosos restos de **Stahleckeria** estabeleceram-se algumas pequenas diferenças que — segundo Huene — indicam a possível existência de duas espécies, o que talvez possa ser confirmado por achados mais positivos e relacionados. A despeito das diferenças que se podem mencionar entre crânios, vértebras, escápulas e ílions, o autor não quis entretanto adotar, pelo menos por ora, uma segunda denominação específica.

B — Sub-ordem THERIODONTIA

Teromorfos carnívoros ou insetívoros, com dentição especializada, semelhante à dos mamíferos, pois os seus dentes marginais são diferenciados em incisivos, caninos, premolares e molares, situando-se os caninos inferiores na frente dos superiores, como nos mamíferos. São répteis de construção

leve, cujo crânio apresenta uma fossa temporal, limitada por um forte arco temporal, uma face relativamente larga, abertura nasal terminal (simples ou par) e comumente um forâmen pineal; nota-se também um osso postparietal, sendo o esquamosal mui largo e o quadrato mais ou menos reduzido. Intermaxilar par. Largo processo coronóide na mandíbula. Alguns intercentros entre as vértebras cervicais; duas a quatro vértebras sacras, não soldadas.

"De todos os Répteis — diz Zittel (11) — são os Teriodontes que têm os dentes mais acentuadamente diferenciados; os incisivos (pseudo-incisivos) são separados (como nos carnívoros) dos molares (pseudo-molares) por um canino (pseudo-canino) mais ou menos proeminente, às vezes cortante na parte anterior e na posterior, sendo os incisivos, comumente, muito mais fortes que os molares. O canino do maxilar inferior encaixa-se adiante do canino do maxilar superior, na série dos dentes superiores. Todos os dentes são implantados em profundos alvéolos e não parecem ser substituídos, pois nunca se observaram dentes de substituição nos maxilares. A polpa forma uma profunda depressão cônica na extremidade posterior".

Numerosos gêneros pertencem a esta sub-ordem, sendo típico o gênero **Cynognathus,** animal de grande talhe. O gênero **Tritylodon** é classificado diversamente pelos autores entre os répteis teriodontes ou entre os mamíferos multituberculados (Marsupialia), havendo mais tendência para a última classificação, fato que bem evidencia o alto grau de especialização a que chegaram os répteis teriodontes.

São próprios do Permiano e Trias, variando em talhe entre uma lontra e um leão.

"Manifestam, na maior parte de seus órgãos — diz Boule (13) — uma tendência mui nítida para a classe mais elevada do reino animal".

São encontrados principalmente nas camadas triássicas de Karoo (África meridional), donde foi retirado o gênero típico — **Cynognathus,** e no Permiano do Texas (E. U.).

Alguns gêneros são conhecidos na América do Sul.

Formas e proporções mui variáveis dum para outro gênero, sendo o talhe muitas vezes comparável ao dos grandes carnívoros atuais. São representados também na Europa.

"TRIBU CYNODONTIA"

A estreita região intertemporal do crânio é formada principalmente pelos parietais, sendo o forâmen pineal pequeno ou inexistente. Abóbada palatina secundária bem constituída. Os molares são mais ou menos tuberculados.

Entre os teromorfos, os cinodôntios são os que mais se aproximam dos mamíferos; estão êles na linha reta da escala da evolução zoológica e é nêles que se encontram as bases



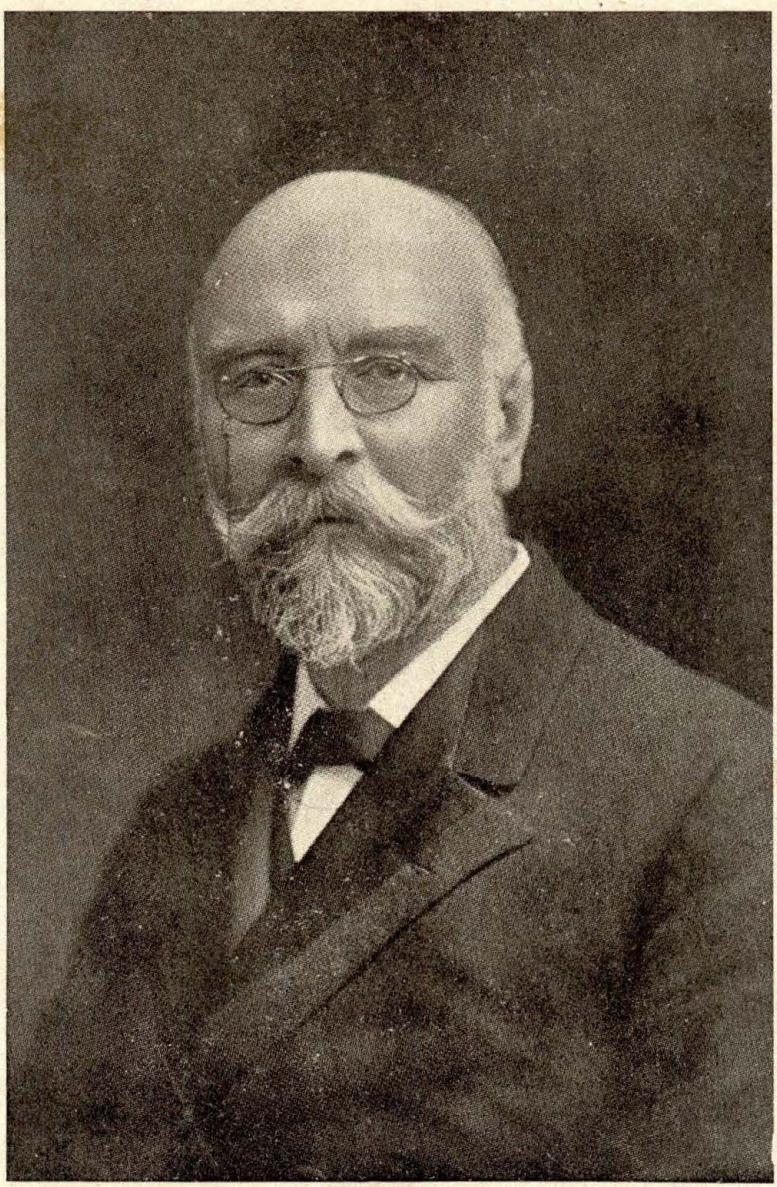
Fig. 2 — Crânio dum cinodôntio: **Galesaurus planiceps** Owen, do Trias sul-africano, notável por seu crânio achatado, de 10 cms. de comprimento.

do desenvolvimento dos mamíferos, como mui bem afirma Price. São, pois, por assim dizer, os mais "teromorfos" de todos os teromorfos.

a) Família Chiniquodontidæ Huene (*)

Molares multituberculados. Crânio mais ou menos das proporções dos **Galesauridos** (Fig. 2), com região temporal relativamente longa, focinho bastante curto, ampla arcada zigomática, alta curvatura atrás da maxila e sob a órbita (o que não se verifica em nenhum Cinognatido) e largo véu palatino na abóbada secundária.

(*) Adotamos aqui, para os cinodôntios, a classificação criada por Huene relativamente às famílias sul-americanas.



Sir Arthur Smith Noodward, o eminente Geólogo e paleontôlogo inglês, a quem devemos importantes estudos sôbre os Peixes fósseis do Brasil. Foi o criador do **Scaphonyx Fischeri** (1903), réptil fóssil do Trias do Rio Grande do Sul.

Chiniquodon v. Huene. Êste gênero foi fundado sôbre um pequeno crânio, incompleto, com dentes agudos, como os do **Cynognathus**, e um pequeno úmero. Após o canino seguem-se 8 molares, o último dos quais parece apresentar uma ou duas pontas secundárias. A arcada zigomática, que está partida no espécime original, dirige-se pronunciadamente para o lado. O focinho é curto, com uma leve depressão circular atrás do canino. Grandes órbitas, situadas adiante da metade longitudinal do crânio. O **Chiniquodon theotonicus** Huene é do Trias sul-rio-grandense.

Belesodon v. Huene. Fundado sôbre um crânio completo e partes essenciais do esqueleto. O **B. magnificus** Huene, do Trias, é uma forma de talhe mediano, com pequenas órbitas e largas fossas temporais, limitadas pela ampla arcada zigomática. O espécime original está desprovido de quase todos os seus dentes, achando-se ainda implantados nos maxilares alguns incisivos e caninos, já gastos. Foi possível, entretanto, determinar a fórmula dentária: $^{4}/_{4}$ I; $^{1}/_{1}$ C; $^{9}/_{9}$ M. Todos os elementos cranianos podem ser isoladamente analisados e descritos, bem como os orifícios que serviram de condutos para os filamentos nervosos e vasculares. Das vértebras presacrais existem 9, além das 3 sacrais, com as respectivas costelas. A longa escápula apresenta um forte acrômio, achando-se o pequeno e arredondado coracóide perfurado; ambos, em conjunto, apresentam a superfície articular em forma de parafuso. A clavícula tem a forma dum S e é bastante longa. O úmero é pronunciadamente alargado em ambas as extremidades, apresentando um grande forâmen entepicondilóideo e um pequeno forâmen ectepicondiloídeo. O ílion tem a ponta anterior de quase igual comprimento que a posterior, sendo aquela, entretanto, mais larga. O pubis tem a forma duma grande prancha; o ísquion, a duma machadinha. O fêmur é como um grosso cano, alargando-se na extremidade proximal (esta com cótilo). A tíbia é um pouco mais curta que o fêmur.

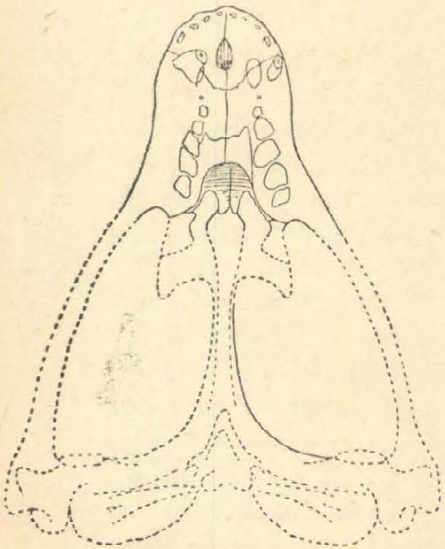
Com os restos do esqueleto, fêz Huene a reconstituição, modelando as peças que faltavam pelas do **Galesaurus (Trinaxodon)**.

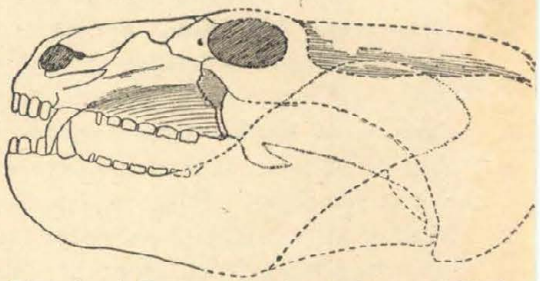
Do município de Candelária, a missão enviada, em 1936, pelo Museu de Zoologia comparada, da Universidade de Harvard, levou um crânio que, segundo Price, muito se assemelha ao do **Belesodon.**

b) **Família Traversodontidæ Huene**

Largos molares. Crânio semelhante ao dos chiniquodontidos e mais ou menos das mesmas proporções, com véu palatino na abóbada palatal secundária e uma ampla curvatura que se eleva atrás da maxila, abaixo da órbita, curvatura essa que não se nota em nenhum diademodontido (*).

Gomphodontosuchus v. Huene. Um resto de crânio, encontrado em 1927 nas camadas triássicas do Rio do Rasto, perto de Santa Maria, foi descrito e reconstituído por Huene como **G. brasiliensis** (Figs. 3 e 4). Por certos caracteres, apro-





Figs. 3 e 4 Restauração do crânio e mandíbula (
Gomphodontosuchus brasiliensis Huene (vista p
latal e perfil).

(*) Os **Cinodôntia** compreendem, segundo Zittel-Woodward, duas famílias: **Cynognathidae,** com **Cynognathus, Galesaurus,** etc., e **Diademodontidæ,** com **Diademodon, Gomphognathus,** etc., que encerram formas sul-africanas (Trias), às quais Huene não conseguiu adaptar todos os seus cinodôntios sul-americados, para os quais constituiu as duas novas famílias que aquí citamos: **Chiniquodontidæ** e **Traversodontidæ.**

xima-se, segundo o autor, da tribu **Baurimorpha**, da mesma sub-ordem (Teriodôntia). Sua fórmula dentária é 4/3 I; 1/1 C; 1/1 Pm; 5/5 M.. O número de molares é, pois, reduzido. Os caninos são fortes e compridos. Os premolares são reduzidíssimos, estreitos. O primeiro molar é bem menor que os demais, sendo todos de forma mui irregular, tendendo a triangular. O crânio atinge a 18 cms. de comprimento, segundo Zittel-Woodward (10). Sua região sub-orbital é elevada, sendo a região sub-temporal (e talvez também a temporal) comprida, como no gênero **Cynognathus.** Sua dentição é idêntica, na forma, à do gênero **Diademodon.** Sua forma geral é mui semelhante à dos Cinodôntios sul-africanos, tornando bem patente o seu próximo parentesco com os últimos (*), assim como a sua contemporaneidade com a fauna da **Zona Cynognathus** sul-africana (**)

"Á **Zona Cynognathus** da Africa do Sul, as camadas **Maleri** da Índia central, o **Stagonolepis** — Sandsteins da Escócia e as areias do Keuper inferior da Inglaterra — finaliza Huene — são sincrônicos e correspondem ao Lettenkohle (carvão) ou ao Muschelkalk (calcáreo de conchas superior) da Alemanha. Esta fixação de épocas, conseguida pelos Cinodôntios, é a mesma que a obtida pelos Rincosáurios. Podemos, pois, considerá-la como segura, certa" (7).

Traversodon v. Huene. Êste gênero foi fundado sôbre um crânio incompleto e partes do esqueleto. As peças cranianas, descobertas, estão bem conservadas, apresentando alguns dentes. No maxillar superior, seguem-se, após o canino, 9 molares; na mandíbula, notam-se 3 incisivos (provavelmente o premaxilar possuiu 4). Os molares são raros, apresentando

---

(*) Na última edição inglesa de Zittel-Woodward (10) o g. **Gomphodontosuchus** é classificado na família dos **Diademodontidae.**

(**) A **Zona Cynognathus**, a 6.ª e mais recente da série de Beaufort, corresponde ao Trias inf. da Europa central, Rússia, Spitzberg e Groenlândia, cujos g. **Trematosaurus, Aphaneramma, Trematosuchus** e **Capitosaurus,** os dois últimos encontrados também no sul da África, foram contemporâneos, pois, dos **Cynognathus, Thrinaxodon,** etc., sul-africanos. A Zona Cynognathus teria abrangido, portanto, o Brasil meridional, segundo Huene.

cada qual um cume ou colina transversal. A arcada zigomática estende-se amplamente para cima, sob a órbita, de modo que a maxila, no fundo da arcada dentária, sobe em angulo reto. Mui bem conservada está a dentadura, apresentando um bem pronunciado ângulo dental diante do ponto onde se adapta o angular. As saliências da corôa dentária são bem pronunciadas e largas. As vértebras e costelas da região lombar são as que chamam mais a atenção. As costelas têm uma largura tal que se sobrepõem entre si, à maneira de escamas. As costelas torácicas são, pelo contrário, normalmente estreitas. Tal forma de costelas lembra antes os **Cynognathus.** A escápula distingue-se por um profundo e largo sulco longitudinal. O úmero apresenta um estreito processus lateralis que é, porém, aumentado longitudinalmente; existe somente um forâmen entepicondiloídeo. A rótula é bem desenvolvida. Muito bem conservado é o fêmur em forma de S, em vários exemplares. Ambas as suas extremidades são mui largas, ao passo que a parte média é muito fina. O caput curva-se para dentro. A tíbia é esguia. Tais são os caracteres essenciais do **Traversodon Stahleckeri** Huene.

Quanto à espécie **Traversodon (?) major** Huene indica maiores formas que apresentam caracteres divergentes dos da espécie anterior, nos maxilares superior e inferior, na escápula (provida de coracóide) e no úmero.

II — ORDEM RHYNCHOCEPHALIA Günther

Répteis de pescoço curto, corpo semelhante ao dos lagartos, membros fracos, próprios para a marcha ou natação, pentadáctilos, bacia semelhante à dos lagartos, cauda longa. Duas vértebras sacras, não soldadas entre si. Narinas separadas ou reunidas. Osso quadrato imóvel, firmemente fixado ao crânio, pela solda com os ossos vizinhos. Arco temporal superior e inferior. Abóbada palatina ossificada. Dentes acrodontes, fundidos com o bordo do maxilar; numerosos dentes palatinos. Intermaxilar par. Vértebras amphicœlicas ou bicôncavas, às vezes com restos de corda. Intercentros nas regiões cervical e caudal, às vezes entre

tôdas as vértebras, pelo menos na forma atual. Costelas duma só cabeça, excéto as cervicais, com duas, sendo as abdominais tri-segmentadas e mui desenvolvidas. Cintura peitoral com sternum; coracóide sem precoracóide ossificado. Pele com escamas córneas. Órgãos sexuais internos.

— Por sua morfologia e caracteres anatômicos particulares, o **Sphenodon (Hatteria) punctata** (Plancha V — A. B e C) réptil primitivo da Nova Zelândia e ilhas adjacentes, levou os zoologistas a criar para êle uma família distinta, chegando mesmo muitos a lhe dedicarem uma ordem particular. Não há dúvida de que o **Sphenodon** é uma relíquia viva de antigos períodos geológicos, parecendo ser o único representante atual dum grupo de répteis triássicos e apresentando uma singular mescla de caracteres de superioridade e inferioridade. Entre os seus caracteres de inferioridade, contam-se a persistência da cartilagem na cintura escapular que é, pois, parcialmente ossificada, vértebras amphicœlicas, como as dos peixes e Geckos, intercentros, costelas com processus recorrentes, como nas aves e crocodilos. Os dois ramos mandibulares são reunidos por ligamento, na sínfise. Caixa timpânica sem delimitação e ossinhos do ouvido substituídos por um estilete ósseo, como nas serpentes. Dois forâmens no úmero. A parte facial do seu crânio é ligada à região temporal por duas pontes ósseas que se estendem além das fossas temporais. Os indivíduos velhos são desdentados, pois os dentes gastam-se e não se renovam, de modo que o animal é então obrigado a mastigar com os bordos da mandíbula, como as tartarugas.

"Todos êsses caracteres — diz Vialleton ([14]), dão aos Rincocefalos uma posição central entre os Répteis, como seu crânio de duas arcadas temporais e seu osso quadrato solidamente fixado. O **Palæohatteria** é a forma mais generalizada, tendo dela derivado, por um lado, os **Rhynchosauridæ,** como um ramo especializado, e, por outro, os **Sphenodontidæ** do Jurássico, que passaram ao **Sphenodon** atual, também chamado **Hatteria**".

Há, porém, divergências entre os naturalistas, a respeito do **Palæohatteria.**

"Considerado durante muito tempo como o ancestral direto do **Sphenodon** ou **Hatteria** atual — escrevem Boule e Piveteau ([13]) — parece bem que o **Palæohatteria** não teve em comum com êsse último gênero senão caracteres próprios de todos os Répteis primitivos. Pelo contrário, os principais detalhes de sua organização tendem a aproximá-lo dos **Pelicosáurios**".

Aliás, Zittel-Woodward, na última edição inglesa do notável "Tratado de Peleontologia" do primeiro, concordam com tal opinião.

F. von Huene ([7]), porém, como veremos na transcrição abaixo, relativa aos fósseis de Santa Maria, admite o parentesco estreito entre os Pelicosáurios e os Rincosáurios:

"Várias camadas fossilíferas novas, de Santa Maria, que forneceram diversas peças, entre as quais um crânio quase completo, com coluna vertebral anexa, mostraram que lá existem grandes Rincosáurios. A coluna vertebral, citada, é idêntica à do **Scaphonyx australis.** Do Museu Britânico veio-me também grande quantidade de material de "stock" antigo mas agora reencontrado. Entre essas variadas remessas, encontravam-se muitas partes de crânios, importantes. A comparação dos mesmos e dos já conhecidos com o último crânio permitiu reconhecer agora, indubitavelmente, que os fragmentos de crânios antes descritos e alguns ossos do esqueleto não pertencem a Pelicosáurios mas a Rincosáurios. Só a parte superior do crânio é um tanto diferente, o que até hoje tornou impossível assegurar a sua qualidade de pertencer à ordem dos já citados. Por meio desta surpreendente prova, pôde ser renovado e mantido como até agora o conhecimento do estreito parentesco entre os Pelicosáurios e Rincosáurios. Portanto, o que aparece nas terras da Gondwana sul-americanas não é um elemento da fauna sul-africana mas sim do antigo mundo. Por isso, fomos obrigados a seguir as circunstâncias páleo-geográfi-

cas. Como elemento sul-africano, porém, aparecem Cinodontes, que foram novamente descritos pelo autor".

Por todos os seus caracteres primitivos, os Rincocéfalos afastam-se nitidamente dos Sáurios. Segundo Remy Pérrier ([16]), êles são "herdeiros diretos dos Stegocephalos, mui florescentes no fim da era paleozóica e sobretudo nos períodos mesozóicos, dos quais o **Hatteria** é o único representante que persistiu até nossos dias. Por seus caracteres pouco especializados e mui primitivos, os Rincocéfalos devem ser considerados como o tronco comum de todos os Répteis."

a) Família Rhynchosauridæ

Crânio curto, com um rostro em forma de bico. Intermaxilares e premaxilar inferior desdentados. Narinas reunidas numa abertura nasal única. O focinho (inter-maxilares) é curvado para baixo e encaixa-se entre as extremidades anteriores da mandibula. Dentes pequenos, cônicos ou piramidais, em uma ou mais filas, inclusive no palato. Desprovidos de forâmen pineal. Intercentros inexistentes, segundo se supõe. Pubis e ísquions achatados.

"Relativamente ao modo de vida — diz Huene —, deduz-se da dentadura que os Rincosauridos desenterravam vegetais providos de tubérculos."

Os gêneros mais característicos desta família são os **Rhynchosaurus** e **Hyperodapedon.**

Rhynchosaurus Owen. Vértebras profundamente amphicœlicas, sem restos de corda, arcos superiores fundidos com o centro. Crânio com grandes órbitas e grandes fossas temporais. Maxilar superior com uma fila, palatino com duas filas de dentes mui pequenos. Focinho curto, dobrado para baixo, desdentado. Estando a bôca fechada, o gancho formado pelo maxilar superior passa por cima do premaxilar inferior, curvado para cima. Maxilar inferior desdentado ou com dentículos exíguos. Sínfise com apófise em bico

curto e truncado. Fossas nasais exteriores reunidas. Providos de costelas ventrais, como o **Sphenodon.** Cobertos com escamas epidérmicas poligonais ou irregularmente rômbicas. Mão curta. A espécie **R. articeps** Owen, cujo crânio mede 6 a 7 cms. de comprimento, é do grés keuperiano de Grinsil, Warwickshire, na Inglaterra.

Hyperodapedon Huxley. Corpo verosimilmente de 2 metros de comprimento. Vértebras completamente ossificadas, sendo as cervicais opisthocœles, apresentando fortes costelas em varas. Providos de costelas ventrais. Duas vértebras sacras que apresentam curtas costelas. Intercentros inexistentes. Crânio triangular, igualando sua largura total com a largura do bordo posterior. Órbitas na metade anterior, narinas reunidas, formando uma abertura triangular, pontuda, adiante; fossas temporais superiores mui grandes, sendo as laterais mui pequenas, semi-lunares ou em forma de orelhas. Parietais estreitos, sem forâmen pineal. Premaxilares alongados adiante e voltados para baixo, formando um bico recurvado e desdentado, que se fixa entre duas apófises divergentes, em forquilha, do bordo anterior do maxilar inferior. O maxilar superior é achatado lateralmente e solidamente unido aos ossos palatinos que se desdobram obliquamente, para dentro; estes últimos formam, no meio do palato, de cada lado, um arco convexo e são guarnecidos de mais de duas filas de pequenos dentículos acrodontes, de forma piramidal curta, que se estendem paralelamente a uma fila semelhante de dentes, do maxilar superior. Ramos do maxilar inferior fundidos numa longa sínfise, formando adiante duas pontas desdentadas, divergentes; o dental é provido, mais atrás, de dentículos estreitamente apertados uns contra os outros, em paliçada. Na cintura escapular, o coracóide e a omoplata permanecem separados; membros anteriores curtos e elevados sôbre o solo, sendo os metacarpianos de igual comprimento. Mais ou menos vinte e quatro vértebras presacrais, das quais seis ou sete são cervicais. **H. Gordoni** Huxley, conhecido por um forte esqueleto de uns 2 metros de comprimento, do grés de grãos fi-

nos de Elgin, na Escócia, que encerra juntamente **Telerpeton, Dicynodon** e **Stagonolepis** e que se considerava antes como devoniano, sendo hoje classificado no Trias superior. Restos de outras espécies de **Hyperodapedon** foram também descobertos no grés triássico superior de Warwickshire, Devonshire e nas camadas Maleri, das Índias orientais (Plancha V — Ns. I, II e III).

Scaphonyx A. S. Woodward. Êste gênero foi fundado, em 1903, por Woodward, sôbre restos provenientes da jazida triássica da Alemôa, em Santa Maria, e classificado então pelo autor entre os Dinosaurianos, tendo sido determinado, mais tarde, por F. von Huene como um rincosaurido.

Por ser devéras interessante, vamos transcrever abaixo o estudo realizado por Woodward sôbre tais peças e publicado no "Geological Magazine", decade V, vol. V, n.º 528, em junho de 1908:

"Alguns ossos reptilianos, descobertos pelo Dr. Jango Fischer, em 1902, em Santa Maria da Bôca do Monte (Serrito), no Rio Grande do Sul, que me foram enviados pelo Dr. H. von Ihering (Museu de São Paulo), são muito interessantes. Êles não só concorrem para determinar a idade geológica da formação donde provêm, como também predizem a descoberta duma primitiva fauna terrestre do Mesozóico sul-americano, há muito tempo esperada."

"Compreendem três quase completos corpos de vértebras e um fragmento de um quarto corpo vertebral, assim como um dedo de quatro falanges e uma falange ungueal separada. Os ossos foram achados no mesmo lugar e em circunstâncias tais que nos permitem dizer que pertenceram todos, provavelmente, a um só indivíduo."

"Os corpos de vértebras são notáveis por (1.º) sua mui curta dimensão ântero-posterior, por (2.º) sua extremidade articular profundamente ovóide e (3.º) pela considerável constrição de seus lados."

"A peça melhor conservada (Plancha VI — A e B) não está, evidentemente, mui comprimida, e mostra que ambas as extremidades articulares são ligeiramente côncavas. Exi-

be também a característica constrição dos lados, com o proeminente rebordo anterior que sustenta uma fossa arredondada, de forma extremamente ovóide (c), para a articulação do capitulum de uma costela de duas cabeças. A parte inferior do mesmo rebordo é enviezada numa direção tal (x.) como a sugerir a possibilidade da presença original dum osso intervertebral, em forma de cunha. O canal neural (c. n.) produz uma cavidade pouco profunda no corpo da vértebra. Os restos da base do arco neural (a. n.) provam que êste é firmemente soldado ao corpo da vértebra mas não simplesmente articulado por sutura. Tal arco estende-se de uma a outra extremidade do corpo da vértebra, deixando porém saliente um pequeno rebordo do último, na extremidade anterior. Sua porção lateral é prolongada um tanto para baixo e termina numa bossa perfeitamente ovóide, arredondada (t.), para a articulação do tuberculum da costela já mencionada. É pois evidente que a costela deve ter sido forte, profunda, e comprimida ântero-posteriormente em sua extremidade superior que apresentava duas cabeças."

"Um dos mais imperfeitos corpos de vértebras é essencialmente idêntico ao que descrevemos acima, mostrando uma similar articulação para a costela e um espaço para um osso em forma de cunha. O outro bom espécime (Plancha VI — C e D), contudo, é um tanto menor, com indicação não muito clara duma faceta, no centrum (corpo da vértebra), para uma costela ou para um osso em forma de cunha. Suas extremidades articulares são ligeiramente côncavas. A base de seu arco neural parece mostrar que concorda com o que foi observado na outra vértebra, isto é, que se solda com o centrum, enquanto o canal neural forma também uma cavidade pouco profunda."

"O primeiro tipo de vértebra (Plancha VI — A e B) pertence evidentemente à região cervical, enquanto o segundo (Plancha VI — C e D) deve ser referido à região dorsal. Se, portanto, estes espécimes pertencerem a um só e mesmo indivíduo, o pescoço deve ter sido relativamente

grande e robusto, para suportar, presumivelmente, uma volumosa cabeça."

"O dedo de quatro falanges (Prancha VI — E e F) é interessante, no que diz respeito à forma da garra. A falange ungueal é comprimida lateral e assimétricamente, sendo o lado esquerdo, além de elevado, liso ou quase côncavo, enquanto que o outro lado é ligeiramente convexo. O osso não é notável por qualquer ranhura lateral, porém sua face inferior é consideravelmente escavada e apresenta rebordo agudo. As duas falanges que se seguem à ungueal são curtas e largas, apresentando uma grande constrição circular na região média. O osso seguinte, que admite talvez mais que uma interpretação, é mais alongado que os últimos, supra mencionados, porém não é tão longo como o ungueal. Parece estar deslocado no fóssil, tendo, de fato, girado acidentalmente em seu eixo longitudinal num ângulo de 45.°, de modo que seu lado direito só imperfeitamente é visto na Plancha VI — E e seu lado esquerdo, na Plancha VI — F. Se esta interpretação é exata, o osso é outra falange cuja face articular proximal, em forma de sela, é algo mais espêssa que larga."

"A falange ungueal que foi descoberta em separado (Plancha VI — G., H e I) assemelha-se ao osso correspondente do dedo acima descrito, pela concavidade de sua face inferior (Plancha VI — H) e pela falta de simetria bilateral; é, porém, relativamente grande e dilatada. Sua face articular (Plancha VI — I) é oblíqua e muito mais espêssa que larga; seu lado ligeiramente convexo é excessivamente comprido, por causa da expansão da extremidade distal que é delgada e de rebordo arredondado, enquanto que seu liso lado esquerdo (Plancha VI — H) é uma área triangular, relativamente pequena."

"Ambas as falanges ungueais pertenceram evidentemente a um só e mesmo pé que deve ter tido dedos obliquamente curvos. Se tal pé apresentou estrutura análoga à dos pés dos Dinosáurios Saurópodos, teria pertencido ao lado esquerdo, tendo a volumosa garra pertencido ao dedo

I, enquanto que a série de quatro falanges representaria provavelmente o III.º dedo."

"É difícil determinar as afinidades dum réptil conhecido unicamente por restos tão fragmentários como os que acabo de descrever. É evidente, contudo, que tais ossos são de um réptil terrestre e os caracteres das vértebras sugerem que êles pertenceram ou a um Anomodonte ou a um Dinosáurio primitivo. O fato de que o centrum da vértebra dorsal mostra um sinal pouco distinto duma faceta articular, para a costela, parece mostrar sua relação com um Anomodonte, enquanto que a forma e caracteres da vértebra cervical são de tal modo semelhantes aos de uma vértebra correspondente, da formação Karoo da África meridional, atribuída ao Dinosauriano **Euskelesaurus** por Seeley que o novo réptil do Brasil é provavelmente afim com o último. A notável desigualdade no tamanho dos dedos obliquamente curvos é também menos sugestiva dum Anomodonte que dum Dinosáurio; e embora seja possível que alguns dos maiores Anomodontes tenham tido uma fórmula digital semelhante à dos lagartos e crocodilos, esta não é a condição normal, e um dedo com quatro falanges tem mais probabilidade de ter pertencido a um Dinosáurio que a um membro da ordem mais primitiva."

"Refiro, portanto, o novo fóssil brasileiro a um Dinosáurio de pescoço curto, afim com o **Euskelesaurus**, e proponho que se o denomine **Scaphonyx**, em alusão à escavação sem igual das falanges ungueais. A espécie pode ser conhecida como **Scaphonyx Fischeri.**"

"Se esta determinação é correta, as rochas em que os ossos foram descobertos podem ser consideradas como de idade Triássica. O **Scaphonyx** pode ser também considerado como o primeiro réptil fóssil terrestre descoberto na América do Sul, tendo pertencido evidentemente à fauna da Terra da Gondwana."

"Post-scriptum, abril, 1908. — As linhas precedentes foram escritas em 1904, quando a determinação do Prof. Seeley sôbre a vértebra cervical de **Euskelesaurus** não fôra

ainda discutida. Depois, o Barão F. von Huene (Palæont. Abhandl., N. S., vol. VIII, 1906, pag. 123) expressou a opinião de que a vértebra em questão não pertenceu a um Dinosáurio mas a um Anomodonte; ao mesmo tempo o Dr. R. Broom descreveu uma vértebra semelhante, do Beaufort Beds superior da Formação Karoo sob o novo nome genérico de **Erythrosuchus** (Ann. S. African Mus., vol, V, 1906, pg. 193) (*). De acôrdo com a descrição do Dr. Broom, êste réptil não é um Dinosáurio, porém apresenta muitas semelhanças com os Belodontes e Anomodontes. Apoiado em novos espécimes que me foram enviados pelo Dr. I. C. White, sou agora da opinião de que o **Scaphonyx** é um Anomodonte" (**).

Entre os espécimes fósseis que descobriu em Santa Maria, o prof. F. von Huene cita também o **Scaphonix Fischeri,** do qual faz uma descrição minuciosa, que resumiremos, a seguir (Plancha VI — J, K, L, M e N).

O **Scaphonyx Fischeri** é — segundo Huene — de conformação grosseira e geralmente semelhante ao gênero **Cephalonia,** com a diferença de que todos os seus ossos são mais fortes e mais curtos do que os dêste. O crânio é pouco diverso do do **Cephalonia;** é mais ou menos tão longo como o pescoço, com rostro perfeitamente curvado para baixo, notando-se diversas séries de dentes no maxilar e no palato. A interclavícula e o úmero são mais largos que os do **Cefalonia.** O 1.º metacarpo é mais largo que comprido. O 3.º dedo é o mais longo. O 5.º metacarpo é mais curto que o 2.º As garras da mão são curtas e mui comprimidas. O pubis é grosso. O ísquion é uma prancheta triangular, com um contraforte interior contra a sínfise. O fêmur é consideravelmente comprimido, apresentando um forte trocânter, adjacente à extremidade proximal. Oito ossos tarsiais, se-

---

(*) O gênero **Erythrosuchus** Broom pertence à sub-ordem **Pelicosimia,** da ordem **Tecodôntia** (crocodilóides), à qual pertencem também os Belodontes.

(**) Classificação antiga.

melhantes aos do **Cephalonia.** O 4.º metatarso é um tanto mais curto que o 3.º, sendo o 5.º metatarso proximal do feitio de martelo e provido duma apófise lateral. As garras do pé são acentuadamente comprimidas e aguçadas. As costelas abdominais são mais aproximadas entre si que nos cefalonios. Alguns exemplares são gigantescos.

— Falando dos Rincosauridos, diz Huene, num resumo de seu último trabalho: "Tratam-se aquí de somente dois espécimes, não de tantos quanto eu antes supunha, quando baseado em material insuficiente: **Cephalonia lotziana** e **Scaphonyx Fischeri.**"

Assim sendo, parece-nos ter o autor abandonado, por impróprias, as denominações específicas de **Scaphonyx australis** e genéricas de **Cephalastron, Cephalastronius** e **Scaphonychimus,** por êle criadas (*).

— Em 1932, foi descoberto na célebre jazida triássica da Alemôa, em Santa Maria da Bôca do Monte, um esqueleto completo dum Rincocéfalo, que foi estudado, então, pelos prof. J. Tupí Caldas, Jorge Bahlis, padre Balduíno Rambo e Drs. Guilherme Rau e Rudolf Gliesch (Figs. 7) (Planchas VII e VIII).

O fóssil em questão estava enterrado numa profundidade de dois metros, coberto por densas camadas de arenito vermelho e duro.

O trabalho de preparação foi feito com cuidado pelo seu descobridor, sr. Atílio Munari e pelo Sr. Hugo Debiasi, preparador do Museu Júlio de Castilhos.

— Segundo o parecer do prof Tupí Caldas, êste fóssil é um **Scaphonix Fischeri** Woodward, para o qual propôs, entretanto, a denominação especial de **Macrocephalosaurus mariensis.**

Conforme o Dr. Guilherme Rau, o mesmo pertence a um dos novos gêneros e espécies ultimamente fundados por Huene ou é uma forma nova.

(*) Vide apêndice: "Notas sôbre os Rincocéfalos do Rio Grande do Sul".

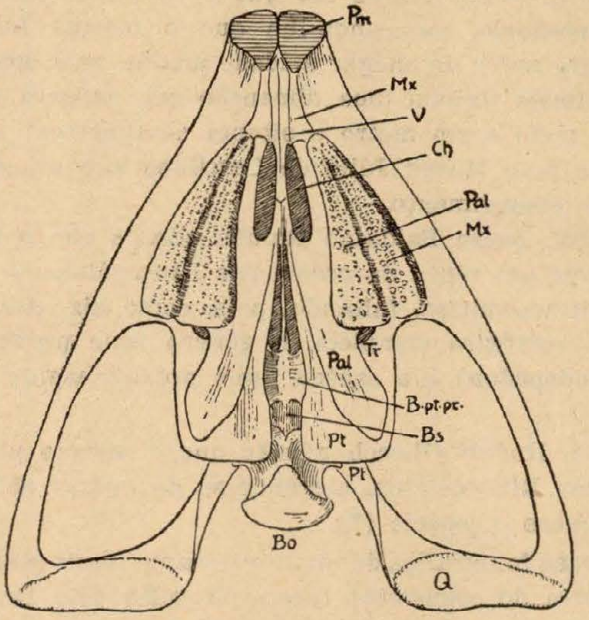


Fig. 5 — Reconstituição da face ventral do crânio do **Scaphonyx australis** Huene **(Scaphonyx Fischeri?)**.

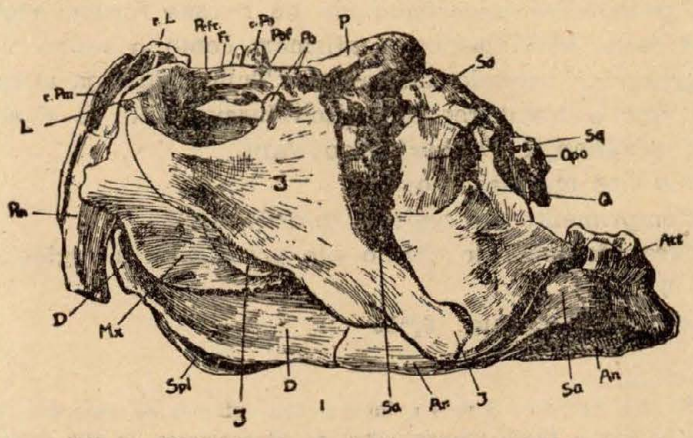


Fig. 6 — Norma lateral do crânio do **Scaphonyx australis** Huene **(Scaphonyx Fischeri?)**.

O prof. Jorge Bahlis crê que o fóssil em questão seja um **Rincosáurio,** parecendo-lhe que o mesmo foi colhido pela morte antes de chegar à idade adulta, pois, geralmente, êsses animais tinham uma dimensão que oscilava entre um metro e meio e um metro e oitenta centímetros; o que foi adquirido pelo Museu Júlio de Castilhos não atinge nem a 1,m50 de comprimento.

O prof. padre Balduíno Rambo admite que o fóssil em aprêço seja um réptil da ordem dos Rincocéfalos e da família dos Rincosáurios, faltando, pois, como diz, para a classificação zoológica completa, o gênero (que provavelmente é **Hyperodapedon**) e a espécie (que provavelmente será nova).

O Dr. Rudolf Gliesch admite que o mesmo pertença à ordem dos Rincocéfalos, abstendo-se de opinar sôbre a família, gênero e espécie (*).

— Duas fotografias de tão interessante fóssil (uma do crânio e outra do esqueleto) foram enviadas pelo Dr. Rau ao prof. A. S. Woodward, do Museu Britânico, que admite ser o mesmo um Rincosáurio, talvez do gênero **Scaphonyx.**

Enviamos, também, ao prof. F. von Huene uma fotografia do crânio de tal réptil fóssil, pedindo-lhe sua opinião sôbre o mesmo. A resposta do grande paleontologista alemão, conhecedor experimentado de nossas formas reptilianas fósseis, autoriza-nos a afirmar, como o nosso ilustre conterrâneo e prezado amigo prof. Tupí Caldas já afirmara, aliás, que o fóssil recolhido ao Museu Júlio de Castilhos é um **Scaphonyx Fischeri** Woodward.

As suas medidas são:

Comprimento da espinha dorsal: 0,^{m}93

Circunferência do crânio (do premaxilar à região frontal): 0,^{m}25.

Altura do crânio: 0,^{m}15

(*) No Apêndice damos a íntegra das opiniões ou pareceres supra-indicados, sob o título "Notas sôbre os Rincocéfalos do Rio Grande do Sul".

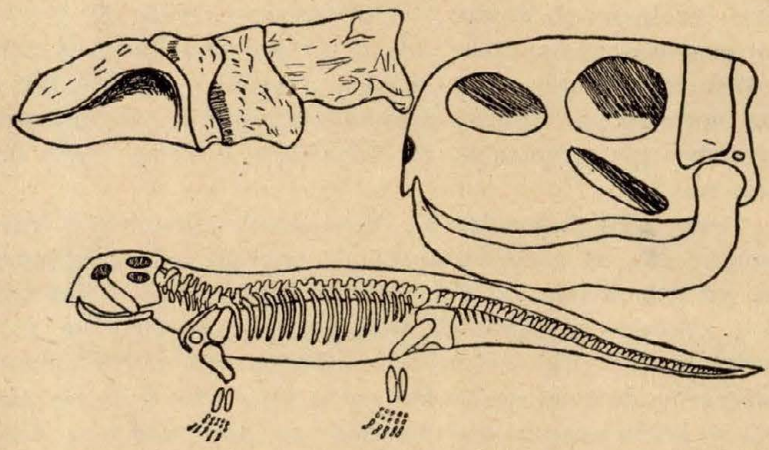


Fig. 7 — Dedo do **Scaphonyx Fischeri,** segundo o prof. Tupi Caldas; ensaios de reconstituição esquemática do crânio e esqueleto do réptil fóssil descoberto em 1932, em Santa Maria, segundo o prof. Tupi Caldas e o Dr. Gulherme Rau.

Comprimento do pre-maxilar: 0,^{m}07
Diametro transversal das órbitas: 0,^{m}04
Diâmetro da bossa frontal: 0,^{m}05
Diâmetro transversal da bossa temporal: 0,^{m}06.
Comprimento do rádio: 0,^{m}12
Comprimento do cúbito: 0,^{m}10
Comprimento da tíbia: 0,^{m}18
Comprimento do perôneo: 0,^{m}15
Comprimento do úmero: 0,^{m}15
Comprimento do fêmur: 0,^{m}19.

— Apresenta dez costelas ventrais de cada lado, sendo impossível desvendar as demais.

Espinha dorsal:
Vértebras cervicais: 9
Vértebras dorsais: 15
Vértebras caudais: 20 (faltam algumas)

Comprimento do esqueleto, na posição em que se acha: 1,^{m}18.

— A missão que o Museum of Comparative Zoology, da Universidade de Harvard (E. U.), enviada a êste Estado, em

1936, recolheu em Santa Maria diversos restos de Rincosauridos, dos quais já se acham preparados, prontos para estudos, três crânios e um esqueleto quase completo, talvez dum indivíduo do gênero **Scaphonyx,** segundo comunicação particular que tivemos do Sr. Llewellyn I. Price, chefe daquela missão.

Cephalonia F. von Huene. Êste gênero e o anterior (**Scaphonyx**) são os representantes da família dos Rincosauridos, no Rio Grande do Sul. Huene colheu bons exemplares dêste gênero e espécie **C. lotziana** Huene (Plancha IV), no Estado. (*) Um dos crânios achados está perfeitamente conservado, de modo que cada qual de suas peças pode ser descrita e graficamente representada em seus mínimos detalhes. Uma de suas características mais interessantes é apresentada pelo epipterigóide em forma de machado, cuja base é adjacente à lamela pterigóide que conduz ao quadratum. A cartilagem palato-quadrata, não conservada no estado fóssil, deve ter sido de grandes dimensões. O palato é desdentado. Singular é a particularidade apresentada pela borda posterior do colchete parietal, que se prolonga muito para trás, além do supraoccipital, e não se liga a êste. As premaxilas são curvas, semelhantes a dentes de garfo. As fieiras dentárias apresentam um sulco longitudinal, destinado a receber a afiada aresta do conjunto dental, quando a bôca está fechada. A sínfise do maxilar inferior é formada exclusivamente pelos espleniais. Há um complementar. Os ossos mandibulares cercam um grande espaço côncavo. A dentadura é, de certo modo, destinada a triturar os alimentos, pois a afiada aresta do dental cae exatamente sôbre o largo sulco da arcada dentária. As longas premaxilas e as pontas dos dentários que sobressaem lateralmente, dirigindo-se para cima, são próprios para escavar o solo e apreender dêle os alimentos. A coluna vertebral apresenta 8 vértebras cervicais, 17 dorsais, 2 sacras e mais de 30 caudais.

(*) O local da descoberta é São José, próximo de Santa Maria.

As cervicais são curtas e aquilhadas inferiormente. As dorsais têm diapófises curtas e grossas; as apófises espinhosas são bastante baixas e ocupam uma parte essencial do comprimento da vértebra. A dupla articulação costilhar do colo funde-se nas dorsais anteriores, onde se uniformiza. A omoplata, bastante larga, distingue-se por um acentuado engrossamento no bordo anterior, no ponto de contacto clavicular. O coracóide não tem forâmen neural mas apresenta uma estreita e profunda incisão. A interclavícula tem a forma de punhal, apresentando anteriormente ramificações transversais que se soldam às curtas clavículas. O úmero possue um hectepicôndilo, semelhante ao dos parasuquios. O rádio é desprovido de olécrano. A mão tem quase a mesma estrutura do pé. O pubis é provido de processus uncinatus. O perôneo é, em sua parte distal, tão largo como nos répteis paleozóicos. O tarso consta de 3 grandes elementos da primeira série, dos quais o intermédio é o maior e articula com os ossos da perna. Os ossos do metatarso, do I ao IV, vão aumentando de comprimento, sendo o I muito curto; o V é pequeno e alargado em sua parte proximal, em sentido medial, tendo direção lateral. A conformação das falanges da mão e do pé é normal, tendo o V dedo três falanges e uma garra. O aparelho gastral (*) consta, na parte anterior, duma peça média levemente curva e, segundo parece, de uma única série de peças laterais, em cada lado.

III — ORDEM THECODONTIA

Como Rincocefalia, mas dentes na margem da mandíbula com uma base côncava, implantado cada qual num profundo alvéolo; dentes palatinos rudimentares ou ausentes. Algumas costelas dorsais apresentam dupla cabeça. Couraça dérmica comumente bem desenvolvida.

(*) Em muitos répteis desenvolvem-se as denominadas costelas **abdominais, ou gastralia,** que são ossificações do tecido conectivo e correspondem às escamas ósseas ventrais dos batráquios Stegocephalos.

Esta ordem encerra répteis dos quais possivelmente derivaram tanto os **Crocodilia** como os **Dinosáuria,** segundo Zittel-Woodward. Aproximam-se também dos **Rincocefalia** por diversos caracteres.

A — Os **Parasuchia,** principalmente, lembram os crocodilóides de focinho longo, como os Gavials. Entre êles, o **Belodon** H. von Meyer, de 3 metros de comprimento, destaca-se como típico. Nos **Parasuchia,** os premaxilares são mui longos, apresentando dentes em todo o comprimento de seus bordos. As narinas são situadas muito atrás. As vértebras são bicôncavas ou biplanas. São próprios do Trias.

Restos duma mandíbula, encontrados no município de S. Pedro, no Rio Grande do Sul, em camadas provavelmente triássicas, foram atribuídos por Huene, baseado num esquema (Fig. 8), **com reservas,** à ordem Tecodôntia e sub-ordem **Parasuchia** (7). Tais restos acham-se em poder do Dr. Guilherme Rau, em Santa Maria.

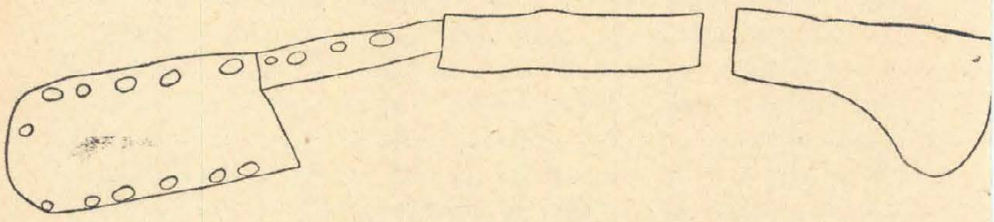


Fig. 8 — Esquema da mandíbula dum réptil provavelmente **Parasuquio,** do município gaúcho de S. Pedro (Huene).

B — Sub-ordem "PSEUDOSUCHIA"

Focinho pequeno e curto, com pequeno pre-maxilar e largos nasais. Narinas colocadas muito adiante. Fossa antorbital presente. Desprovidos de forâmen pineal. Intercentros vertebrais apenas no atlas e áxis. Dupla série de placas ósseas, dérmicas, no dorso. Dentes somente na parte anterior dos maxilares.

A maior parte dêles é representada por pequenos répteis terrestres, em forma de lagarto, atingindo raramente um metro de comprimento.

O gênero típico de sub-ordem é o **Aetosaurus** O. Fraas, de 86 centímetros de comprimento máximo, do Keuper superior de Stuttgart (**A. ferratus**).

A esta ordem relacionam-se os novos gêneros **Prestosuchus, Rhadinosuchus, Hoplitosuchus, Rauisuchus** e **Proterosuchus,** de F. von Huene, todos do Trias do Rio Grande do Sul.

Prestosuchus v. Huene. Um dos mais belos achados de Huene foi o de uma parte do esqueleto dêste gênero que encerra animais de talhe variável. Do crânio foram encontrados apenas pequenos pedaços; a mandíbula está quase completa, apresentando curta sínfise. Os dentes são ponteagudos, levemente recurvados, comprimidos lateralmente e providos, adiante e atrás, de afiadas arestas longitudinais, dum esmalte aperolado. A longa arcada dentária apresenta 12 dentes. A fenestra mandibularis é alongada e se acha na parte posterior. As vértebras cervicais, encontradas, são curtas; as dorsais perderam, inferiormente, a forma aquilhada; das pre-sacrais há apenas um fragmento. O sacro é composto de duas vértebras, apenas. As costelas dorsais médias apresentam, em sua parte distal, um pronunciado sulco longitudinal, no qual se acomodavam provavelmente as extremidades das gastrais (*) laterais. Existe, em correlação um fragmento maior da couraça gastral. Consta ela, em cada segmento, duma peça média, dobrada em ângulo, e de outra, lateral. A segunda costela sacra é a mais longa; ambas as costelas sacras alargam-se pronunciadamente no ílion. As vértebras caudais anteriores são providas de fortes apófises transversais; as demais, a partir da terceira, apresentam hemapófises. As hemapófises anteriores são desprovidas de ponte dorsal que se nota nas posteriores. A cintura escapular apresenta bôa conexão. A omoplata é curta e larga. Os coracóides são mui grandes, apresentando um pequeno forâmen neural. A interclavícula é longa e tem a forma de punhal. As clavículas são bem curtas, pequenas. Do úmero

(*) Vide nota à pag. 69.

só foram encontrados a parte proximal e um fragmento da parte distal. Dos ossos do antebraço e da mão só há fragmentos. A bacia está bem conservada, faltando apenas a metade anterior do ilion, que é conhecida, porém, por outra descoberta. O acetábulo é fechado. A ponta posterior do ílion é longa, sendo a anterior pequena. O ísquion é provido dum longo e forte apêndice, justamente como nos Plateosáurios. O pubis tem a aparência duma prancheta estreita, recurvada em sentido vertical, prancheta essa mui engrossada lateralmente e, em particular, na parte distal, formando com o apêndice do ísquion um ângulo de 65.° O extremidade posterior esquerda, dobrado o joelho e estendido o pé, achava-se em ligação natural com a bacia. O fêmur, na parte distal, dobra-se um pouco para baixo. O perôneo apresenta, anteriormente, na parte superior, uma alta crista com dois pontos culminantes, destinada à inserção muscular. Há no tarso um grande tibial e um, também grande, fibular que tem uma forte saliência dirigida para trás, como nos **Episcoposaurus.** A forma é extremamente característica. Os metatarsos aumentam de comprimento do primeiro ao terceiro; o quarto tem o mesmo comprimento do terceiro; o quinto é curto e engrossado proximalmente em forma de martelo. O número de falanges é o normal, terminando todas em agudas e recurvadas garras. A estrutura do pé é tal que o quinto artelho se afasta lateralmente; a pegada que imprimia no solo devia ser, pois, semelhante à dos **Cheirotherium** (Fig. 9). Êste esqueleto foi completado e reconstituido; tem 4,72 metros de comprimento, por 1,10 de altura, e corresponde à espécie **Prestosuchus chiniquensis.**



Fig. 9 — Pegadas de **Cheirotherium** Kaup.

Foram descobertas ainda as vértebras sacras e partes da

última vértebra dorsal, bem como a primeira caudal, um ílion e placas de couraça nas apófises espinosas, restos êsses que pertenceram a um outro indivíduo da mesma espécie. As placas de couraça são dispostas em duas séries longitudinais paramedianas; acham-se imbricadas, isto é, sobrepõem-se como as têlhas da cobertura duma casa; cada placa tem uma saliência no meio, donde se irradiam as fibrosidades para todos os lados; o bordo posterior é recurvado. Lateralmente a essas, vêm-se ainda placas menores, de forma alongada.

A espécie **Prestosuchus loricatus,** também nova, distingue-se da anterior pela forma um tanto diferente e menor tamanho. Descreve-se certo número de peças, achadas isoladamente. As vértebras cervicais têm apófise espinosa curta, muito engrossada superiormente. Nas vértebras dorsais, tal engrossamento é um pouco menor. O ísquion parece-se com o da espécie anterior. O perôneo tem também grande semelhança com o daquela mas dêle difere em certos detalhes. Desta espécie foram encontradas também placas da couraça e outras partes do esqueleto.

Rhadinosuchus F. von Huene. Partes importantes dum mui pequeno crânio formam, na estrutura do conjunto, o crânio do **Rhadinosuchus gracilis** Huene. A parte facial e o maxilar inferior apresentam-se em sua ligação natural. O focinho é alongado, provido duma curta pre-maxila. Pertencem também à mesma espécie duas vértebras cervicais de apenas 7 milímetros de comprimento, um metatarso e gastralias reunidas, encontrados juntamente com as peças cranianas.

Rauisuchus F. von Huene. A espécie **R. tiradentis** Huene é representada por partes dum esqueleto desmantelado e em ruína. Do crânio, existem, além de grande número de dentes: squamosal isolado, post-orbitais, post-frontais, jugais, pre-frontais, nasais, pre-maxila e, além disso, quase todos os elementos importantes do maxilar inferior, assim como mais uma mandíbula, pertencente a outro indivíduo, com a qual foi reconstituído todo o crânio. A pequena pre-maxila tem uma forma particularmente característica; o focinho afina-se para frente. Existem as oito vértebras cervicais que são

curtas e munidas, atrás do epistropheus, de apófises estreitas e altas. As vértebras dorsais distinguem-se por diapófises curtas e por parapófises aproximadamente do mesmo comprimento e dispostas a quase igual altura, bem como por apresentarem largas apófises espinosas. As vértebras caudais têm longas apófises transversais, sendo eretas as apófises espinosas. A cauda deve ter sido bem longa. As hemapófises têm uma ponte proximal. A escápula é mui esguia. O pubis é chato, longo, estreito, um tanto curvo para baixo. A tíbia e o perôneo estão soldados em suas extremidades, talvez patologicamente. Foram encontradas também placas da couraça dérmica. O ílion têm acetabulum fechado e longa ponte posterior.

Procerosuchus v. Huene. Restos dum mui esguio mas não pequeno réptil deram lugar à criação dêste gênero e da espécie **Pr. celer** Huene. Do crânio, só restam fragmentos, porém determináveis. A cintura escapular está completa. A omoplata é larga; o coracóide é perfurado por um pequeno forâmen e é estreito e alto. A interclavícula é de comprimento moderado, sendo estreita na parte anterior e mais larga, na posterior, e, além disso, acentuadamente curva em sua extensão longitudinal. As clavículas são bem curtas. O úmero rádio e cúbito são desusadamente esguios. No fêmur, a superfície da articulação distal é perpendicular ao eixo longitudinal. A parte inferior da coxa tem ossos mui delgados; o perôneo apresenta a forma de S. O metatarso é delgado.

Hoplitosuchus Huene. Êste gênero encerra formas de estrutura pesada. A espécie **H. raui** foi fundada sôbre duas placas de couraça munidas duma pua, que lembram o **Desmatosuchus.** Um grosseiro fêmur em forma de S, uma tíbia, partes do ilion e isquion, vértebras e um perôneo, achados no mesmo jazigo, fazem talvez parte do mesmo esqueleto.

IV — ORDEM DINOSÁURIA

Esta ordem encerra Répteis extintos, terrestres, em geral de talhe gigantesco, de cauda longa e frequentemente de longo pescoço, com membros adaptados para habitual suporte

do corpo e para a marcha. Ossos da abóbada craniana da região temporal contraídos dentro de dois arcos, um superior e outro inferior, apresentando duas fossas temporais. Forâmen preorbitário. Ausencia de forâmen pineal. Grande osso quadrato fixo ou ligeiramente móvel. Dentes limitados aos bordos dos maxilares, nunca existentes no palato. Vértebras opisthocœlicas ou amphiplatyanas, raramente amphicœlicas. Sacro composto de três a dez vértebras, soldadas entre si. Costelas de cabeça dupla e bifurcadas na base. Esterno incompletamente ossificado; arco clavicular ausente, assim como o precoracóide. Omoplata mui grande. Isquions comumente delgados e alongados, unidos frequentemente por uma sínfise mediana distal.

Os Dinosáurios encerram formas numerosas e variadas que existiram do Triássico ao Cretáceo superior, tendo tido o seu apogeu no Jurássico. Eram todos terrestres, de regime herbívoro (Saurópoda, também onívaros, e Orthopoda) ou carnívoro (Theropoda), e habitavam provavelmente os lugares pantanosos (poderiam, pois, ter hábitos semi-aquáticos, nunca verdadeiramente aquáticos).

Grupo SAURISCHIA

Redução da dentição, quando ocorrente, principiando na extremidade mais posterior da mandíbula. Pubis dirigido para frente e inclinado para baixo, sem processo post-pubis.

Huene atribuiu aos Saurischia alguns restos fósseis esparsos, descobertos em terrenos triássicos do Rio Grande do Sul, sôbre os quais fundou o seu **Spondylosoma abscondidum,** gênero e espécie novos. Os restos constam principalmente de vértebras que não puderam ser referidas aos Tecodontia, em virtude do alongamento das cervicais. Entretanto, as suas apófises espinosas são mais altas do que costumam ser nos primitivos Saurischia. Tôdas as peças foram encontradas isoladamente, estando as vértebras mui bem conservadas. A forma das vértebras cervicais é típica, sendo o centrum, na parte inferior, adelgaçado e, no meio, comprimido; a sua

parapófise é situada bem à frente e em baixo e a diapófise é dirigida obliquamente, para baixo; as zigapófises são também típicas, sendo a apófise espinosa mui alta. No talhe, aproxima-se mais ou menos do **Thecodontosaurus.** As vértebras cervicais e dorsais têm as proeminências características, sob a diapófise. Há também três vértebras sacras independentes, que representam as três vértebras sacras dos primitivos Saurischia. Além disso, há uma omoplata direita e uma esquerda que se completam; as omoplatas são mui delgadas. Talvez pertençam ao mesmo gênero uma metade proximal de úmero, parte dum pubis que parece ter tido a forma duma delgada lâmina, com bordos reforçados, e a extremidade distal dum fêmur.

Foram encontrados também outros fragmentos que pertencem provavelmente a outros Saurischia.

BIBLIOGRAFIA

1) Plant (Nathaniel) — "The Brazilian Coal Field" — Geological Magazin, vol. VI, pgs. 147 a 150 — London, 1869.
2) Carruthers (W.) — "On the Remains from the Brazilian Coal beds with Remarks on the genus Flemingites — Geological Magazin, vol. VI, pgs. 155 — Est V-VI — London, 1869.
3) Hartt (Charles F.) — "Geology and Physical Geography of Brasil" — Boston, 1870.
4) Liais (Emmanuel) — "Climats, Geologie, Faune et Géographie botanique du Brésil" — Paris, 1872.
5) Woodward (Arthur Smith) — "Geological Magazin", decade V, vol. V, n.º 528 — London, 1908.
6) White (David) — "Report on the fossil flora of the coal measures" — anexo ao "Relatório da Comissão de Estudos das Minas de Carvão de Pedra do Brasil", de I. C. White — Rio de Janeiro, 1908.
7) Huene (Friedrich von) — "Uber Rhynchosaurier und andere Reptilien aus den Gondwana-Ablagerungen südamerikas" — Geologische und Palaeontologische Abhandlungen — Jena (Alemanha), 1929.
8) Tupí Caldas (Jací A. Louzada) — "Geologia e Mineralogia" — Apêndice, Pôrto Alegre, 1933.
9) Tupí Caldas (J. A. L.) — "Paloeontologia do Rio Grande do Sul" (O Fóssil de São Pedro) — Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul — II.º trimestre — Pôrto Alegre, 1936.
10) Zittel (Karl Alfred von) e Woodward (Arthur Smith) — "Textbook of Paloentology' — Vols. II e III — London, 1925 e 1932.
11) Zittel (Karl A. von) e Barrois (Charles) — "Traité de Paléontologie", Vols. III e IV — Paris, 1893.
12) Pérrier (Edmond) — "Traité de Zoologie" — fascs. VIII e X — París, 1928 e 1932.
13) Boule (Pierre Marcellin) e Piveteau (Jean) — "Les Fossiles", París, 1935.
14) Vialleton (L.) — "Morphologie des Vertebrés" — París, 1922.
15) Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil — Notas Preliminares e Estudos, n.º 11 — "Notas sôbre despojos de Répteis fósseis", pg. 8 — Rio de Janeiro, maio de 1937.
"Introdução ao Estudo dos Répteis fósseis do Brasil", do Dr. Mathias G. de Oliveira Roxo — (Boletim n.º 89 — 1937).
16) Pérrier (Remy) — "Cours élémentaire de Zoologie" — París, 1929.

Indice das Planchas

PLANCHA I

A e **B** — Equinoderma fóssil de Caçapava; **C** — crânio de **Dicynodon feliceps** (**q**, osso quadrato) (60 cms. de comp.); **D** — **Oudenodon**; **E.**, **Dicynodon** restaurado. (**C** e **D**, segundo Neumayr — "Erdgeschichte", Leipzig, 1890; **E**, segundo C. Flammarion — "Il mondo prima della creazione dell'Uomo", Milão, 1934).

PLANCHA II

Dicinodontio de S. Pedro. **A**, **B** e **C** — crânio (vista superior, palatina e lateral); **D** e **E** — sínfise mandibular (lateral e superior). **Pmx**, premaxilar; **Mx**, maxilar; **O**, órbita; **F**, fossa temporal; **Pl**, foramen planeal; **Ju**, jugal; **c**, canino; **Pl**, palato; **Qu**, quadrato; **Bo**, basiocipital; **N**, narina; **Na**, nasal; **Prf**, pre-frontal; **Ptf**, post-frontal; **Sq**, esquamosal (desenhos de Vicentino Prestes de Almeida).

PLANCHA III

Kannemeyeria simocephala Weithofer, do Trias sul-africano (Karoo). Reconstituição e esqueleto.

PLANCHA IV

Esqueleto de **Stahleckeria potens** F. von Huene, do Trias de Santa Maria. Tamanho natural, nesta posição: comprimento — 3,41 mts.; altura — 1,85 mts. A preparação e armação dêste esqueleto ocuparam cinco homens, durante dez meses.

Cephalonia lotziana Huene. Esqueleto preparado e reconstituído em Tübingen (Alemanha), em 1939, com restos provenientes da excavação 23, feita por Huene, em 1928, em S. José, proximo de Santa Maria (de uma fotografia que nos foi gentilmente cedida pelo Dr. Guilherme Ráu, de Santa Maria).

PLANCHA V

I, II e III — **Hyperodapedon Gordoni** Huxley. I, aspecto superior do crânio. II, palato, III, sínfise mandibular, vista de baixo. **A**, órbita; **Md**, forquilha mandibular; **Mx**, maxilar; **N**, abertura nasal; **Pl**, palatino;

Pmx, premaxilar; **S,** fossa supratemporal; **S',** fossa temporal lateral. Trias superior de Elgin (Escócia) (de Zittel).

A, B e **C** — Crânio de **Sphenodon (Hatteria) punctatus** Gray e restauração do mesmo. **A,** perfil; **B,** face ventral do crânio; **pmx,** premaxilar; **mx,** maxilar; **n,** nasal; **prf,** prefrontal; **fr,** frontal; **pf,** post-frontal; **s. or,** ossos supra-orbitários; **por,** post-orbitário; **p,** parietal; **F P,** forâmen parietal; **oo,** opistótico; **sq.** esquamosal; **col,** columela; **pro,** proótico; **q,** quadrado; **qj,** quadrato-jugal; **j,** jugal; **pt,** pterigóide; **pa,** palatino; **art.** articular; **a,** angular; **d,** dentário; **F N,** fossa nasal; **F O,** fossa orbitária; **F Ts, F Ti,** fossas temporais superior e inferior; **tr,** transverso; **bo,** basi-occipital; **co,** côndilo; **bs,** basi-esfenóide; **as,** alisfenóide; **cgl,** cavidade glenóide (**A** e **B,** segundo E. Pérrier; **C,** do Tesouro da Juventude).

PLANCHA VI

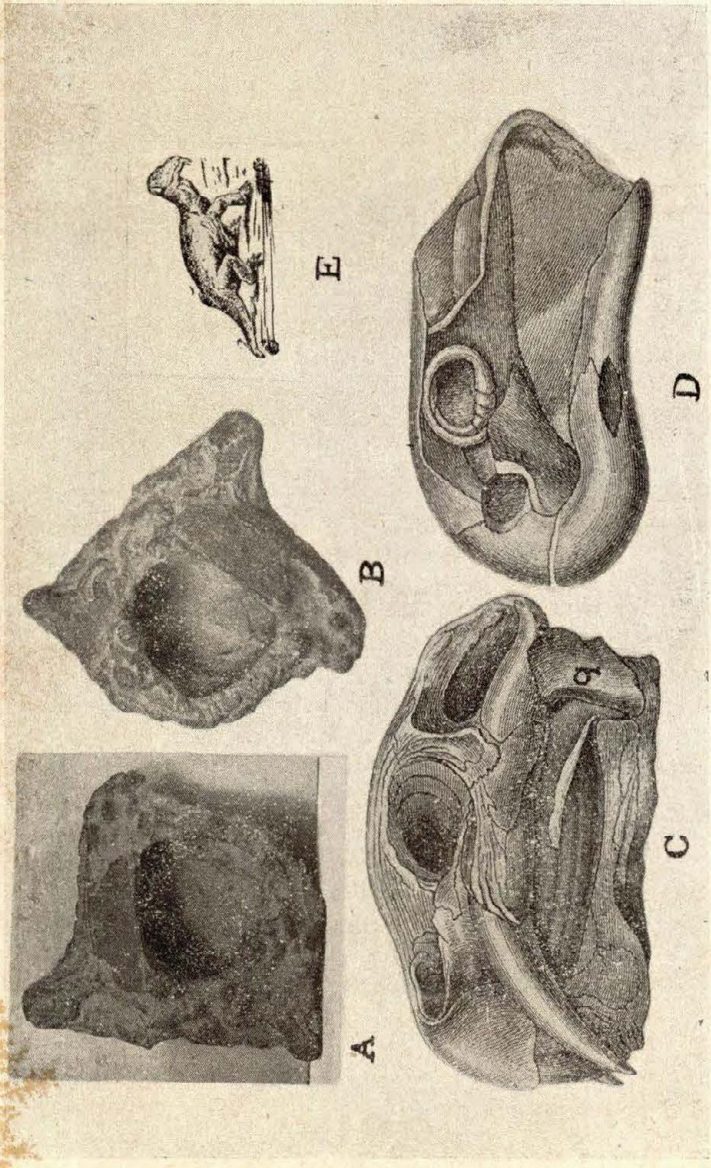
A e **L., Scaphonyx Fischeri** Woodward; **M** e **N, Scaphonyx australis** Huene **(Sc. Fischeri?). A** e **B,** vértebra cervical, vista de frente (A) e do lado direito (B). **c.** articulação do capitulum duma costela; **a. n.** base do arco neural; **c. n.** canal neural; **t.** articulação para capitulum duma vértebra; **x.** faceta para o intercentro. **C** e **D,** vértebra dorsal, aspectos anterior (C) e lateral direito (D). E e F, dedo com quatro falanges (I a IV), visto de cima (E) e de baixo (F). **ex,** escavação da face inferior da falange ungueal (tamanho natural); 12 cms. ap.). G, H e I, falange ungueal, vista de cima (G), de baixo (H) e da região articular (I). **ar,** face articular escavada; **l,** face interna, lisa; **ex,** escavação da face inferior (segundo sir Arthur Smith Woodward). J e K, ponta do dental direito de **Scaphonyx Fischeri,** existente em Tübingen, vista de lado (J) e de frente (K), para mostrar a inclinação lateral. **L.** vértebra cervical média de **Scaphonyx Fischeri,** vista de frente (Brit. Mus. N. H.). M e N, parte do crânio de **Scaphonyx australis,** em Tübingen, visto meio de frente e lado esquerdo (M), para mostrar a abertura nasal direita, e de frente (parte anterior da fossa nasal) (N). V, vômer; **Sept. Med.,** septo mediano; **A b,** abertura posterior direita do nariz (segundo Huene).

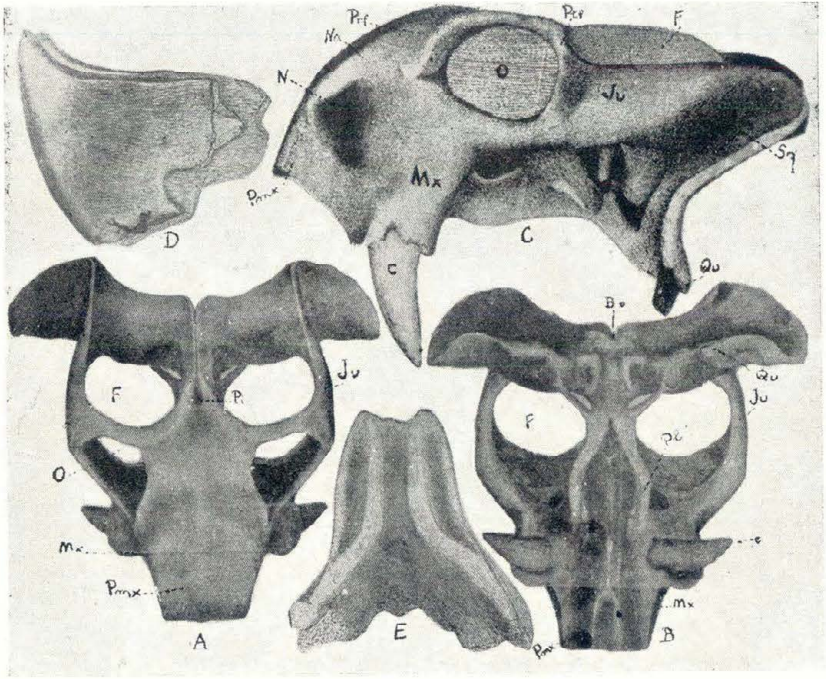
PLANCHA VII

Fotografia do esqueleto de **Scaphonyx Fischeri** descoberto em 1932, em Santa Maria (devemos esta bela fotografia a uma gentileza do Dr. Guilherme Ráu, de Santa Maria).

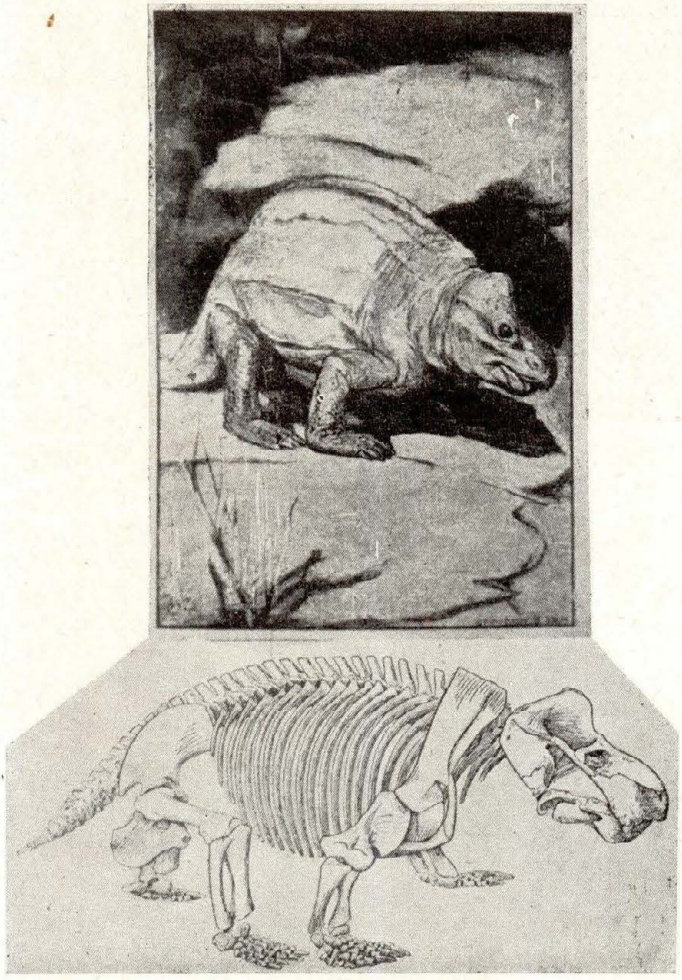
PLANCHA VIII

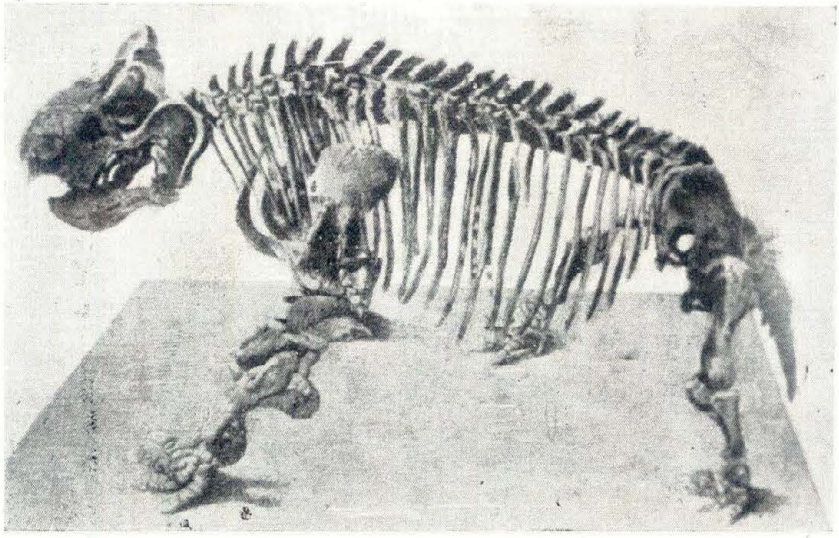
Esqueleto e crânios de Rincocéfalos do Rio Grande do Sul **(Scaphonyx Fischeri).** As fotografias superiores são do espécime descoberto em 1932, em Santa Maria, ora recolhido ao Museu estadual Júlio de Castilhos, em Pôrto Alegre.

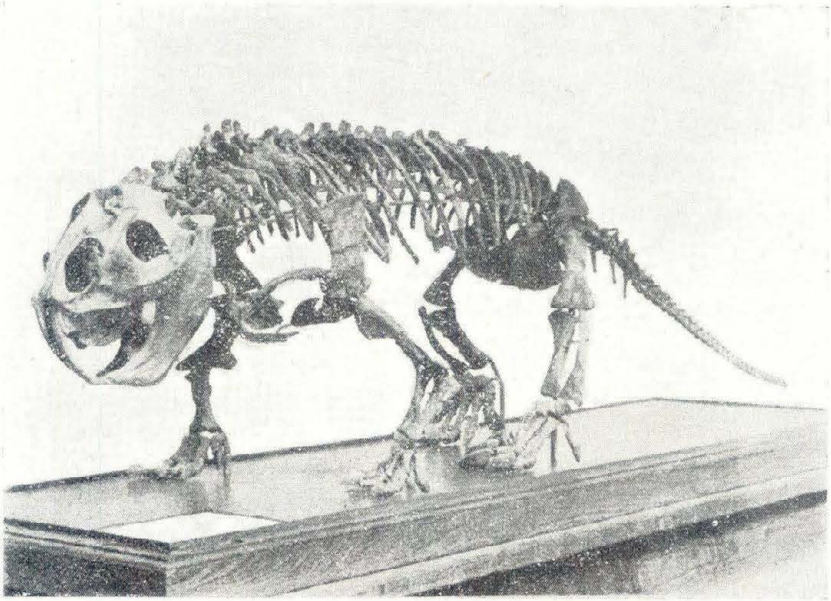

A
B
C
D
E
a

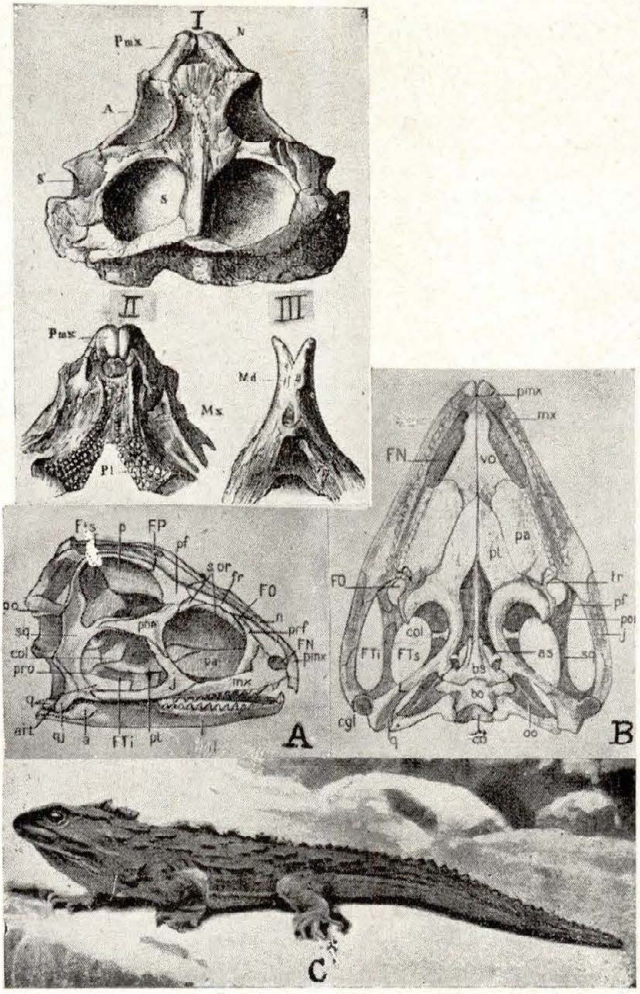


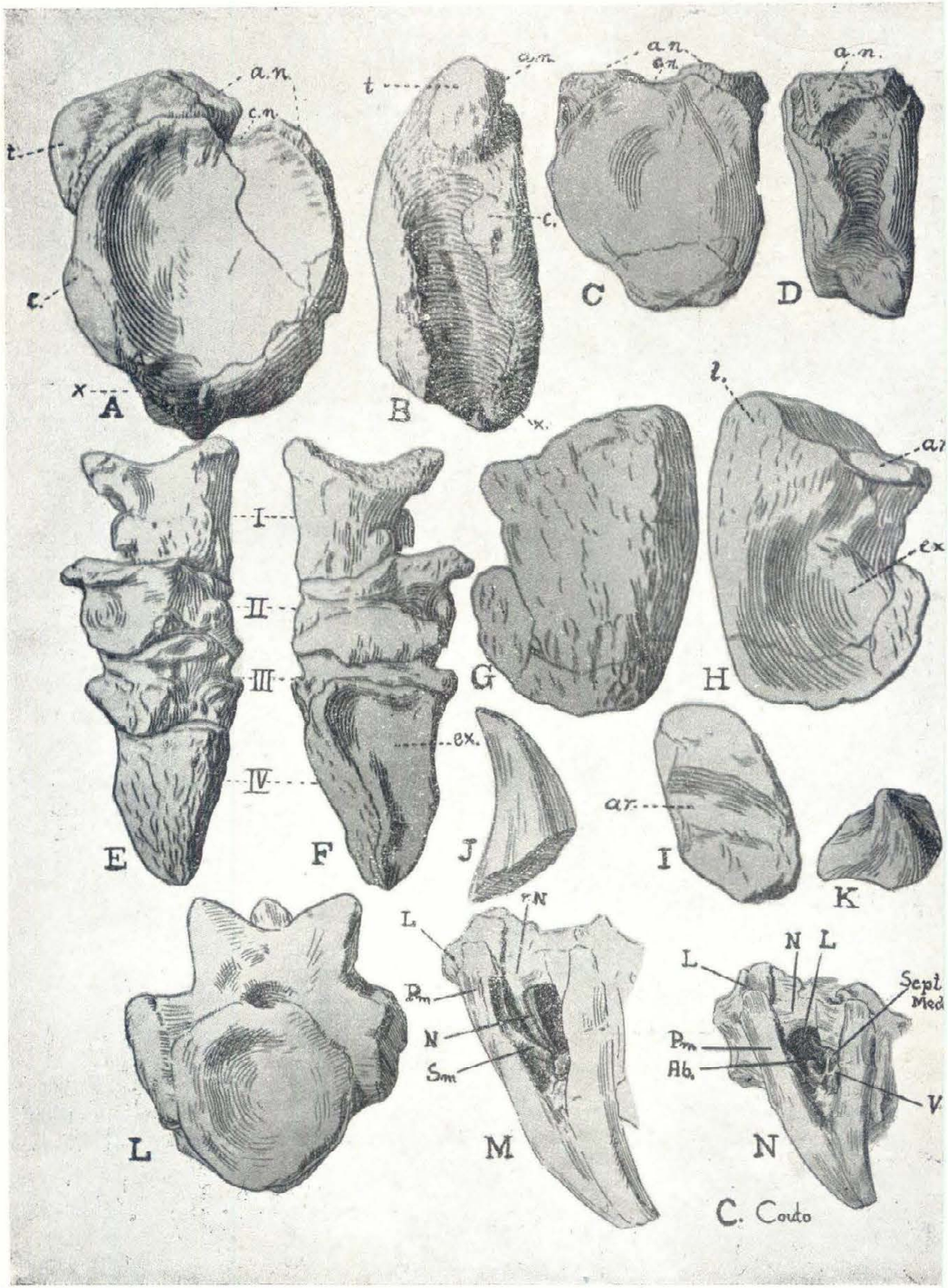
PLANCHA II








I
II
III
Pmx
N
A
S
S'
Pmx
Mx
Pl
M4
A
Fts
p
FP
pf
sor
fr
FO
n
prf
FN
pmx
pa
j
mx
sq
col
pro
q
art
qj
FTi
pt
pmx
mx
FN
vo
pa
pt
FO
fr
pf
col
FTi
FTs
as
sa
ts
bo
cgl
q
ad
oo
B
C


a.n.
c.n.
t.
c.
x.
A
B
C
D
I.
II.
III.
IV.
E
F
G
H
ex.
J
ar.
I
K
L
M
N
Pm
N
Sm
Ab.
Sept. Med.
V.
C. Couto









Prehistória Americana e Brasileira

(O Paraíso Terrestre.)

Walter Spalding.

A República da Colômbia, em seu programa de ensino superior incluiu, sob o título "los primitivos" o ensino da prehistória geral, — aborígenes americanos, — e prehistória de Colômbia.

Louvável essa iniciativa que, sob todos os pontos de vista, dá à vizinha República amiga foros de terra intelectual e das mais cultas da América.

A leitura de uma obra didática, editada pela Universidade Católica Bolivariana, de Medellin, intitulada "Los Primitivos" e da autoria do Dr. Guilherme Valencia R., (1) professor dessa matéria e de Sociologia Americana na Faculdade de Direito da referida Universidade, — a leitura dêsse magnífico compêndio sugeriu-nos a presente nota de curioso nessa matéria tão transcendental quanto fascinante e própria para as maiores fantasias.

Felizmente êsses estudos, hoje, estão sendo encaminhados por sendas científicas, de modo que já se pode ler prehistória e paleontologia sem topar, a cada passo, com números fantásticos, quilométricos, e doutrinações ou francamente materialistas ou, por abusos interpretativos, de tons quase dogmáticos mas, como as primeiras, inexplicáveis.

---

1 — Ediciones de la U. C. B. — Série Textos — Vol. I — Imp. Oficial, — 1939. — Medellin — Colombia.

Que o homem tenha origem divina, não se pode negar, como se não pode negar a origem, a intervenção divina em tudo quanto existe.

Os materialistas, entretanto, negam a pés juntos a divina autoria dos mundos e dos sêres animados e, mesmo, inanimados, porque, dizem, a Bíblia não merece crédito por ser deslavada fantasia aquela criação universal em 6 dias.

Entretanto, convém que se note, a Igreja não dogmatiza a criação do mundo em seis dias, mas, ao contrário, declara ser aquela representação simplesmente simbólica e que cada dia de que aí se fala pode representar um ou vários milênios.

A Bíblia não traz rigorosa cronologia.

O ilustre cientista argentino, José Maria Blanco, S. J., afirma que "nada de cierto se puede establecer acerca de la edad del genero humano, llevando por guia los datos que suministran los Libros Santos y la Tradicion. Los cómputos no son concordes." (2)

E dêsse mesmo parecer são todos os teólogos e sábios que estudaram a questão.

O mesmo se dá quanto ao local, país ou povo, em que foi criado o primeiro homem. A Bíblia nada nos diz, se bem nos indique a tradição como tendo sido a Ásia o berço da humanidade.

Mas...

Em palestra com um amigo, paleontólogo e geólogo de grande mérito, concordamos na possibilidade de ter sido a terra-berço do ser humano o atual Estado de Minas Gerais e Lagôa Santa o local exato, pois se considera o "homem de Lagôa Santa" descoberto e estudado por Peter Wilhelm Lund, o espécime mais antigo de homem até hoje encontrado. Nem a raça dita de "Piltdown", cujos famosos restos estudados por Osborn com muita fantasia, nem a do "Cro-Magnon" e nem

---

2 — *La antigüedad del Hombre y su evolucion* — Buenos Aires 1925 — 2.ª edicion.

a de "Neanderthal" ([2a]) possuem traços mais primitivos do que êsses crânios e restos que Lund descobriu e divulgou.

Não queremos afirmar categoricamente, mas, duvidar quem pode?

Quem será capaz de garantir, com documentos, ser fantasia pura colocar-se o bíblico Paraíso em Minas Gerais?

Como afirmar? Como negar?

Falando a êsse respeito com um jovem sacerdote, de grande cultura e ainda com a teologia fresquinha na cabeça, respondeu-nos que podíamos afirmar ter sido Minas Gerais, — coração do Brasil, — o berço da humanidade, contanto que provássemos ser o "homem de Lagôa Santa" o mais velho dos homens fósseis até hoje encontrados.

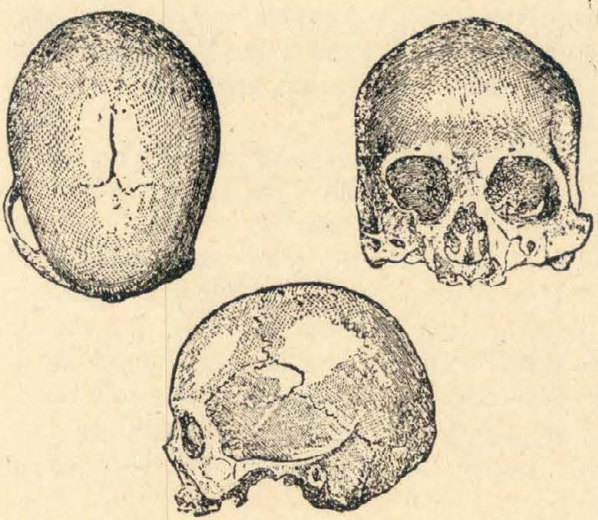
E isto, parece, está já estabelecido, com mais ou menos rigor.

Se se puder, algum dia, provar com rigorosa certeza a "primogenitura" do homem de Lagôa Santa, tôdas as teorias do povoamento do solo americano sofrerão modificações profundas e novamente entrarão em cena as citações bíblicas do Gêneses, segundo as quais teriam povoado a América os descendentes de Ofir Índico, filho de Jetã, neto de Eber, depois de povoarem a Índia Ocidental, alguns milênios antes de Cristo, — com uma diferença: de se não terem passado da Índia para a América, mas da América para a Índia.

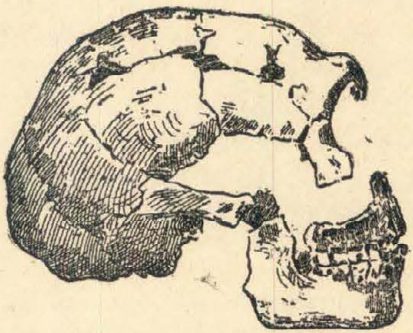
2a — É de notar-se que no Ceará foi encontrado, em 1859 (tres anos após a descoberta da chamada raça de Neanderthal, por Fühlrott), pelo barão de Capanema uma calota, — *calota ou abóbada de Baturité*, — que se assemelha muitissimo da de Neanderthal.

Estêvão Pinto *(Os Indígenas do Nordeste*, 1. vol. Brasiliana — 1935) assim se refere a ela:

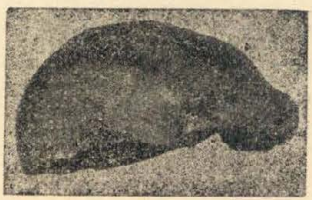
"Pertence aos terrenos cearenses o fragmento craniano conhecido pelo nome de calota ou abóbada de Baturité, encontrado por Guilherme Schüch de Capanema (1859). Está quasi toda reduzida a pura substância calcárea; acima das arcadas superciliares, salientes e espessas, nota-se profundo sulco e a fonte decai rápidamente para trás: "a um crânio assim constituído deve ter correspondido um grau de inferioridade intelectual muito próximo ao dos macacos antropomorfos", dizem Lacerda Filho e Rodrigues Peixoto. Assemelha-se extraordinàriamente ao casquete descoberto, três anos antes (1856), pelo alemão Fühlrott na gruta de Feldhofer (vale do Neanderthal entre Eberfeld e Düsseldorf)".



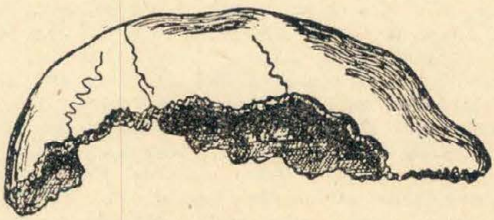
Raça de Lagoa Santa.



Crânio da Gruta de Spy (raça neanderthaloide)



Calota de Neanderthal.



Calota de Baturité (Ceará) Veja-se a semelhança com a de Neanderthal.

Tudo isso, entretanto, são, apenas, hipóteses.
Mas a ciência trabalha... Esperemos seus resultados...

Assim como se não pode negar a criação do homem por Deus, não mais se pode negar que seu aparecimento sôbre a terra se deu no início do quaternário, período antediluviano, época do Hipopótamo ou quarternário inferior.

Foi nessa camada que se encontrou a chamada "raça de Piltdown". A essa época também pertencem as grutas de Lagôa Santa onde existiu o homem de Lund, e o de "Confins". E, mesmo, se quisermos abusar do significado das camadas geológicas daquela zona, não duvidaríamos dizer que o homem da Lagôa Santa pertence ao Terciário embora tenha sido encontrado sob uma camada aluviônica, a 16 metros acima do nivel da lagôa.

Além disso, junto ao homem dessa região, ultimamente descoberto e denominado "de Confins", por ficar próximo à vila dêsse nome o local do achado, "nenhum artefacto de pedra ou cerâmica foi encontrado, que pudesse servir para determinar o grau de cultura dêsse homem primitivo" (3).

O professor Angione Costa, porém, a-pesar-de tudo isso, é de parecer, como Paul Rivet, de que o povoamento da América tenha sido feito por um movimento de migrações e diz que se defrontaram, "no povoamento do Brasil, asiáticos e polinésicos, estabelecendo remotas cruzas, que radicaram na nossa terra a mestiçagem, muito antes dos portugueses aquí chegar". (4)

Paul Rivet, apoiado em estudos linguísticos, culturais, e botânicos da costa do Pacífico diz mais ou menos o mesmo sôbre os povoadores da América do Sul:

---

3 — Aníbal Matos — *Prehistória Brasileira*, S. Paulo, 1939. Êste último achado teve lugar em 1935 e foi feito por uma comissão designada pela Academia de Ciências de Minas Gerais, para continuar os estudos do sábio dr. Lund.

— Angione Costa — *Migrações e Cultura indígena* — Ensaios de arqueologia e etnologia do Brasil. — S. Paulo, 1939. Nessa obra o ilustre professor nega a antiguidade de que falamos, da raça de Lagoa Santa.

"Mis recientes estudios sobre el mundo oceánico me han llevado a la convicción de que el hombre ha sido navegante desde un princípio y, en verdad, la razón és muy simple. La embarcación más primitiva, la balsa mas simple, le procuraban un poderoso medio de transporte, cuyo equivalente en tierra no debia encontrar sino mucho más tarde"... (5)

E após várias citações, afirma: "Nada mas natural, pues, que suponer que estos navegantes se hayan aventurado voluntariamente hacia el oeste, o que los Polinésios, que habian realizado el prodigio de descubrir la isla de Pascua, hayan conducido sus flotas hasta América. En efecto, la tradición o la leyenda, como quieran llamarla, nos habla de la llegada de extranjeros a las costas americanas y del conocimiento que los americanos tenían de ciertas tierras lejanas, perdidas en la inmensidad del Pacifico."

Aliás, a teoria do povoamento da América pelo Pacífico é, hoje, a mais aceita, e defendem-na os grandes antropólogos modernos os mais insignes etnólogos, arqueólogos e, mesmo, sociólogos. (6).

Esta teoria do povoamento da América pelo Pacífico não invalida, de forma alguma, o que antes dissemos, isto é: a probabilidade de ter sido a América o berço da humanidade, como já o afirmou, mas sem base, o grande Ameghino, criando o "homo pampaeus", que Boule tanto criticou, dizendo que "el homo pampaeus no ha existido jamás, sino en el espírito de Ameghino".

Na Europa os sábios todos em vão procuraram elementos que ligassem a idade paleolítica à idade neolítica.

O ilustre prof. Guilherme Valencia R. (8) — em seu excelente compêndio afirma-o nestes parágrafos:

---

5 — Dr. Paul Rivet — *Relaciones comerciales Precolombianas entre Oceania y America.* — Paraná, Rep. Argentina, 1928 (De los "Anales de la Facultad de Ciencias de la Educación", tomo III).

6 — Antônio Gonçalves Dias, o grande poeta indianista, nasc. em 1823 e falecido em 1864, em sua obra *O Brasil e a Oceania* já adotara esta moderna teoria das migrações, apoiado em Ferdinand Denis, D'Orbigny e outros.

7 — Marc. Boule, — *Les hommes fossiles.* — *Eléments de paléontologie humaine.* — Cit. por J. M. Blanco, S. J., ob. cit.

8 — *Los Primitivos, já cit.*

"A pesar del esfuerzo de muchos sabios para hallar un puento o unión entre la edad Paleolítica y la Neolítica, es muy notorio el que no se haya logrado esse intento, y que se admite generalmente un hiato o salto, precisamente entre el periodo Antediluviano o de los glaciares y el Postdiluviano o de aluvión, que corresponden a la división de las dos grandes edades de la piedra. — Este hiato demuestra que Europa dejó de ser habitada por un tiempo..."

A rigor poderíamos afirmar que êsse despovoamento da Europa em consequência do Dilúvio universal — que bem pode ser a época do degêlo que invadiu e cobriu o mundo, — deu em resultado o povoamento da América para onde fugira Noé com os seus na arca de que nos fala a Bíblia. E, nesse caso, os fósseis humanos de Lagôa Santa e redondezas seriam os restos mortais de Noé e os que o acompanharam. E, passado o degêlo, sêca novamente a terra, a família de Noé retornou, em parte, para a Europa, dando início à época Neolítica.

Isto seria explicação ao "hiato" europeu entre as duas grandes idades da pedra.

Mas como o período do degêlo deveria ter atingido todo o orbe, inclusive a América onde abundam os vestígios daquele acontecimento, a explicação não satisfaz.

Dessa forma continuaremos com a hipótese de ter sido a América o berço da humanidade e que daquí partiram, ainda na época paleolítica, — a aí surge a Bíblia com uma explicação plausível, — Caim e seus descendentes após a perpetração do crime — o assassínio de Abel — que Deus amaldiçoou, e que se estabeleceram, quiçá, na zona de Piltdown, formando o que hoje se designa a "raça de Piltdown".

E isto sem impedir que, mais tarde também para a Europa seguissem, via Ásia, descendentes de Abel dos quais nasceram "os filhos prediletos de Deus", — Noé e os seus, que Deus salvou do Dilúvio.

Nesse caso, tendo o Dilúvio ou degêlo que se deu justamente entre as duas épocas, a Paleolítica e a Neolítica, — atingido todo o mundo, a Europa sofreu um hiato na sua

cultura que talvez se instalasse no monte Ararát e sua redondeza, com Noé, lá pela Ásia, desaparecendo o resto da humanidade da América e da Europa.

Em consequência, enorme seria o hiato cultural na América que somente se repovoaria, conforme as modernas teorias arqueológicas, etc., com povos da Ásia e Oceania, através o Pacífico, que já traziam consigo a cultura que nossos silvícolas deixaram impressa em seus monumentos, e outros de diversos tipos de cultura, como os Araucanos e tribus do sul do continente e costa Atlântico-Sul, esparsos pelas Américas, de norte a sul, mais adiantados na costa norte do Pacífico, provável ponto de repovoamento.

Daí se espalhariam uns entrando pelo atual Amazonas, formando a cultura marajoara, outros descendo a costa do Pacífico tendo como possível ponto de dispersão e provável fusão com outros tipos asiáticos ou polinésios, o planalto central boliviano, como aconteceu com o mamute, no quaternário médio americano.

Resta-nos ver, agora, se existiu, na América, algum animal antediluviano, contemporâneo do Hipopótamo.

Do quaternário médio inúmeros são os fósseis nas 3 Américas.

Vejamos alguns desses achados: No Rio Grande do Sul, do secundário, os fósseis de S. Pedro, entre os quais os do gênero **"Diodontosaurus"** que o prof. Tupí Caldas estudou e classificou (9); no quaternário (10) encontramos, entre muitas outras espécies distribuídas em toda a América, o fóssil de Iraí recentemente descoberto e estudado pelo prof. Tupí

---

9 — Prof J. Tupí Caldas, — *Paleontologia do Rio Grande do Sul* — O fóssil de S. Pedro, — in Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, II Trim. de 1936.

10 — Veja-se: Dr. Luis Cuervo Márquez, — *Especies extinguidas Hallazgos en la Sábana de Bogotá*, — in Revista de la Academia Colombiana de Ciencias Exactas, Fisicas y Naturales, — Vol. II — n.º 5 — Enero, Febrero y Marzo — 1938, Bogotá.

Caldas que o denominou **"Bunomastodon iraiensis"** (11), que não é mais (a nosso ver) do que o **Mastodon Andium** ou **Mastodon Humboldti,** — e também o fóssil de Farroupilha, — **Equus caballus** — estudado pelo mesmo prof. Tupí Caldas, que o classificou — **Equus proto caballus** (12).

Quanto ao quaternário antediluviano, ou pleistoceno encontramos animais como o **Bunomastodon** Tupí Caldas, os relacionados e estudados por Luis Cuervo Márquez (veja nota 10): **Proboscídios, Mastodontes, Equus caballo, Equus curvidens,** etc., o **"Megatherium americanum"** ou **"Megatherium Cuvieri",** existindo, ainda, outros tipos dêste como o **"M. Lundi"** e o **"M. mirabile"** da América do Norte, contemporâneos, todos, do Hipopótamo.

Esqueletos, crânios, e fragmentos de animais dêsse período foram encontrados em tôda a América, especialmente na Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia e América do Norte.

São, ainda, do pleistoceno diversos tipos de mamutes, sendo característico da espécie o **Parelephas** ou **Elephas colombi** que penetrou até o México, bastante semelhante ao **Elephas primigenius** do pleistoceno asiático ou europeu.

Ainda dessa época, ou do Triássico, segundo a generalidade, são os fósseis encontrados em Santa Maria (Rio Grande do Sul) do Scaphonyx Fischeri.

Vê-se, assim, que na nossa América existiram animais da mesma época do aparecimento do homem, e que Lund e seus continuadores, nas cavernas de Lagôa Santa, Confins e outras, descobriram não só fósseis humanos, mas também

---

11 — Prof. J. Tupí Caldas — *Nota Paleontológica* — O fóssil de Iraí, — in Rev. do Inst. Hist. e Geogr. do Rio Grande do Sul, — IV Trim. 1938. — Veja-se, também: Carlos de Paula Couto: *Paleontologia do Rio Grande do Sul,* — Rev. do Inst. Hist. e Geogr. do Rio Grande do Sul — III Trim. 1939.

12 — *Nota Paleontológica* — Fóssil de Farroupilha — Idem — I Trim. de 1939. — Existe no Museu Júlio de Castilhos (Pôrto Alegre) interessante peça anatômica, cabeça de boi, com chifre de estrutura anômala, que está sendo objeto de estudo por parte do prof. Tupí Caldas que a considera peça fóssil de indivíduo autóctone da América, e que supõe ser de espécie contemporânea do pleistoceno.

fósseis de animais antediluvianos (do pleistoceno) (13), como o "equus caballus" ou "equus protocaballus", "megalonix" e "megatherium".

A respeito afirma Lund: "Posso afirmar, pelo que tenho visto, que se o **Megalonix** e o **Megatherium** tivessem por morada a terra e não as árvores, teriam sido completamente aniquilados, em virtude de seus movimentos desajeitados e tardos; hoje não seriam achados os seus destroços junto aos restos do grande tigre antediluviano, sepultos na mesma jazida em que foram depostos, durante os últimos dias anteriores ao cataclisma que correu uma cortina de mistério entre o mundo passado e a criação atual" (14).

Nas listas de fósseis das diversas eras encontrados por Lund em Minas Gerais, encontram-se os mais variados espécimes comuns à Europa, Ásia, África e Índia, tanto da era terciária, como quaternária ante- e postdiluviana. (15)

Ora, em vista de tudo isso, como negar a primogenitura humana na América? Mas, também, como prová-la, categoricamente?

Talvez, em breve, possamos ver êsse problema cuidadosamente estudado e resolvido pela geração que se está fazendo com as novas disciplinas das Universidades, especialmente as da prehistória que a grande República Colombiana introduziu dando exemplo do mais acendrado amor á cultura de seu povo.

Enquanto isso, sem pretensões a Gobineau, aquí ficamos a espera do **veredictum** dos sábios paleontólogos e arqueólogos.

---

13 — Veja-se: Aníbal Matos — ob. cit.

14 — Peter Wilhelm Lund — *Memórias Cientificas* — Trad. do dr. Leônidas Damásio — Biblioteca Mineira de Cultura, Belo Horizonte, 1935. — O que nos interessa, aquí, é o animal em si e não a descrição de seu gênero de vida que foi, por muitos contestada.

15 — Id. ibidem.

Epistolário de César de Castro

por Fernando Callage.

A Castilhos Goycochêa que tão nobremente cultua a memória sempre querida daquele que no dizer de Abel Botelho "foi o mais requintado artista da prosa portuguesa" — ofereço êste "Epistolário".

Acompanhado de algumas notas que julgo necessárias, publico, hoje, na "Revista do Instituto", o "Epistolário César de Castro", uma coletânea de 53 cartas, que o artista insigne de "Frutos do meu pomar", escreveu-me no decorrer dos anos de 1912 a 1928.

Quando em 1932 dei à estampa, na mesma "Revista do Instituto", a um modesto trabalho sôbre o meu inolvidável amigo, em que alinhei algumas notas sôbre o homem e a obra, era minha intensão, para melhor conhecimento do seu temperamento raro de artista, dar, ao mesmo tempo, à publicidade suas cartas — tão belas de sentimento como formosas de estesia — mas, não o fiz, porque essas cartas se achavam com minha família, em Santa Maria, e, eu, me encontrava nesta capital.

Acontece, porém, que estando, atualmente, na posse dessa correspondência, dêsse relicário sagrado em que se estampa uma grande alma e um grande coração, achei do meu dever, não retê-la egoisticamente — o que seria um crime — e levá-la ao espírito e ao coração dos seus amigos e admiradores.

Certo que nenhum intuito menos digno me conduz o desejo de trazer ao público tôda uma correspondência particular de um artista, que foi, em terras do Rio Grande, uma das suas expressões mais altas e que constitue, hoje, para os seus coestaduanos, um legítimo orgulho; mas, sim, a necessidade de mostrar a tôda gente, principalmente aos intelectuais rio-grandenses, o carinho de quem tanto amou a nossa terra nas menores cousas.

Quando, por tôda a parte, se procura melhor conhecer os seus homens para se os amar, nada mais natural que venha à luz do dia, aquilo que constitue melhor documento de suas personalidades e que são suas cartas. Nestas, não existe rigor de forma, de pensamento, de alma, de coração, de espírito, é o homem tal qual é, com os seus altos e baixos na esfera de ação e dos sentimentos, dando tudo quanto possa dar do seu mais íntimo pensar e sentir.

Daí, a razão, porque as cartas são documentos preciosos para se biografar um escritor, um estadista, um filósofo, um simples agitador de massas proletárias. A sinceridade não se esconde nelas e surge o homem em todo o seu matiz de beleza e de amor à verdade, porque nada lhe constrange a ser sincero, franco, positivo. Escreve, como se costuma dizer, de pijamas, sem as preocupações das "toilettes" do dia, das maçadas cerimoniais.

O homem é o que é, sem falsos sentimentos e sem o cinismo hipócrita dos convencionalismos. Diz o que pensa e tudo quanto lhe vem ao coração. Tal, pois — para os psicólogos, para os historiadores, para os sociólogos, para os romancistas, para os estudiosos de qualquer ramo da ciência — é a importância dêsses documentos pessoais, que por tôda a parte se editam livros, contendo a correspondência particular de tal escritor, de tal poeta, de tal pensador. (*)

No Brasil muita cousa já se vem publicando, nesse sen-

(*) Tanto em Portugal como na França se dão muito valor às cartas de escritores. Haja vista, a publicação da correspondência particular de Antero de Quental, Camilo, Eça, Fialho e outros. Na França, publicaram-se seis volumes só de cartas de Flaubert.

tido, notadamente as cartas de Machado de Assís, Euclides da Cunha, Rio Branco, e outras personalidades ilustres das artes e das letras, da política e da história. César de Castro pelo seu valor pessoal, pelo seu culto à arte, pela sua maneira singular de escrever, pela sua obra literária sem igual neste país, pela sua imensa, prodigiosa cultura, pela originalidade de seus temas, pela grandeza do seu espírito, do seu coração, precisa e deve ser estudado pelas novas gerações.

O "Epistolário" que formo, hoje, servirá, sem dúvida, não só para se avaliar, cada vez mais, do seu valor de artista, como sensibilidade, mas, precisamente, para se compreender melhor o seu temperamento, tôda sua obra que não é grande em tamanho, em volume, mas grande na sua maneira de ser, de expor o seu pensamento de escritor e de filósofo. César de Castro, foi, sobretudo, um colorista da palavra, um poeta imaginoso tocado de estranha, singular emotividade. Os seus poemas, em prosa, são verdadeiras maravilhas de arte, obras primas de sentimento e de síntese.

Em qualquer de seus livros, — "Frutos do meu pomar", "Péan", "Esquife de palissandra", "Esgares do mesmo rosto", "A cura pela beleza", "Aforismos de um cabo d'esquadra", "Diagramas duma paixão" — nota-se, sempre, o artista perfeito, o escultor apolíneo da frase, o mestre de bem dizer e escrever. Tal era o seu rigor, a sua sensibilidade, o seu requintamento estilístico, que uma vírgula, um acento gramatical, uma letra trocada e fora de propósito eram o bastante para fazê-lo sofrer atrozmente, como em muitas cartas do seu "Epistolário" deixa ver, sem nada ocultar.

Isto o artista peregrino, o caçador de esmeraldas das nossas mais puras jóias verbais. Agora, quanto ao homem, vemo-lo sempre amando, sentindo o Rio Grande. O seu paraíso, a sua felicidade, o seu mundo de emoções e de afectos, era quele pedaço de território da pátria. Era alí que pulsava o seu coração, que batia de amor aquele "pêndulo dos ritmos", que estava sempre sofrendo por um coração de mulher ou sempre ritmando de alegria, pela amizade de seus amigos.

Devo confessar, com profunda tristeza, que muitas de suas cartas desapareceram de meu arquivo. Principalmente aquela referente ao trágico fim de Perí Melo, seu grande amigo e que também foi um grande artista, assim como outras, referenciadas em minhas notas. A última carta que recebí, dêle, foi em 1929, quando se encontrava em Pernambuco. Depois o grande silêncio. Mais nenhuma notícia. Sabia-o, entretanto, pelo Norte, pois, a sua profissão de militar, não lhe dava pouso certo, hoje aquí, amanhã alí, sempre, porém, com os olhos e coração voltados para as verdes coxilhas do Rio Grande — o seu terno amor à querência. (**)

No "Epistolário" existe de tudo. E' um panorama de sentimentos. Julgamento de homens e coisas, de pequenas observações das coisas da vida, do mundo, com retalhos de alma. Por vezes algumas queixas, resentimentos, mágoas; outras vezes, porém, exaltação, entusiasmo, fé. Sobretudo admiráveis páginas de arte, uma sinfonia de côres, de música e de perfume.

Publicando essas cartas, seja-me grato dizer — a mim que fui um dos seus confidentes — que elas não diminuem o seu valor, pelo contrário, o elevam, o exaltam, o glorificam. Daí, a razão maior, por que não vacilei um só instante na publicação de tão preciosos documentos — que são pedaços de sua alma e do seu coração. (***)

Fernando Callage

S. Paulo, 4 de junho de 1939.

I

Meu talentoso confrade Fernando Callage.

Demorei no agradecer a gentilesa com que me honrou no ultimo numero da "Alvorada". Viagem esperada para

(**) César de Castro, nasceu em Pôrto Alegre, em 1884 e faleceu em 1930, na Paraíba. O seu corpo, hoje, se acha no cemitério de Pôrto Alegre, por interferência de seus amigos e admiradores.

(***) O presente "Epistolário" obedece, rigorosamente, a grafia de tão delicado artista gaúcho. — F. C.

o mez, porem inesperada agora, alvoroçando-me o fio das preoccupações causou tal demora. (1)

"Mieux vaut tard...", creio que é assim, não é verdade? O seu coração fallou pela sua penna. Vio em mim qualidades que só os bem intencionados, cuidosos apenas dos enlevos e finesas do mundo, sóem vêr nas alfeias pessoas que usam de certos modos a-parte.

Não sou o que ordinariamente se chama um literato; penso que jamais o serei, limitando-me ao rude e nobre officio de soldado que, nas horas vagas (horas de folga, é direito), emvez de frequentar os institutos de degradação da alma, gosta de mirar as paisagens das estrellas. E, como estrellas ainda sam agradaveis de vêr, amo confessar que ellas sam agradaveis de vêr. Eis tudo.

Por isso suppoem ás vezes formosos espíritos, como o seu, que eu goso do dom excelso de manejar dextramente (ou sestramente) um cálamo. Afinal, isso me surprehende de véras; e o que ha de optimo na vida é a surpresa, seja em bem seja em mal.

E é com maior força do meu coração que lhe trago este agradecimento, resando aos deoses da Luz e da Verdade, para que facilitem a marcha do seu joven talento.

Do amigo e admirador,

Cesar de Castro.

Porto Alegre, XI-MCMXII.

---

1) O trabalho a que se refere César de Castro, apareceu no periódico "Alvorada", que se publicava na cidade do Rio Pardo, sob a direção de Helvécio Lisbôa, um jovem de talento e que muito prometia. Foi êste o meu início nas letras e do qual datou a minha longa amizade com o máximo artista rio-grandense. Era muito jovem e gostava de rabiscar bobices pelos jornalzinhos literários, quando alguém me deu a ler "Frutos do meu pomar". Fiquei seriamente impressionado com os poemas em prosa de tão fulgurante espírito e, incontinente, escreví algo que me parecia razoável dar à publicidade, o que fiz no jornal referido. — F. C.

II

Meu charo Fernando Callage

Muitas e affectuosas saudações.

Faz hoje precisamente uma mez que, empós o seu fraternal amplexo, por um dia de nevoas e temporaes em perspectiva, deixei a amavel cidade de Santa Maria, começando a deixar as terras dilectissimas dos pagos.

E n'esse mez não encontrei uso para lhe escrever fragmento ao menos de rabisco, porque a instabilidade do domicilio, juncto á inhospitalidade do clima, absolutamente não o quiz. Sou um individou de espirito meio barometrico: oscillo com as menores variações de pressão.

Estas oscillações, inhibem-me de qualquer esforço mental. Mas, dirá v., escrever meia-duzia de linhas epistolares tambem se chama emphaticamente labor mental?!...

Vá lá, admitamos que não o seja, isto é, não o é: mas não porá em duvida que é labor manual. E resultaram-me atadas as mãos por ordem e capricho dos meus nervos agoados com a mudança do clima. Dahi a demora em passear té juncto do seu espirito tam espiritualmente cordeal e suave.

Faço-o, porém, n'um curto lapso, dado que ainda não me sinto de todo ao nivel das circumstancias do meu novo habitat. Ha poucos dias mudei de residencia, localisando-me na descambada d'um morro, a quarenta minutos do centro urbano. Como o nosso amigo Andrade Neves Netto, firmo das vantagens, apparentemente inconciliaveis, da roça, e da cidade, tamancos versus botinas, dialecto versus linguagem polida, e reciprocamente. (1)

---

1) César de Castro, refere-se, no período acima, a um dos mais belos espíritos que residiu por muitos anos em Santa Maria. Era o dr. Andrade Neves Neto, descendente do heróico Barão do Triunfo, que tão notável papel teve na guerra com o Paraguai. Orador, jornalista, poeta, foi Andrade Neves Neto uma das mais brilhantes inteligências nascidas no Rio Grande. O ilustre neto do valoroso cabo de guerra, faleceu, em Santa Maria, ainda muito moço, deixando uma grande saudade no coração dos seus amigos e admiradores. — F. C.

De manhã a luz castiça d'estas regiões, onde o hynverno é um requinte de marinissimo climaterico, me delicia os olhos, bairiolando-se nos ancernulios do terreno, emquanto cigarras estridulam nos troncos das arvores tropicais. De tarde, é tudo isso da manhã emulsionado em deliquios. Sonho com um desmancho lento nas correntes mansas de um nirvana barato.

O que me contraria é o exotismo das coisas natuares: montanhas tapando o horisonte e a vegetação das plagas quentes. Toda a negação cosmica do nosso estremecido Sul. Mas, enfim, como a saudade não morre, fasendo-se infinitos ipisodios na téla da alma, vivamos.

E... ponto final... por hoje.

Acceite um forte amplexo d'este seu confrade e grato amigo

Cesar de Castro.

Rio, 20/3/1913.

Add.: Mando hoje para a "Gazeta da Tarde", uma traducção que fiz, a-la-minuta, de um artigo de Philéas Lebesque sobre as actuaes tendencias da literatura portuguesa. N'elle ha muito optimismo e pouca verdade, reconheço, mas dá uma idéa regular do movimento das letras n'aquelle paiz. Procure-o lêr. — C.

III

Charo e talentoso amigo Fernando Callage.

Fortes e affectuosas saudações.

Vam, com estas ligeiras rabiscas, um livro e umas gravuras. No livro o meu presado amigo verá como se ensina a escrever, e talvez imagine que isso de sujar ou immortalisar papeis é coisa de ensino, imagem que logo será banida, estou certo.

Si os gaturamos escrevessem livros..., nunca jamais os carácarás deixariam de ser carácarás, isto é, umas aves inteiramente diversas dos gaturamos, no canto e no mais.

As gravuras, entre ellas, contêm um quadro surprehendente, esse de Richard Stone: "A morte descortinando aos olhos os mysterios do além". Que feiticeiros olhos o da mulher! como nos o querem á contemplação voluptuosa do que estam vendo!... Não está commigo, ó alma espiritualisada?

Amplexos e saudades do

Cesar de Castro.

Rio, IV-MCMXIII.

IV

Presado amigo Fernando Callage.

Muitas saudades.

Vae para dias que estou para mandar-lhe algumas linhas epistolares, como é dever de gentilesa. Mas tenho vivido tam aborrecido ultimamente que coragem nenhuma me anima a qualquer movimento inclusive aquelles mesmos que respondem ás sagradas necessidades da affeição.

Tenho-lhe enviado jornaes, enviei-lhe um livro. Quanto a este succedeu um facto meio picaresco e excessivamente estupido, na gerencia postal em que o registei.

Estava n'esse dia um tanto com os bofes de palhaço, isto é, nas melhores disposições da vida. Como o endereço era em hespanhol, fingi, macarronescamente, perante os homens postaes, não ser deste mundo brasileiro. E, em tom castelhano, pedi registo do volume.

Olharam-me espantados, cochichavam, liam e reliam o endereço. Decididamente eu não era deste mundo brasileiro. Ao pagar, dei uma argentina moeda de 1$000, quero dizer moeda de prata. Logo puzeram no prato de uma balança, nobre como a cara d'elles, verificaram e reverificaram,

devolvendo-m'a n'um gesto muito commum á delicadeza de uns senhores orelhudos e de cascos:

— Não tem o peso da moeda nacional.

— Caracoles!...

Passei-lhes outra, ainda pesada, felizmente acceita, e fui-me raspando, para evitar visiveis complicações. Imagine: castelhano e moedeiro falso!

Esta nossa patria em tudo vae sahindo melhor do que a encommenda.

Que tal achou o livro de Antonio Albalat?

Muito interessante, decerto, mas inutil para quem nasceo, por exemplo, com a bella vocação de ferrador de muares ou de deputado federal, não é assim?

Tenho lido, do mesmo, outros volumes, mas todos em francez, como "O mal de escrever", "O tratado do estylo" e "Os inimigos da arte de escrever".

O meu amigo progride ou não na sciencia da graciosa lingua de Anatole France?... E' preciso, por muitas novidades, difficeis de obter ahi, pejam aqui as livrarias, e sempre lembrei-me de enviar-lhe algo d'ellas (**algo d'ellas!** que insolente assonancia!)

Quanto á biblioteca internacional, de que falla, é um conto do vigario, em que, como muitos incautos, cahi, mas de que procuro livrar-me, recusando-me ao pagamento das mensalidades, com prejuiso embora da quantia já entregue.

Elles, da tal sociedade de cavalleiros de industria, que mandem buscar os seus 24 boçalissimos volumes. Até Terrail, aquelle do "Rocambole", o Doyle, aquelle do "Sherlock Holmes", o Richebourg, aquelle da "Tutinegra do moinho", todos os calhamassudos animalejos d'este orbe figuram na choldra internacional.

Lindolpho Collor disse-me, a rir, que só escreveu para ella porque a coisa rendia. Entretanto, o seu artigo, apesar de muitas omissões injustas ou de esquecimento inevitaveis, está bem feito e muito servirá a quem pretende traçar o quadro da evolução literaria rio-grandense.

Nomes valorosos como o de Irineu Trajano e o de Pery Mello, estas duas peregrinas vocações, sam esquecidas. (*) Ha muito riograndense indignado com o Collor, porem acho que sem razão: elle é incapaz de melindrar quem quer que seja ou de mesquinharias.

E,o meu amigo, quando se resolve a um gyro por estas bandas, que não têm a enlevada suavidade dos nossos pagos, mas imprescendiveis á cultura do espirito?...

Acceite, com minhas saudades, um forte amplexo do

Cesar de Castro.

Rio, V-MCMXIII.

V

Presado amigo Fernando Callage.

Muitos e saudosos cumprimentos. Escrevo-lhe estas linhas ás carreiras, não só para aproveitar a opportunidade do correio como por sentir na fronte a tenaz de uma enxaqueca progressiva. (*) Hontem, á noite, preparei os trabalhos que, junto, lhe mando, pedindo a gentilesa de muito cuidado na revisão de "Constructores".

(*) Esta carta foi anterior ao trágico desaparecimento de Perí Melo, umas das mais vigorosas inteligências nascidas em terras do Rio Grande. Logo após à sua morte, verificada em 25 de abril de 1913, no Rio de Janeiro, quando me encontrava em S. Gabriel, trabalhando no "Diário da Tarde", jornal êste de propriedade do meu irmão Roque, recebí, de César de Castro, uma longa missiva narrando-me, cheio de dôr, a perda que sofrera com o prematuro desenlace de tão fulgurante espírito. Essa carta, escrita em várias páginas, infelizmente subtraíramna do meu arquivo, o que é verdadeiramente lastimável, pois, se tratava, de um completo estudo sôbre a vida e a obra do artista sempre chorado da "Exaltação do Silêncio" e que muita luz, traria, hoje, não só para glorificação de Perí Melo, como, tambêm, para exaltação de César de Castro — o seu melhor e dileto amigo. Essa carta é bem provável que um dia seja publicada... Espero, ardentemente, que isso aconteça! — F. C.

(*) O artista ilustre de "Esgares" era muito sujeito a enxaquecas, o que lhe contrariava sobremaneira. Nesses dias ficava impossibilitado para escrever qualquer coisa e mesmo para conversar com os amigos. — F. C.

Não leve a mal este incommodo que lhe dou,... e, como attenuante em meu beneficio, lembre-se de que é escritor, zeloso pelo aspecto exterior da prole. — Recebeu o livro de gravuras relativas á arte francesa no seculo XX? Endereceí-o para Santa Maria, na supposição de que o amigo ainda lá permanecesse, — Amanhã, si as innumeraveis e interminaveis aulas me derem licença, escrever-lhe-ei mais demoradamente.

Abraços do

Cesar de Castro.

Rio, 11/6/1913.

VI

Meu charo Fenando Callage.

Salve! . .

Que é feito das emanações epistolares da sua dilectissima pessoa?

Ha Muito que não me chegam ás mãos cartas suas, e isto me ennubla o semblante da alma.

Estou zaranza na escolha dos termos, bem subtis e amaveis, com que agradecer as generosas expressões do seu artigo quanto a mim. (*)

Defronto um perdulario de coração.

Isso me agrada porque não sou avarento, mas isso me desagrada porque não sou esbanjador.

Poupe o seu thesoiro, e não pague assim caro tam ruim mercadoria.

Juncto... uma explicação.

Amplexos e saudades do

Cesar de Castro.

Rio, VII-VII-MCMXIII

(*) Tratava-se de um novo ensaio que havia feito sôbre *"Péan"*, num jornal de Santa Maria. — F. C.

VII

Meu presado confrade e excellente amigo

Fernando Callage.

Recebo a sua carta n'uma hora em que os sinos, em a egreja da Lapa dos Mercadores, creio festejam N. S. da Gloria. A figura do dia não quadra absolutamente à solemnisação de tam alviçareira e inclyta Senhora. Cinzento e alternado de chuviscos. Estava n'um doce languor de tristesa, como ando perennemente agora, mais triste que o céo, e a sua carta entrou-me affectuosamente no quarto, como um jorro magnifico de sol. Havia tanto tempo... Tanto silencio entre nós,oriundo da sua pessoa, a que nem de leve culpava, sabendo quanto sam estafantes os labores da imprensa, como ao Roque nunca levara a mal, pelas mesmas justissimas rasões, embora me affligisse, o seu retrahimento apistolar para comigo. Sou uma creatura que nasceu trasendo a mania incuravel do goso de palrar, mas em barda, às espadanas, com a irmandade dos raros amigos cheios d'essa mesma fé que é miragem aos meus olhos, n'este areial inhospitaleiro para onde arrumei a minha pobre caravana de illusões. De modo que a sua missiva me veio espertinar a necessidade de soltar umas palavras represadas em falta de interlocutor idoneo. Como expliquei, ante-hontem, ao Roque, passo existencia de benedictino, forçado pelos estudos academicos, entre o meu tugurio e a Escola, raramente variando o itinerario das sahidas. De alguns camaradas com quem trocava palavras (não ideias nem imagens), aqui ou acolá, nos cafés, de todo me arredei, sciente de que em nada elles abalariam, para melhor, as veias das minhas fontes intimas. Um ou outro ficou intrigado, o resto não sei o que pensou. E assim estou, com as minhas necessidades de expansão trancadas, ardendo com as suas flammejações secretas. De ahi o só me restar o derivativo epistolar com alguns dilectos, predilectos, entre os quaes o meu querido amigo tem logar distincto. As horas amaveis da cidade montana

de Santa Maria com o seu espirito... Horas inolvidaveis e serenas, fugitivas como o sonho de um perfume, em que no emtanto me sangrava o coração, vindo da lucta com os barbaros impudicos, horas de tam serena amabilidade que me embalsavam em blandicias os ardores das feridas. Os senhores immortaes de Goncourt disseram a convalescença predispõe o homem para as emoções como o é a chapa photographica para a luz. A sensibilidade é extrema, e o que n'ella se grava, em taes occasiões, resulta indelevel. Eu era n'aquelles dias um convalecente fragil. Como obscurecer a imagem da sua gentilissima pessoa, ou como deixar de sorrir agradecido a cada vez que ella me occorra, o que succede, ter-se poucos amigos, sobre a desvantagem de ter-se muitos, reside superiormente n'isto que a gente os ama com maior intensidade, visto o coração enfraquecer dispersando-se, como aliás succede a toda a força n'este mundo de limitações necessarias. Os temperamentos, por mais que se aparentem, sam muito varios, e as harmonias difficeis de estabelecer-se. Vez a vez me lembro do profundo conceito de verdade achado n'uma pagina de Julio Cesar Machado, lida ha annos, que transcrevi para um dos meus cadernos de apontamentos. E' este: "Toda a mescla de relações, que sempre tive, explica-se pelos destinos de minha vida e pela feição natural do meu genio; em geral, porem, a mocidade, sem ter as rasões que eu tinha para que assim me succedesse, é muitas vezes propensa a uma alternativa de **meio,** como se diz agora, de que nunca resulta mais tarde senão quebras de estima, e ingratidões. Sinceramente, si eu tivesse de principiar de novo evitaria a confusão e balburdia de conhecimentos; e trataria de entrar e permanecer exclusivamente n'uma classe — na alta-ou-na baixa. Quanto menos adopte este systema, mais vem, com o tempo, um homem a encontrar-se só". A encontrar-se e só, e reconhecer-se d'algum modo trahido, sem deixar de attribuir-se convivencia n'essa trahyção. Eu estou que n'esta vida de supina mentira, em que o oiropel e a pedra falsa ditam normas que a sinceridade em remate é a melhor coisa, a unica explicação dos grandes bemfeitores

e dos grandes perversos, do heróe em summa. E dolorosamente me magôa a inopia de sinceridade que nos homens, pela maioria, reconheço. D'onde me afastar, e a sete chaves fechar-me no claustro roqueiro do meu orgulho, que poderá esterilecer-me, quebrar o meu destino apparente, mas de que nunca me poderá advir o remorso de uma baixesa. O que faz os homens pequeninos é a deficiecia do seu raio visual Escassease-lhes o horisonte. Nada vale a pena quando não seja obtenção de puresa. Porque todo o contrario implica fermento de corrupção, entidade a esphacelar-se, morte com espasmos descrescentes de vida. Um dos mestres eternos que elegi para guia dos meus passos, Alfred de Vigny, lá ensina em **La mort du loup:**

A vois ce que l'on fut sur Terre et ce qu'on laisse,
Seul le silence est grand; tout te reste est faiblesse.

Ou acalcanhado em prosa vil: "Ao vêr o que se foi n'este mundo e o que se deixa, só o silencio é grande; todo o resto é fraquesa". Porque enfim o silencio é a sinceridade definitiva, para onde confluem leaes e falsos, martyres da verdade ou apostolos da hypocrisia. A condição de certos homens, por uns tantos motivos inexoraveis, sem duvida que é uma deslealdade cruel para consigo mesmos. Não me julgo com as mãos bastantes limpas para arremessar-lhes a pedrada do castigo. Tambem vivo, baseado em rasões secundarias de viver, sabendo que estas nunca devem de prevalecer. Mas si uma pouca de lama é imprescindivel à argamassa do edificio da nossa alma, que o seja em menos quantidade possivel, empregada com extremos de usura. Não nos edifiquemos inteiramente do lodo, muito embora n'elle rutile uns vestigios assim como de poeira dos astros, simulando-nos estrelas. Homens de tal feitura é que estou vendo demais. Por isso me afasto, e, no recolhimento, ficarei à espera do em que elles vam dar, afim de que amanhã, quando por ventura me recebam as vaias, não me surprehenda o timbre dos seus assobios. Ignoro si possúo sensibilidade exag-

geradamente estremecedora, mas o facto é que o meu ambiente me incommoda pelas infecções que o sujam. Sabe o que se faz em tempo de epidemia verulenta. Tomam-se precauções. Pois a nossa alma, em conjuncturas analogas do seu meio, tem de proceder da mesma sorte. Precautello-me. E como a hyggiene melhor é a do silencio, calo-me. Talvez algum dia, quando o meu charo amigo, cheio das bellas virgindades da sua esperança, chegar até cá, adquira a exacta comprehensão d'estas minhas palavras, e buscará um meio de, com enormes dispendios de força vencer sem macular-se. A victoria immaculada é sempre possivel, pois quem se dispõe a "vencer ou morrer, é raramente vencido". Apesar de ha muito já ter declinado da honra de luctar a não ser em prol de inviolabilidade de minha abstenção, supponho que o nobre campo ainda poderá ser conquista d'outros que não os salteadores do momento. Digo-lhe estas coisas sem a amargura dos desenganados, mas com o espanto ingenuo dos pasmados. Agrada-me que seria mais bello fossem os aspectos d'outra feição. E aqui a minha **grafica loquacidade** para. — Envio-lhe juncto uma copia do artigo que escrevi sobre o Manoel do Carmo — não me sendo possivel enviar-lhe o exemplar d'"A Capital" — estando elle já grudado n'um caderno. (1) — A sua "promessa", "talvez para breve" ... etc., deixou-me abrisaltante. Nada mais lhe direi. Os sinos de Nossa Senhora da Gloria, em Lapa dos Mercadores, continuam a repicar festivos, contrariando as carantonhas casmurras do dia. Assim vejo os meus **amis lointains**, em glebas de mercadores, festejando os enthusiasmos da Gloria, não obstante as hostilidades do meio. — "Retirei da cena os "homens, ou sub-homens e os bonecos" por que, com as minhas tarefas extra-literarias, me seria difficil, quasi impossivel, manter a continuidade dos espectaculos. Outros assumptos, menos sujeitos à fatalidade periodica, irá recebendo o "Dia-

1) Admirável ensaio crítico, em que estuda o livro "O Sanchismo", do poéta gaúcho Manoel do Carmo, há muitos anos, radicado em S. Paulo. Nesse livro, Manoel do Carmo, faz filosofia em tôrno de Sancho Pansa e seu doce reino. E' uma obra essa que muito honra o seu autor. — F. C.

rio da Tarde". **Enrede-me** com o Roque, jurando que eu d'elle fallei... aguias e condores, e termine por abraçal-o em nome dos meus... braços.

Amplexos e saudades do

Cesar de Castro.

Reconditorio de Heraclito, sob a égide de Aphrodite

Urania, VIII-MCMXIII

VIII

Meu charo Fernando Callage.

Ahi vae esta coisa meio exdruxula de Sant-Pol-Roux, le Magnifique, um dos grandes symbolistas d'antanho, heresiarcha. (*)

Menos por ir que por indagar do motivo do seu silencio para com a minha necessidade de fallar.

Amplexos do

Cesar.

Rio, VIII-MCMXIII.

IX

Meu charo Fernando Callage.

Muitas e affectuosas saudações.

Acompanham estas uns cartões-postaes, onde se lê "quelque chose et gauche", em forma de louvor apaixonado. A typographia foi um pouco como a do gentil "Diario da Tar-

(*) Curiosa página de arte sôbre as tendências estéticas da nossa época. Nessa página que César de Castro traduziu com a beleza peregrina daquele seu estilo tão singular, tão requintadamente seu, Sant-Pol-Roux, diz que "a arte agora vai fundar países", porque é o "geômetra absoluto". E numa série de considerações explica êsse seu sonho da Beleza Nova, que não transcrevo aquí por ser demasiado longa. — F. C.

de": estragou-me a phrase. Imagine que vou imaginando ter ahi, entre os compositores, alguem que nutre contra mim horror. (*) E sendo-me nas razões solidarissimas que seguem: em **como as demais, face fecunda,** em vez de **como nos demais, face fecunda.** Em "Os centauros sedentarios": o menor engano foi este **modestia** dos grãos de arroz, em vez de **molestia.** Deparei com uma transcripção dos "Esgares", gentilmente feita, que com difficuldade comprehendi. Não tome a mal este meu reparo. E condescenda que nada ha peior do que vermos mutilado o que mais adoramos. Em Sparta, por mando de Lycurgo, eleminavam-se as creancinhas tortas e feias. Era uma medida salutar, e sobremodo esthetica. Toda a offensa aos olhos é um crime contra a alma. Lembranças muitas ao Roque, e acceite o meu saudoso amplexo.

Cesar.

Rio, IX-MCMXIII.

X

Meu presadissimo Fernando Callage.

Quanto tempo faz que nenhumas noticias suas me chegam ao tuguriu, onde sempre os amigos sam recebidos com honras serenas de alegrias? Estou quasi a dizer que a cidade alpestre de Santa Maria, com as montanhas que lhe negam horizontes, não vae sendo amena para os labores intellectivos de Fernando Callage.

Os deuses, — em que ainda confio, porque a omnipotencia verdadeira é a da Illusão, — os deuses permittam seja tam somente quanto ás preocupações epistolares. E qual-

(*) Alma delicada, sensível, César de Castro, tinha um verdadeiro horror aos erros tipográficos. A revisão dos seus trabalhos, merecia, por isso mesmo, um cuidadoso trabalho. Muitas vezes, uma simples troca de letra, era o bastante para o contrariar, para lhe tirar o prazer de saborear um momento de calma alegria. Êle queria, em tudo, a beleza perfeita. Era realmente um artista de exceção. — F. C.

quer dia déstes, quando eu estiver a cogitar nos meios de amanhadas terras, assumpto hoje das minhas dilecções, me interromperá o fio das suaves cogitações o... promettido livro. Decerto a minha materialidade protestará, raivosa como uma sogra mordida por uma cascavel, berrando não ser com as balladas e villancetes que "se ganha a vida", assegurando as formosas vantagens da cultura das solaneas.

Eu rirei, deixando a megera escabujar na sandice, e a minha espiritualidade rirá commigo, antegosando a festa que vae ter... E' um pouco provavel que em janeiro, na occasião das férias, siga rumo ao Sul, ao em vez de buscar uma cidadesinha de litoral, como, si não me equivoco, certa vez lhe disse. Tres urgencias impõem-me essa viagem, das quaes uma sagratissima: a publicação do livro de Pery Mello, a publicação d'"O esquife de palissandra" e a lenição das minhas saudades dos pagos. (*)

Si fôr, o que somente não farei si os Altos Mentores da Coisa Militar me negarem licença, o que será uma iniquidade, pretendo fazer escalas por Buenos Aires e Montevideu, tocando portanto em Santa Maria, onde durante algumas horas procuraremos exgotar conversas accumulladas de muitos meses. E, nesse dia bem-fadado, que eu presumo elyseo e amavel de exterioridades, diremos as nossas impressões do que vimos nos livros e nas terras percorridas. Caso lhe agrade como me agrada.

Acceite, como sempre, affectuosos amplexos do

Cesar.

Rio, 29/11/1913.

(*) César de Castro refere-se, nesta carta, não só à publicação de um seu livro — "Esquife de palissandra" — como à publicação de um livro de Perí Melo. Trata-se, sem dúvida, do "Livro Póstumo", que apareceu em 1914, sob a égide de um grupo de seus amigos e admiradores. Nesse livro, quase tudo quanto Perí publicou em revistas e jornais, veio a lume. Mãos carinhosas e amigas — principalmente César — que foi o mais íntimo confidente do desventurado artista rio-grandense, não deixaram que perecessem na vida efêmera dos jornais, tantas obras primas de beleza e de pensamento. Foi essa a maior homenagem prestada ao devotado admirador de Raul Pompéia. — F. C.

XI

Meu charo Fernando Callage.

Gloria!

Envio-lhe, com estas, umas pessimas photographiasinhas que, com a desajuda de machina e chapas **republicano-conservadoras,** andei forjicando no meu tugurio e arredores. (*) Como não passam de exercicios preparatorios, deixe-as passar com indulgencia. E o que é feito da sua esquiva pessoas, das suas letras, esquivas tambem?

Escrevi-lhe, ha dias, uma carta acompanhando uns jornaes. Recebeo?

Amplexos e saudades do

Cesar de Castro.

Rio, XII-MCMXIII.

XII

Meu charo

Fernando Callage.

Muita inspiração e gloria.

Aqui lhe venho traser o meu agradecimento pelas transcripções que vae fasendo dos "Esgares".

Ao mesmo tempo, sinceras e cordeaes felicitações pela sua chronica sobre o nobre "deffeito da sinceridade".

E' um deffeito que forma a mais linda das virtudes humanas.

(*) Um dos passatempos mais agradáveis de César de Castro, era o de fotógrafo-amador. Gostava imensamente de fotografar ambientes agradáveis à vista. Um trecho qualquer da natureza, era-lhe, sempre, um espetáculo delicioso aos seus olhos. Razão, por que, sua pequena máquina portátil estava sempre em exercício. Eu guardo comigo várias demonstrações dessas provas. — F. C.

Mormente hoje, quando as maiorias vivem d'elle escoimadas.

Achei outro dia, n'um jornaleco cearense esta joia, meio sestra e estapafurdia eivada de complicações, mas cheia de um suave encanto, e que vem a pello:

> Amigo?... Não!... Não o chamo, nunca — amigo
> Servil Tartufo, que nos beija e... fere;
> Affaga, e, ausente, injurias mil profere;
> (Quanto! ao meu prato, ponhe a mão commigo?)
>
> Na alma a indulgencia embóra se nos gere,
> D'esse o contacto, creia, é um perigo...
> Do bem a paga é ter muito inimigo,
> Que as sectas do odio, contra nós, desfere.
>
> Flores e beijos, couces e pedradas,
> Tudo é viver. Que importa! as tratanctadas
> De amigos ursos, de final de carta?
>
> D'estes amigos judas e trahydores,
> Para os infernos, — pulhas, detratores, —
> Diabos os levem! e máo raio os parta.
>
> TARGINO FILHO

Confessemos, meu charo, que em algo molestaram a esse detonante filho do Targino.

Era bom que elle fosse menos atrevido, sobretudo para com a phraseologia; mas o maroto tem nervo e fibra.

> Flores e beijos, coices e pedradas,
> Tudo é viver.

Sim, tudo, mesmo sem flores nem beijos, sem coices nem pedradas, isto é, com a graça de Deos.

Com a graça de Deos, isto é, viver de vida vegetal.

Pois o inimigo é sempre um mandamento para a nossa perfeição.

Feliz de quem os possúe em barda.

Mas essa incidencia nada quer dizer.

Recebeo um artiguete que lhe mandei em resposta áquelle trabalho seu, circumfluindo uma das minhas chronicas?

E, além d'isso, vam-lhe chegando ás mãos alguns numeros licterarios de jornaes d'aqui?

Escrevo presentemente em "A Capital", de S. Paulo, onde brilham os nomes dilectos do Labarthe e do Margiocco, tam valentes e cheios de nobre revolta como sempre.

Alli estampei uma critica a "O sanchismo", do Carmo, que tantos applausos merecidissimos ha recebido.

Da venal e chata imprensa do Rio, que Pery Mello tam briosamente fustigou, quando tratou de Gonzaga Duque, nada quero.

Mesmo ando com uma crescente vontadisinha de recolher-me aos bastidores, para requintar-me, ou arruinar-me, na feitura de coisa que aos meus olhos me pareça digna de ser por mim perdidamente amada.

Estou com Maurice Magre, ao referir-se a Arthur Rimbaud, e meu suavissimo amigo de "Les chercheuses de poux":

— "O escriptor apaixonado de especulação pura, ou de pura poesia e, mais geralmente, de creação gratuita, é muito invejavel si pode interessar, em seu mais intimo pensamento, um quator de almas generosas. O resto é servilismo, fraquesa, ciumes, informação, odio e moda. A reputação de um escriptor é obra de accasos miseraveis. Escréva-se embora cincoenta volumes, não se é mais para todos e cada um que o homem não sómente de um só volume, mas quasi sempre de uma só pagina, e ainda essa pagina soffrendo as coimas de deformadores, adaptadores, commentadores e interpretes. Diser que se escreve apenas para quatro pessoas equivale a diser que se escreve para o seu goso intimo, para si mesmo". Eis o meu ponto.

Pretendo gosar as férias escolares em Porto Alegre. Então si houver tempo, darei "O esquife de palissandra", que

guardará cadaveres dos meus sonhos passados. Feito isso, com meia dusia de paginas, a que entremeiarei apenas adereços novos, para lugubre aformoseamento do funeral, terei rompido definitivamente com o que fui, rasgando e encinerando tudo o que não estiver em livro, e remodelando de fundo á epiderme os "Fructos do meu pomar".

Preciso banir de mim a minha velha alma, reedificar-me, dar a ultima de-mão ao meu orgulho, que está grande demais e suffocante para as suas vestes menineiras.

Quando findar o curso, si findar, pretendo ir buscar novas visões lá n'aquellas terras selvagens e espasmodicas da Amasonia, e no regresso sem duvida direi a que vim, mediante silencio ou livro.

Qualquer dia d'estes, quando estiver menos preguiçoso, lhe enviarei o esboço do anteloquio a "O esquife de palissandra", mas sómente para os seus olhos.

— Acceite, com as muitas saudades, um forte amplexo do amigo, que não usa ser "de final de carta", (*)

Cesar de Castro.

Avenida Mem de Sá, 102 (1.º andar).

XIII

Meu charo Fernando Callage.

Quando estas linhas ahi chegarem já terá, decerto, o meu querido amigo e confrade recebido **uma á guisa de carta.** No envolucro que a encerra vam tambem algumas **tentativas fa-**

(*) Esta carta veio sem data, mas creio que César a escreveu, em 1913. Em 1914, apareceu o seu "O esquife de palissandra" de que fala na presente epistola, e que é, sem dúvida, um dos seus melhores trabalhos, Trata-se de uma série de pequenos contos, gênero êste, em que era mestre. — F. C.

lhas de photographia, onde se notam uns cantinhos do meu tugurio. (*)

Acabo de lêr a sua epistola, tam cheia do seu coração, como sempre. Estava a assistir um exame quando m'a trouxeram, e foi uma consolação, um intenso contraste, relativamente ás coisas enfadonhas e estereis que ao meu espirito, graças aos meus olhos e ouvidos, obstringiam.

Sahi e, n'uma das janellas abertas sobre o mar e os horisontes do norte, a minha alma deslisou em sympathia sobre o mar, para os horisontes do Sul.

— Muito me surprehende que somente agora lhe tenha chegado às mãos o postal de **"Fescenino"**. Quando ainda se achava em S. Gabriel alguns exemplares do mesmo, em companhia de alguns jornaes.

Acceite um forte amplexo e saudades do **Cesar de Castro**

Rio, 1-MCMXIV.

Add.: Não ligue ao malamanhado da letra. Consequencia nervosas do bochorno reynante.

XIV

Meu charo Fernando Callage.

Gloria!

Recebi, ha dias, o seu amavel cartão, onde me conta o transtorno da sua enfermidade. Tenho que, quando estas chegarem, o meu inolvidavel amigo já esteja gosando dos favores de Hygia, a deosa serenissima da saude e do vigor physico. E a taes favores muito misturadas se hão de achar

(*) Eram umas fotografias, muito curiosas, do seu quarto de estudo com sua respectiva biblioteca. Numa delas, se vê, bem nítida, o retrato de Perí Melo que foi o seu grande amigo e uma das mais formosas inteligências que possuiu o Rio Grande. Numa outra, o 56.º Batalhão de Caçadores formado no pátio interno da Escola do Estado-Maior, na ocasião de seguir para o Contestado. Também acompanhavam alguns instantâneos seus. — F. C.

os de Athénê. — Faltei ao compromisso a que prometti de uma escala por ahi, por Santa Maria, em homenagem á sua pessoa; e os motivos de falta foram inabalaveis na teimosia de contrariedade. Esperava terminar os exames mais cedo do que succedeu, e elles foram té onde a minha espectativa não previa. Com a urgencia de achar-me em Porto Alegre, as empresas de que lhe já dei conta, o caminho de mais recta viagem ainda resultou demasiado longo. Agora, sob a pressa dos trabalhos de revisão de provas, não me poderei arredar uma dia siquer da capital.

A abertura das aulas obriga-me o regresso ao Rio no principio do segundo meiado de março, e os livros em via de publicação exigem-me muita actividade. Penso que até o dia 15, sahirá para o seu tumulo de silencio, n'esta metropole das idéas, "O esquife de palissandra".

Acceite os amplexos e saudades do

Cesar de Castro.

Porto Alegre, 25/2/1914.

XV

Meu charo Fernando Callage.

Acabo de lêr a sua, como sempre, dilectissima epistola, onde o seu coração se expande em bondade que cada vez mais charo o tornam ao meu. Vivo algum tempo fóra das labutas da penna, sem mesmo a tomar para a elaboração de um simples bilhete. Aborrecimentos e preocupações escolares a tanto me forçaram. Retomo, porem, o fio interrompido da minha inclinação, e decerto em breve a normalidade estará restabelecida. Exulto ferventemente com o que me diz acerca do movimento intellectual gaúcho. Andavamos precisando d'esse surto alviçareiro. Por aqui tudo como de ordinario: a subserviencia, o elogio mutuo e a estupidez. Os onagros encorpam e ganham orelha. A vantagem unica do Rio,

não tocando em a natureza paradisiaca dos aspectos, na sua vestimenta de luz, nos seus mares, montanhas e céos, para um espirito amante das claridades, é a facilidade de obter livros. Estam abarrotadas e de continuo se abarrotam as livrarias. Ninguem os compra porque ninguem lê. A Avenida Central, com as suas bodegas elegantes, absorve toda a attenção da letrada gente. Imagine que sómente agora, sómente agora, começam os menos **avenideiros**, a fallar pasmados sobre Vargas Vila. (*) Nojentos capadocios! Vae ser um successo nas rodas dos **snobs**. E vam, com isso, estragarnos o grande revolucionario. Estragado por quem!... Por uns biltres incapazes d'um gesto de hombridade, venaes e sordidos, aduladores e sandêos. Enfim,... como a obra artistica é uma senhora que não se vende, console-nos a esperança mal segura de uma compensação nos dias venideiros.

Acceite um forte amplexo e as saudades do

Cesar de Castro.

Rio, VII-MCMXIV.

XVI

Meu presado amigo Fernando Callage.

Recebi a carta, onde como sempre, vibra a affectiva nobresa do seu coração. Dias antes muito a seu respeito fallara com o Tertuliano de Leon, que aqui se **demorou** meia duzia de horas, regressando immediatamente a esses pagos das minhas saudades.

Disse-me elle que a sua pessoa se encontrava em Tupaceretan, a querencia em que o Senhor Deos se hospedou, ou por onde o Senhor Deos andou.

(*) Essa admiração por Vargas Vila não durou muito. Principalmente quando falsamente anunciando sua morte, Vila simulou um suicídio, sôbre um túmulo em Florença. César ficou indignado com êsse expediente de alta cabotinagem. Embora tenha escrito um trabalho sôbre o autor de "Ibis", nunca mais quis saber de o ler. — F. C.

Ia justamente lhe escrever quando me chegaram sua epistola e os jornaes com os seus bellos contos. A minha vida agora é demasiado cheia de tarefas. Tarefas para a substancia cinzenta do cerebro, tarefas para as substancias vermelhas dos musculos e, nas raras horas vagas, tarefas para a substancia ethereal da alma. Dahi o meu retrahimento, o meu silencio, o meu regimen de furna, o mal do meu mal.

Imagine que, com diversas restricções, necessito no minimo de vinte e seis horas em cada vinte e quatro para, sabem os deoses como, desobrigar-me dos cuidados e misteres que elles, deoses, mais os homens me impuseram.

Não ignora que o tempo é uma coisa absolutamente inelastica nas mãos humanas. Tratar um emprestimo com a Eternidade? Qual! não lhe convem a ella. Não temos duas vidas, o juro é a morte, o juro que ella exige nas suas avaras transações.

Assim... por isso... uma dilação nas relações affectivas, uma demora no cumprimento sagrado dever de amizade, o perigo de incidir na pecha de ingratidão. Tambem por isso o não lhe enviar pelo correio em que vam estas linhas quaesquer rabiscos para o seu bondoso jornal de Cruz Alta.

Irão ainda esta semana. Irão; e quando forem recomeçaremos a conversar, si é do seu agrado, como é do meu.

Acceite um forte amplexo e as saudades do

Cesar de Castro.

Rio, Praia Vermelha, Esc. Est. Maior, 23/10/1914. Add. — Como passa de saude a nossa literatura riograndense? O anno tem sido fecundo. Ainda ha dias recebi o formoso livro do Coelho da Costa, "No templo"... "Como sempre estou a dizer, o que falta em nossa terra não é o talento mas o estimulo. Precisamos congregar esforços livres de paixões secundarios. O utilitarismo, o excesso de zelos pela materialidade, vae dando agora os seus fructos infamissimos: o bombardeio das cathedraes, o incendio das bibliothecas, o estrapalhamento da honra... A sciencia é a cortezã dos barbaros. Sem arte nada é possivel. C-.

XVII

Meu charo Fernando Callage.

Ahi vam dois livrinhos, em que V. encontrará algo de bem escripto. O de Affonso Celso data de 1880. E' talvez pouco commedido. Mas que fortes sonhadores eram os jovens escriptores d'áquelle tempo da Monarchia, apesar do seu descommedimento!... Olhe para os dias infelizes que correm, onde tudo é tacanho e rastejante, homens, sub-homens e bonecos. (*)

Amplexos do

Cesar de Castro.

Rio, MCMXV.

XVIII

Presado amigo Fernando Callage.

Gloria!

Acompanham estas linhas dois pequenos trabalhos, para o "Evolucionista", de Cruz Alta. Peço-lhe interpôr umas gentis recommendações, afim de não sahirem com erros typographicos, a coisa que mais temo em este mundo. E' muito possivel que vá até o Riogrande do Sul. Para isso já obtive a necessaria permissão. Ainda não sei quando é a partida. Estou em férias, com saudades dos pagos, mas absolutamente indeciso. Irei ficando, que é a situação estatica dos irresolutos: não se vae nem se fica. De modo que não acho conveniente o endereçar-me qualquer correspondencia para esta cidade. Si não fôr ao Sul, aqui não ficarei, seguindo

(*) Com o titulo de "Homens, sub-homens e bonecos", César de Castro escreveu para o "Diário da Tarde", de S. Gabriel, uma série de estudos em tôrno de homens e coisas da nossa terra. Pretendia o escritor de tão saudosa memória, recolher êsses trabalhos e nos dar um livro, conforme tantas vezes, em palestra comigo, a isso se referiu. Caso viessem êsses estudos críticos a serem publicados, constituiriam elementos incisivos para a fotografia moral de uma época da nossa história — onde o caracter dos nossos homens públicos chegou ao máximo da baixesa e despersonalidade. — F. C.

para algum logarejo maritimo do Estado do Rio. — Esqueci de notificar-lhe que o livro de Collatino Barroso talvez não sahia a lume tam cedo, pois a guerra européa foi um contra-vapor em todas as coisas. Os jornaes noticiaram-n'o, ha meses, como tendo seguido rumo aos prelos lusitanos. Collatino publicou, antes de 1900, entre 1895 e 1897, supponho, um livro, actualmente rarissimo, sob o titulo de "Blasphemias". Não é possivel encontral-o. Em vão hei rebuscado nos mais famosos **cebos,** onde sempre a gente tem inolvidaveis sorpresas, deparando preciosidades. — Coelho da Costa, o nosso delicadissimo poeta, escreveo-me ultimamente, referindo-se a um novo livro de Roque Callage, n'estes termos: "Breve apparecerá o livro de Roque Callage, de que já lhe foi enviado um excelente exemplar". A carta é de 12 do passado, e si me foi enviado, até hoje espero recebel-o. Como lhe disse, nunca mais o Roque me enviou um numero siquer do seu jornal e desde janeiro de 1914. (*) Decerto funda-se em rasões que me sam desconhecidas. Sorprende-me, portanto, a observação de Coelho da Costa. Fique você sciente, meu charo amigo, que não me veio ás mãos o alludido livro e já agora é immensamente possivel que não o venha.

— Acceite as saudades e um amplexo do

Cesar de Castro.

Rio, 5-1-1915.

XIX

Muito presado amigo Fernando Callage.

Gloria!

Poucos momentos depois de receber a sua cartinha, encontrava-me eu com o Roque, na rua da Praia, transmittin-

(*) Há aquí, parece, um resentimento, uma queixa contra o meu irmão Roque. A razão porque não lhe foi remetido mais o "Diário da Tarde" é simples: êsse jornal, desde essa época, deixou de existir. O Roque teve, sempre, por César de Castro uma profunda, sincera admiração. — F. C.

do então o affectuoso amplexo que me enviara. Não lhe respondo em mais breve tempo porque tenho vivido muitissimo atarefado com preparação do meu livreco, e não me sobrar uma pouca de laser, e de gosto, para corresponder ás gentilesas dos amigos. Hoje, em vesperas de embarcar, com umas antecedencias de saudade teimosas, quando termino o enfadonho labor da revisão de provas typographicas, o braço mais livre, trato de cumprir os meus gratissimos deveres. E lá me vou empurrando a rheumatica penna através d'estas tiras.

O seu ultimo juiso ácerca do Roque, desfazendo juizos anteriores, é um raciocinio exacto. "Terra Gaúcha" desmente-a formalmente. E' um livro trabalhado a capricho, n'um estylo amplo e limpido, e, ao meu vêr, marca uma transição na maneira literaria do Roque. Sente-se que elle está contrafeito perante as scenas a que se restringe. No Rio Grande do Sul só um homem soube realmente interpretar a nostalgia da esmorecida e morrente alma pampeana, e esse foi J. Simões Lopes Netto. Os outros, Alcides e Callage, fiseram obra admiravel sob ponto de vista artistico, mas falha quanto ao objectivo que ultimavam. Ainda "Escombros" a emoção se apluma e consegue guardar uma linha airosa. Em "Terra Gaúcha" não. Li e hei de muita vez relêr as paginas do ultimo trabalho do seu talentoso irmão, de quem me confesso lealmente admirador, como goso esthetico da forma, mas quando quiser sentir do meu peito a alma dos nossos pagos irei a outras partes. Em "Ultima Hora" dou hoje uma chronica em que procuro não trahir a verdade, isto é, a minha verdade, que talvez seja um erro monstruoso. (*)

A sua impressão de Pedro Vergara é naturalmente justa. Ainda estou para vêr um temperamento tam incomprehensivel. Ninguem lhe merece consideração nem lhe desperta enthusiasmo, trate-se de genios ou de sapos, de incolas

(*) Uma das qualidades que sempre admirei em César de Castro foi o seu caráter, a sua franqueza. Por nada, dêste mundo, transigia com o seu modo de pensar, mesmo com relação aos intelectuais seus amigos. O que acentua, nessa carta, sôbre "Terra Gaúcha", é uma manifestação dêsse caráter e dessa sinceridade. Razão por que achei de meu dever dar, à estampa, a essa carta em que nada deslustra o valor mental do meu saudoso irmão. — F. C.

dos astros ou dos paludes. Sempre que me expõe a sua alma occorre-me diser, lido não me lembra onde, affirmando que rir de tudo e de todos só é signal de força dos olhos dos fracos. Elle presta-se as mais exteriores mostras de uma sympathia profunda. Disse-me o Roque Callage que lhe sou pessoa inviolavel, disse-me o Zeferino Brasil que lhe sou pessoa adorada. Fico perplexo, pasmado e palerma. Desconfio que enxerga em mim todos os indicios de um cretino de especie rara, e que me anda estudando por episodios e partes. Tudo é possivel. Mas, muito me incomoda este meu desasocego. Temo ser injusto, e dôer-me-hia sobremodo o coração si tivesse prova inequivoca do meu engano.

O culpado, enfim, é elle proprio, com o seu genio levadissimo da bréca e o seu modo bizarro de julgar os demais. Tambem si me certifico de que vive embustear-me, a dansar de urso, que passa fóra decisivo! Prefiro a mais ingrata solidão a ter que consentir numa ligeira hypocrisia para **brincar de amigos.**

O seu coração, meu charo Fernando Callage, parece fallou certo, e, si me fosse permittido, eu lhe aconselharia que escutasse a sua voz. — Devo regressar ao Rio no proximo sabbado. O meu endereço é o mesmo. Lá espero o seu livro... que a esta hora V. deve estar polindo e repolindo. — Amplexo fraternal do

Cesar de Castro.

Porto Alegre, 23/3/1915.

XX

Meu charo

Fernando Callage

Gloria!

Recebi ha dias, quando regressava de uma viagem de instrucção pelo interior do Rio, o masso de jornaes que me enviou.

Fasia tanto tempo que os meus olhos não enxergavam lettra sua! Imaginava que tivesse alguma rasão de melindre contra mim, e se desquitasse pelo silencio... definitivo.

Felizmente, reconheço ter-me enganado.

Do Riogrande, como ao Roque, enviei-lhe um exemplar de "Esgares", dos raros que a livraria me entregou na hora da partida, raros e unicos até hoje.

Chegou-lhe ás mãos?

Sempre que lhe sobrarem jornaes dos pagos, mórmente onde se encontrarem artigos seus e d'outros jovens confrades, não os ponha fóra, si os põe, e enderece-os ao meu candoso tugurio. (*)

N'um sentido de prophylaxia intellectual não costumo agora lêr as folhas cá da metropole, sempre tam cheias de necedades politicas, sempre tam rasteiras de preoccupações.

Vivo mais a par dos acontecimentos nacionaes pelo que me deparam, já velhas e inoffensivas, as noticias dos periodicos d'ahi.

Não me vou dando mal com a succulenta diéta que assim me impuz.

Outro obsequio que tenho a pedir-lhe:

Decerto conhece Henri Eichenberg, o talentoso patricio que ha pouco me hourou com a dedicatoria de uma linda pagina litteraria, inserta no "Evolucionista" de Cruz Alta. (**)

Si é seu amigo ou companheiro, diga-lhe que desejo o seu endereço, com o fim de agradecer-lhe a gentilesa.

E, antecipando agradecimentos, acceite, meu charo Fernando Callage, um affectuoso amplexo do

Cesar de Castro.

Rio, 31 de maio de 1915.

(*) César sempre se interessou vivamente pela intelectualidade jovem, do Rio Grande, como demonstra com o pedido de jornais acima. Gostava de ler tudo quanto se referia à nossa gente. Era uma inteligência que só vivia para a sua terra amada.

(**) Henri Eichenberg, a que se refere, e que foi um grande amigo meu, de convivência diária em Santa Maria, tinha por César de Castro uma sincera admiração. No meu tempo, escreveu belas páginas literárias e se tornou, mais tarde, um amigo dileto do autor de "Esgares do mesmo rosto". Hoje, Eichenberg reside em Pôrto Alegre, onde é funcionário da Viação Férrea. — F. C.

XXI

Meu charo Fernando Callage.

Gloria!

Acompanham estas linhas alguns jornaes onde se estampam contos e poesias. Num d'elles encontrará, transcripta, uma das melhores paginas de "Alma gaúcha", do seu illustre irmão.

Vejo que houve unanimidade no elogio ao livro de Roque Callage, tanto no interior como fóra do Estado, e isto muitissimo me grada. Não lhe fiseram nenhum favor.

A nenhuma terra, por esteril, faltam absolutamente latencias obscuras de fecundidade. O talento sempre obterá rasão dos corações mais seccos de enthusiasmo.

E as suas bellas letras, meu charo Fernando, como vam de esplendor?

Ha muito silencio da sua parte em relação a este doidivanas exul entre tédios, saudades e desquereres. A culpa é minha, reconheço, que desaprendi a manejar o cálamo, seja para o que fôr.

E' isso doença passageira, é isso doença chronica? Não sei, nem procurarei saber.

Receba um abraço e as saudades do

Cesar de Castro.

Rio, IX-MCMXV.

XXII

Meu charo Fernando Callage.

Na segunda-feira, 28, partirei rumo de Uruguayana. Vou-me demorar um dia ahi em Santa Maria. Feitas as apresentações e outras exigencias do mister das armas, estarei livre para cuidarmos das **coisas** que **vôam,** miragens e phantasias.

Caso os seus affazeres o permittam, como me ha de permittir a minha ociosidade de viajante, **flañeur en vacances.**

Acceite um amplexo do

Cesar de Castro

Porto Alegre, 26/2/1916.

XXIII

Meu charo

Fernando Callage.

Gloria!

Aqui me encontro, ganhando halentos.

Não imagina que evangelisadora do nada da existencia é a nossa viação-ferrea.

Cada vagon é um repetidor perpetuo do **memento homo,** entre calores tragicos; e cada trecho da estrada um illustrador da perpetua recommendação: **pulvis est...**

E a gente chega ao destino esquecido de que é homem e convencido de que é poeira, tão desfigurada resulta. Saudades do

Cesar de Castro.

Alegrete, 1-3-1916

XXIV

Meu charo Fernando Callage.

Gloria!

Vam procurar-lhe estas linhas do termo da minha viagem na primeira phase dos trabalhos que me incumbem. Cheguei sob um céo zebrado de relampagos. Logo empós o vendaval, e os turbilhões de pó e chuva copiosissima. Hoje percorri quasi toda a cidade, agora illuminada por um sol maravilhoso, e com uma temperatura amenissima. Como vê, goso da vantagem dos contrastes, do ruim para o bom,

o que é excellente agouro. — Si conseguir um exemplar da "Revista da Semana", onde se estampa o pifio "Em louvor da Espada", manda-m'o, que aqui não existe, e esqueci no trem o que possuia. Antecipo-lhe agradecimentos pela gentilesa.

Amplexos e saudades do

Cesar de Castro.

Uruguayana, 3/3/1916.

XXV

Meu charo Fernando Callage.

Salve!

Que é da sua queridissima pessoa?

Vestio-se de mudez e penetrou nas grutas encantadas do silencio?

Anda a ceifar nas glebas espirituaes que um nume iracundo guarda, e de que é preciso aproveitar o somno, mais susceptivel que um nervo exposto? Ou simplesmente **flana,** sob a approvação d'alguns olhos pudicos, esquecendo n'essa delicia os máos amigos distantes? Responda.

Amplexos e saudades do

Cesar de Castro.

Uruguayana, 28/3/1916.

XXVI

Meu charo Fernando Callage.

Gloria!

Acabo de receber o exemplar da "Rev. da Semana", que lhe pedira. Muito lhe agradeço a gentilesa dos esforços.

Leio, no canto do seu postal aquelle trecho do nosso querido Meigo Maupassant. E' uma allusão?... Quem sabe se effectivamente não é a melhor de todas as felicidades a que

presentia o sublime louco de "Vogando"? Mas vale apena lidar no intuito de obtel-a?

Como todas as felicidades, é passageira e subtil, e devemos sempre contra ella armar o nosso desdem. Sómente o desdem dá a paz ensina Renan.

Penso do mesmo modo, embora tudo em minha vida seja um protesto contra semelhante doutrina, nutrindo-me como incorrigivelmente me nutro de exaltações. A gamma infinita que desce da extrema corrupção á extrema puresa deve ser exercida pela nossa vontade. Nada é justo que nos seja extranho. O meu escudo seria, em campo de esmeralda, uma borboleta de purpura sobre flores.

Eterna volubilidade, inquietação eterna. O universo com suas vibrações, a instabilidade perenne dos seus atomos e dos astros, repelindo harmonias no sentido da harmonia, está nos dizendo que a fixidez é uma monstruosidade.

E eu abandono-me ao sabor inexplicavel dos seus rythmos instaveis. Não atingirei, talvez por isso, a felicidade, resultando em amargura de desgosto, e d'essa amargura... extrahindo os malles da minha razão de viver.

As coisas amargas são deliciosas. Sem ellas adeos requintes de dulçores!

"Uma felicidade passou perto de mim, uma felicidade que eu não conhecia..."

Nós não conhecemos nunca as felicidades transeuntes, e é bom que d'ellas nos affastemos. Pódem ser ás vezes excellentes creaturas, mas quase sempre não passam de crueis malfeitoras.

Com tudo isso... não condenno os sugeitos que lhe sahem no encalço... porque não raro me succede ter este deffeito.

Acceite o meu amplexo e a minha saudade. Do

Cesar de Castro.

Uruguayana, 14/3/1916. Add.: — A cidade é um reyno de silencio cheio de luz. Fiz da Praça da Rendicção, pela ma-

nhã, o meu **gabinete de leitura.** Os transeuntes olham-me, e muitos se benzem. A Andradina de Oliveira tambem aqui se encontra. Hontem a visitei, e conversamos com muito fervor sobre "as estheticas sagradas". — C.

XXVII

Meu charo

Fernando Callage

Gloria!

Recebi a sua cartinha, e dou-lhe rasão á queixa. Ia longo o meu silencio. Mas foi porque... Coeur en desordre, mon cher, voilá tout. E, acompanhando a tremenda viscera, n'um infernal accorde perfeito, o que a dirige sem deixar de obdecel-a, o centro das ideias e das volições. Talvez no dia 1.º ahi esteja, devendo passar uns cinco ou seis dias, em labutas mais ou menos ferro-viarias. E aproveitaremos todos os laseres, quando sem prejuiso dos seus trabalhos, a conversar sobre aquellas miragens que nos attrahem tão insistentemente a alma como a bôa luz dos écos a flor dos gyrasóes. — Amplexos do

Cesar de Castro.

Uruguayana, 22-4-1916

XXVIII

Meu charo Fernando Callage.

Gloria!

Ha de imaginar-me, e com justissimas razões, tão perdido no enlevo de **certos olhos** que já me esquecesse dos amigos dilectos.

Não, nunca me deixo fascinar demais por quaesquer enlevos.

A causa do meu silencio epistolar, tem muitos elementos de origem, predominando a inappetencia ou a displicencia mental, com a ajuda inevitavel de algumas pertubações moraes.

Aqui chegando, de regresso, entrei como numa canseira, e a minha alma vestiu-se de cinzas, desanimada e infeliz, não obstante o **remedio alchimico** ao seu alcance, lenitivo de horas apenas.

Em tal disposição me veio encontrar aquelle nobre artigo do nobre Zeferino Brasil sobre Pery Mello.

Nesse dia tudo me favoreceo no sentido da minha reconciliação com a alegria.

Dissiparam-se as brumas nefarias, e eis-me restituido á minha condição normal, o que aproveito para lhe mandar este cumprimento, temperado de saudades.

Do amigo muitissimo grato

Cesar de Castro.

Uruguayana
14/5/1916.

XXIX

Meu charo

Fernando Callage

Salve!

Hontem lhe escrevi meia dusia de linhas á guisa de carta.

Era para lhe cumprimentar, e pedir não esquecesse a lista das fabricas de conservas de Caxias. (*)

D'esta ultima parte não cuidei, o que faço agora.

Estou de braços crusados quanto a taes **conservigeros.**

(*) Por essa ocasião, César de Castro, sob o ponto de vista militar, estava elaborando um longo estudo sôbre as nossas possibilidades industriais, em matéria de conservas, razão por que havia me solicitado o meu concurso enviando-lhe, a tal lista pedida. — F. C.

Isto é, aproveitando a inacção, alinhei uns cavacos em torno do chorado Ruben Darío,, e ateei-lhes fogo.

Si não pegaram fumaça pelo menos ha de sahir, de improficuo resultado, bem sei, sobre a inexplicavel rutilancia de bardo tão insipido. — Acceite amplexos e saudades do

Cesar de Castro.

Uruguayana, 15-5-1916

XXX

Meu charo

Fernando Callage

Gloria!

Amanhã ou si occorrer algum transtorno, depois de amanhã estarei ahi em Santa Maria.

Encontro-me ha dois dias n'este Alegrete bem amado das chuvas e dos céos funebres.

Imagine que **alegrete** é o mesmo que rudimento de borracheira, no diser manhoso das gentes religiosas do copinho.

Evidentemente porque significa estado de alegria.

Aqui, porem, não calha.

Talvez n'outros tempos... **lejanos**...

Agora, é, porventura, o que as mesmas gentes, no mesmissimo diser, chamam **ressaca.**

E toda a ressaca supponho que ha de caracterisar-se por uns tons sorumbaticos.

Começando pela bocca... gosto de cabo de chapéo de sol de inglez.

E' um gosto bem londrino de certo.

Sabe a cinzas, dado que tudo em Londres é cinerio.

Assim é Alegrete, d'onde lhe envia um affectuoso amplexo o

Cesar de Castro.

Vargem Esquerda do Ibirapuytan, 15 de junho de 1916.

XXXI

Meu charo Fernando Callage.

Gloria!

Amanhã é o dia de regresso.

A alma, que vim retemperar, volta quasi como veio. Não me deparam motivos de inquietação. Ao contrario: encontrei bonanças e auras favoraveis. O mal está em si, nas suas intimas raizes, e si o amor não a valer, é porque o mal é sem recurso.

Estive meditando sobre muitas coisas varias. Levo commigo duas firmesas: uma nascida da repugnancia e outra do orgulho, isto é, melhor, ambas oriundas da dignidade do orgulho.

Quando juntos estivermos, conversaremos a proposito. Recommende-me ao Henrique Eichenberg, a quem tantas virtudes sympathicas ornam.

Acceite um agradecido amplexo do

Cesar de Castro.

Porto Alegre, 27 de Junho de 1916.

Add.: — No silencio da minha voluntaria reclusão, n'estes dias, li... **A Biblia** e a **Republica,** de Platão, além d'algumas paginas sobre a "educação dos sentimentos", algumas da **"Imitação"** e algumas de Ruskin, entre outras... Imagine como regresso!... — C.

XXXII

Meu charo Fernando Callage.

Gloria!

Aqui me saltaram duas magnificas sorpresas, e uma dellas me deixou gostosamente enredado. Encontrei o rosal da

minha noiva como si fôra em Maio. E d'entre as feiticeiras rosas, "cultivadas no silencio", a que mais linda se ostentava era o seu coração. Não esqueci os amigos, mas não me sobrou tempo para dizer-lhes que me estava lembrando d'elles. N'estas curtissimas, em vesperas de viagem, procuro dizel-o. A Fernando e a Henrique, os saudosos companheiros de Santa Maria, onde tambem ha rosas, mas de indole diversa das minhas de aqui. Neste momento acabo de fechar "Passionarias", as suavissimas "passionarias" de M. Flores, recitando os derradeiros versos de "Jamás":

— Te olvidarás de la que te ama tanto?
— Jamás, mitad del corazón, jamás!

Amplexos e saudades do

Cesar de Castro.

Uruguayana, 10 de Setembro de 1916.

XXXIII

Meu charo

Fernando Callage

Gloria!

Em missiva ao nosso querido Henrique Eichenberg, enviando-lhe saudades, promettia escrever-lhe no outro dia. Mas veio a impertinente chuva, e toldou-me a alma. Além de que ando muitissimo occupado com "Os diagrammas d'uma paixão", que vam sahir a lume, como **petit livre d'etrennes**, dedicado á minha noiva. E' coisa pequenina e de lavor pequenino. Como sou dotado de visões escassas e de inspiração precaria, hei de por força demorar, quasi exclusivamente a ella me entregando. (*) Estou no meu escon-

(*) Não era dotado de inspiração precaria, como diz, mas sim, aquele excesso de zêlo pela frase castigada, aquele amor pelo lavor da forma que o fazia uma espécie de ourives, um santo beneditino da prosa maravilhosa, é que o tornava exigente e que fêz com que Abel Botelho o chamasse " o mais requintado artista da prosa portuguesa". Eu penso que nenhum elogio acentou-lhe melhor. — F. C.

derijo de labores, fasendo por só tornar a Santa Maria no fim do mez. As saudades dos meus dois requintados amigos d'ahi são muitas e leaes. Entretanto não disponho de mim agora. Devo de prestar contas do que andei fasendo. E isso pede tempo, nervos e algum conforto, elementos estes que o ultimo não me dam os hoteis e os primeiros me tiram. Como vae a O? Tem-n'a visto? Muito nervosa ainda quanto ás suas imagens galantes?... E a I..., ou melhor, as...?... Decerto com os corações a fluctuarem nos costumeiros rythmos. Acceite amplexos e saudades do

Cesar de Castro.

Porto Alegre, 8 de desembro de 1916.

XXXIV

Meu charo Fernando Callage.

Aqui me encontro no meio de interessantes vicissitudes. Os orgãos em que se accendem as adorações, onde, o coração falla a sua esperança, me vivem a chorar, cheios de dores. Escrevo-lhe estas linhas através de uma nevoa humida. Mando-lhe, juncto, dois exemplares d'"A Nação". O meu regresso para ahi vae ser no sabbado ou mais tardar, na segunda-feira. Muitissimas lembranças ao nosso querido Henrique Eichenberg. E receba amplexos e saudades do

Cesar.

Uruguayana, 14/11/1916.

Add.: — Como vamos de "Tais"?... (*) — C.

(**) Refere-se sua pergunta, nesse adendo, à "Taïs", de Anatole France, que poucos dias antes havia me ofertado. — F. C.

XXXV

Meu charo

Fernando Callage

Salve!

Acabo de receber a sua fraternal missiva, a primeira depois que sahi de Santa Maria, e vou tentar respondel-a. Tentar, porque me falta cabeça para escrever qualquer coisa, e sobretudo carta aos amigos. Com o tino ao léo, não ha concentrar a affeição. Vivo entre deslumbramentos e desconsolos, deslumbramentos pelas coisas externas, desconsolos por mim. No fundo do coração algo d'onde de vez em vez, se levantam nevoeiros de melancholia. Mas no sol de certos regosijos, tambem de vez em vez, tudo se destolda, recomeço a halentar-me... para me desalentar. O meu tempo, depois que a furor de labutas, entreguei o relatorio sobre a minha aventuragem erotico-militar n'essas plagas amadas, tem sido exclusivamente dedicado a espiar-me a mim mesmo, a palestrar em casa do Luiz Lima e a gostar litteratura de ficção. De sciencia apenas rara divagação em mineralogia, e isto mesmo restricto no capitulo das pedras finas, em hares ingleses. Como vê não é regimem que mais convenha à alma de doentes d'alma. Aqui adoeci de amor, ahi peiorei, e ahi tambem entrei em convalescença graças à panacéa dos desenganos. Em vicios de convalescença tive de forçar o coração para o grande esforço mental de agora. Este concluido, senti-me alquebrado. Busquei entregar-me a tudo o que apparencia fugitiva, isto é, as unicas realidades dignas de fé, como as mentiras da luz do crepusculo e as juras de amor das mulheres. Trabalho de esquecimento foi este que, entre as apparencias mais gentis, me sorprendeo a do amor. Suppuz que na domus flammea do meu coração outra vez se accendera a lampada maravilhosa. E guiei-me pela sua luz... Mas isto é historia pictoresca e longa. Fica para depois, quando nos encontrarmos a viva voz. Resultado logico d'um illogismo sentimental: fiquei noivo outra vez, e a noiva chamava-se Maria, uma lourita de alma candida demais para a

minha alma. E o meu novo periodo lyrico (ó rosas de Malherbe como me fascinaes!), o meu periodo lyrico durou cerca de um mez, e tudo se acabou n'um indisivel espanto. Ainda duvido entre si sonhei e si não sonhei. D'esta feita não houve trahyção. Houve apenas infinito desgosto pela mulher... a principio amada ou cousa que o valha. Taes acontecimentos occorreram lá para as bandas aristocraticas da Tijuca, entre rosas e verdes lyricos. Senti umas dôres de nervos, uma grande pena, e depois uns irresistiveis pruridos de riso. Tive desejos de rir, mas de mim mesmo, da farça em que me mettera, do ar de pasmo dos meus conhecidos, pois até no execrando **Binoculo**, o registo pulha da vida mundana de aqui sahira a noticia do meu... projecto de casamento. A rasão basica do desmancho, a familia da joven, alvoroçada contra mim:

— Perdi o amor.

— Oh!... Mas é extranho: como se póde perder o amor em tão poucos dias!...

— Não, não é extranho; é natural. No seio de toda acquisição reside uma esperança de perda. Ora, o amor é acquisição. Logo... A diplomacia custou a serenar os animos, e tudo agora é pagina de ementario, graças à intervenção miraculosa de **invisiveis**. E você meu charo Fernando, que tem feito entre essas montanhas que ora começam de envolver as tristesas cheias de **sanglots longs** da hynvernia?... Na mesma consonancia, por certo, harmonico com a sua harmonia, entre os inseguros amavios das Tyrannas e as seguras amabilidades da Esthectica. Si é assim, é feliz, creia, e morro de inveja por quem é assim feliz, felicissimo. A gente metter espaço entre as suas predileções, variando de horisontes, é que de nenhum modo convem. A tyranna de olhos equereos, de vestido cinerio e de voz de soluço, dama Saudade, é a mais exigente das amantes desamadas. E o nosso Henrique Eichenberg, de elegante figura e de elegante verbo, como se despacha dos seus affaseres ferro-viarios? Acho n'esta hora rasão extreme em leitura que fiz, tempos idos, sobre a origem dos caminhos de ferro. Attribuem-nos no

excesso de imaginação de misser Diabo. O diabo sempre foi excellente amigo dos homens de fino espirito, d'onde o meu fervor por elle, achando que o seu inferno ha de ser um lindo jardim de espiritualidade, mas esta sua invenção, lesando o nosso querido Henrique, ainda me faz jogar as cristas com a sua sulphurea majestade... As cristas não digo bem, porque os seus mentaes ornamentos são outros, mais asperos e duros, sendo em rasão d'elles cognominado **o cornuto ou o cornigero,** o que é extremamente gentil. O meu estado de solteiro desarma-me para a lucta, e limitar-me-hei a dar-lhe conselhos asedos ameaçando-o de recolher-me a um convento de trappistas. E a Olguinha, franzina irmã dos anjos contra quem se insurgiram os máos inimigos da Vida, buscando arrebatal-a do nosso convivio, ausentando-a de nós talvez antes da bréve primavera, afim de que não a contemos entre as suas flores?...

"Vêde-me, ó gente da terra paterna, como entre no derradeiro esplendor do Sol; e depois, — nunca mais! Hudés, que tudo entorpece de somno lethal, viva me conduz às margens do Achéron, sem que eu nunca soubesse a gloria dos esponsaes. Nunca o hymno nupcial me cantou..." E' lamento de Antigona, a desditosa, em Sophocles. Penso na pobre Olga, na sua juventude inutilisada pelo destino, e na casa do meu coração ha estertores, choros abafados e soluços graves de funeral. Vae com ella,para o seu mysterio, um pedaço da minha vida. Ou com ella, por seu doce intermedio, remetto para o além a prestação de vida com que me resgato do crime involuntario de ter nascido. — Até outra vez, meu charo Fernando, e pense sempre em mim, nos dias em que junctos tão intimamente vivemos, mais o Henrique, até quando de novo nos encontremos, para que nos encontremos sempre os mesmos. Identicamente pensarei em vocês, no sentido de que o accorde resulte perfeito, e as nossas almas sempre se reconheçam através da multidão das demais.

Amplexos e saudades do

Cesar de Castro.

Rio, 20 de abril de 1917.

XXXVI

Meu charo

Fernando Callage

Vam estas ligeiras linhas para diser-lhe que ainda não me incorporei, atravéz do laboratorio do sepulcro, às vagas etherealidades que tendem á realisação de novas formas. Aindo vivo, e, como lagarta em crysalida, mudando-me em borboleta de **outra alma.** Muitos aborrecimentos, muitos **recuerdos,** algumas satisfações, segundo a lei monotona da vida. Como o hynverno da nossa terra está em phase de declinio, e como me encontro nas melhores disposições de saude physica e moral, graças aos horisontes do oceano e aos exercicios de remo, dentro de um mez,ou porventura antes, tomarei rumo do Sul. Já resarci em estudos varios, sobre as penhas de beira-mar, estas virgens amigas sempre vestidas de rendas brancas, todo o longo anno ahi **perdido.** Ano perdido é um modo emphatico de diser, relativo a **plaisirs d'amour,** pois me alembro sempre com extrema saudade dos dias amaveis que junctos passamos, você, o Henrique e eu, em Santa Maria. E' muitissimo admissivel que n'essa occasião, porque era eu **un pèlerin passioné,** não me mostrasse para com os amigos tão francamente affectuoso como desejara. Attenda, porem, em plena consciencia, para o que diz a Rosalinda, de Shakspeare: "Love is marely a madness". Sim, "o amor é simplesmente uma loucura", loucura de ogoismo, ideia fixa e concentrica. Amando, procurei, todavia dar com larguesa aos meus amigos o que de coração me sobrava do amor. Ser-nos-ha possivel ainda reviver aquelles dias encantadores de intima e fina camaradagem, um tanto pantagruelicos ás vezes, um tanto demasiado de vinhos, mas tão suavemente espirituaes? **Revivel-os** de certo não, mas **reprodusil-os** de certo sim, porque a alma é um pouco outra. Os ultimos acontecimentos da minha existencia transformaram-me radicalmente talvez. E, como me tornaram ainda mais intratavel para com as baixesas acceitas do mundo, parece-

me que me foram extremamente beneficos. Algo mais triste resulto, mas sem duvida menos accessivel a fraquesas. Os homens de vocação cynica, deante da nobre infamia quotidiana, têm de por força acabar aguda e inveteradamente cynicos. Os de vocação lyrica têm de soffrer o seu lyrismo, cada vez mais reincidente nos seus crimes de flores contra a torpesa, até o fim. Como perdi a noção do riso a todo o proposito é de acreditar que o meu mal é de feição lyrica. Melhor! Outro mal não desejo aos meus amigos como o maior dos bens. N'"A dama do mar", de Ibsen, Wangel diz á sua mulher Ellida: "O anceio do Infinito, do ideal irrealisavel, acabará por lançar a tua alma nas profundidades escuras da noite..." Ellida responde: "Sim, sim, eu vejo sobre mim pulsar grandes asas negras e silenciosas". A noite accesa de astros do ideial, a noite cheia de asas vampyricas da loucura, a noite das fascinações irresistiveis, a noite das grandes almas. Felises os a quem é volupia o perder-se dentro de semelhantes trevas, com a luz cada vez mais intensa do seu sonho nos arcanos do coração! Lembre-me meu charo Fernando Callage, ao nosso muito querido Henrique Eichenberg, e acceite um forte amplexo do

Cesar de Castro.

Rio, 29 de julho de 1917.

XXXVII

Meu charo

Fernando Callage

Salve!

Ha dias recebi a sua missiva, affectuosa e gentil, quando justamente n'uma crise intensa de saudade, de larga saudade por essa terra tão amada e para mim quasi sempre tão ingrata. Estou na aguarda de que passe o rigor do hynverno, com as suas geadas e as suas neblinas, para então me

amarrar, o que talvez em meiados de julho seja um facto. O chefe do estado-maior propoz-me para servir na brigada com séde em Santa Maria. Tudo agora depende do cidadão ministro da guerra. Decida o que se decidir, não me agradam mais demoras aqui, pois já ando com uma caterva de aborrecimentos e enojos, máograd o a perenne maravilha da naturesa, que nem de leve marêam as friesas do mais primaveril dos hynvernos. Este unico vae sendo mais risonhamente florido que uma alma de vinte annos cheia de imaginação e com dusentos contos de rendas. O Rio é optimo, mas sem os seus cariocas, cada vez menos supportaveis de vêr e cada vez mais insupportaveis de aturar. **Vou s'imbora**... E até outra vez, ares athenienses, scenarios excelsos, tão dignos d'outros autores e de peça mais consentanea!...

Foi com indisivel sorpresa, e dôr d'alma, que recebi a noticia que me deo da morte do divino Rodó. Os deoses vam-se! Aqui os jornaes, os que ordinariamente leio, nada disseram a respeito, nem nas curtas linhas de um telegramma, sendo telegrammas quasi exclusivamente o que em elles leio. Perco assim dois amigos em maio. O outro foi Abel Botelho. Affastam-se com "os olhos fitos no derradeiro explendor do sol" d'uma civilisação que se extingue, e vam na aureola coruscante da sua gloria, tendo heroicamente cumprido a missão que trouxeram e realisado a esperança que nutriram. Não nos desalentemos nós outros, sejam quaes forem as vicissitudes, esquecimentos ou negação, tendo sempre viva a lembrança d'estes e d'outros esforçados cavalheiros nos prelios em honra da Bellesa Immortal. Acabo de boslar qualquer coisa acerca dos trabalhos de Sylvio Julio, de quem agora recebi uma carta, e a quem devo finesa de agradecimento, pelos seus louvores impressos a meu respeito. O seu talento merece muito, mais do que lhe posso offertar de meu. Mas são estas obrigações, e outras parecidas, que me desgostam do meu pobre direito de cidadão na republica das lettras. Pretendo enviar as minhas **impressões** a Octavio de Alescastro, para sahir á "A Tarde".

Talvez aproveite uns folgados laseres que tenho na re-

modelação ou emenda de "Fructos do meu pomar". Não é coisa difficil, consistindo a remodelação principalmente no expurgo de archaismos e na substituição de um ou dois contos. Ainda este anno é possivel que dê reunidos n'um só volume: "F. m. p.", "Pean" e "Esquife de palissandra", com o accrescimo provavel de "Requintado", si o papel estiver mais barato e esta asneira de combater os allemães não passar das metralhadoras do parlamento e das baterias da imprensa. Assim guardo reunidas em uma mais decente as cinzas da minha esthesia de oito annos para cá. E dou seguimento a tarefas outras da mesma continuidade de intenção. Nos meus arcanos arde a mesma chamma perenissima, e não enxergam os meus olhos que tenda a esmorecer. Vontades contrarias, em tudo, da vida do lar á vida da profissão, vontades inconscientes bem reconheço, não têm poupado esforços para extinguil-a. Mas si isto é sina do meu berço!... Si isto é coisa de sangue!... E eis, a proposito, o trecho de um dialogo entre a senhorita Ghislaine de Vorges e o engenheiro Marc de Bresles, personagens centraes de "Geule", romance de Henri Ardel, que ha pouco li: "— A vida, quer queiramos quer não, encarrega-se de tornar-me muito indifferente... Não raro estas duas palavras são synonimos. — Sim, quando chegamos ao desapego infinito dos que nada mais esperam das pessoas nem das coisas... Quanto a mim não me considero d'estes. Bem ao contrario: Sou dos que pretendem muito da vida.

— Vós, a quem tanto attemorisam as decepções?...

— As que me vêm dos homens, — e das mulheres! — não das coisas. São estas: forças cegas, inertes, sem vontade... A nós nos compete discernir o que d'ellas podemos tirar..."

Mas isso em verdade é sabedoria mussulmana. Sim, o é. E escudemo-nos nos irmãos Rosny: "Faz-se mister ser turco para esperar, e americano para agir." Imagine-se o que será quando, americanos no agir, podermos ser turcos na esperança! E' ir com os argonautas, e ser o unico a possuir o vellocino.

Amplexos e saudades, que, sem fraccionar, me ha de repartir com o Henrique Eichenberg, saudades e amplexos muitos do

Cesar de Castro.

Rio, 28 de maio de 1917.

XXXVIII

Meu charo Fernando Callage.

Gloria!

Em bilhete, prometti enviar-lhe as "Mil noites e uma noite", traducção do Blasco Ibanez do original francez do Dr. Mardrus. Indo ante-hontem obeter o alludido livro, encontrei á venda apenas alguns volumes, faltando outros, em numero de oito, que ainda não foram publicados. Assim me reservo para dar-lhe o presente mais tarde, quando a obra estiver completa. A promessa fica de pé, e d'ella não me hei de esquecer, em qualquer tempo. Venho agora lhe fazer uma visita segundo duas pequeninas caricaturas do que sou. **Es una pareja de parejas.** Uma das tres **parejas** destina-se ao Henrique Eichenberg, a quem d'este modo igualmente visito, e a quem mando saudades e mais saudades.

Receba, meu charo Fernando, saudosos amplexos do

Cesar de Castro.

Rio, 13 de Junho de 1917.

Add.: — Junto, um pacote com dois livros, um de Pedro Aretino e outro de Carvalho Aranha. — C.

XXXIX

Meu charo Fernando Callage.

Gloria!

Escrevo-lhe estas linhas, ás carreiras, deixando um serviço militar, afim de que acompanhem o livro de Veiga Simões.

Envio-lhe tambem o soneto de Genil Trindade, a que me referi. (*)

Acceite um fraternal amplexo do

Cesar de Castro.

Porto Alegre, 10 de Outubro de 1917.

XL

Meu charo Fernando Callage.

Gloria!

Vae, no seguimento d'esta, com este, ou precedendo este, procurar a sua gentilesa o meu recente livreco, onde se con-

---

(*) O soneto a que se refere é o seguinte:

CYCLO DOLOROSO

Amas... e as tuas mãos, — dois nenuphares, —
Dizem n'um gesto, mais do que me dizes,
Quando, erguidas na sombra dos altares,
contam a dôr de velhas cicatrizes...

Soffres... e eu vejo pelos teus olhares
Tudo o que amas... tudo o que maldizes;
E a causa toda sei dos teus pezares
Em seus varios e multiplos matizes...

Odeias... No teu odio desesperas,
Aguilhoada em tantalico supplicio,
Vendo no longe o esplendor de primaveras...

E lembras... A saudade não acalma,
Em meio a dôr do extranho sacrificio,
A angustiosa tristeza da tua alma...

Genil Trindade.

E' realmente uma pequena obra prima êsse soneto de um dos mais ilustres poetas do Rio Grande, hoje completamene alheio à poesia, pois dedicou-se ao comércio, em Santana do Livramento. — F. C.

tem o "Elogio do um", dedicado a quem tanto me merece. (*)

Receba, com saudades muitas, um amplexo do

Cesar de Castro.

Porto Alegre, 10/12/1917.

XLI

Meu charo Fernando Callage.

As nossas correspondencias epistolares diminuiram.

Reconheço-me em parte culpado. Mas é que nos ultimos tempos ando em roda viva de affaseres mortos e mortaes. (*)

Quando chego em casa onde só piso ás carreiras, indo de lógo para um mirante proximo, em que busco sanar os maus nervos insanos, já nem animo tenho para a mais simples divagação do espirito. Espero que faina tão ingrata não demore a findar. Sou agora como um moinho que roda e roda, e nada móe. E isto me pena de desgosto insupportavel. Acceite, com o mesmo coração de sempre, amplexos e saudades do

Cesar de Castro.

P. Alegre, 20 de março de 1918.

(*) O meu inolvidável amigo naquela sua doce afeição para com minha modestíssima pessôa, teve, o que é honroso para mim, a alta delicadeza de me dedicar o referido trabalho a que chama de "livreco", como, de resto, tudo quanto publicou. Era por demais extremo em afetos — um perdulário da sua imensa riqueza de coração. O "Elogio do um" serviu-lhe para uma notável explanação filosófica em tôrno do que é "parcela de tôdas as somas, fator de todos os produtos, e não admite parcelamentos, e recusa-se a quaisquer multiplicações". — F. C.

(*) César de Castro era muito sujeito a crises nervosas, em virtude do seu temperamento requintado e doentio. Qualquer acontecimento desagradável, por menor que fôsse, em que por circunstâncias várias o envolvia, ficava prostado e sem ânimo para o trabalho das coisas do espírito, como em muitas de suas cartas deixa entrever. Nessas ocasiões, mesmo para os seus amigos mais íntimos, era um fechado, não mantendo correspondência alguma. Foi o que sucedeu comigo, conforme confessa. — F. C.

XLII

Meu charo Fernando Callage.

Salve!

Hoje, domingo, emquanto ha toques de sinos, festivos, em egreja proxima do meu tugurio, dentro d'um sol de outomno incomparavel, escrevo-lhe estas linhas, para responder ás amizades com que se manifestou o seu coração ao **occorrer a minha grave enfermidade.** O telegramma, seu e do Henrique Eichenberg, nunca me chegou ás mãos. Mas estive tão gravemente enfermo como sou collaborador d'"A Federação", o conductor por onde escorreu a alma de Alcides Maya para as honras baixas do Congresso. E' bem verdade que no orgam do Benemerito Chefe já dei um artigo sobre as beterrabas e outro agora sobre artilharia. Mas foi porque M. Faria Corrêa a isso me obrigou, por assim dizer, em occasiões em que não havia me esquivar, sem que entretanto nunca mais me obriguem receba o **orgam** a tatuagem das minhas letras. A minha doença foi antes molestia. Enxaqueca fortissima e perduravel, com impossibilidade dos meus olhos soffrerem a luz. Venceo-me insuperavel durante cerca de quatro dias, não contando as longas intercadencias com que se vinha revelando, constrangindo-me aos poucos, insidiosa e tenaz. Agora vae tudo indo mais ou menos em harmonia commigo mesmo. O que me pena, e ás vezes me desespera, é a falta de tempo, absorvido como ando, pelas **circunstancias do momento historico,** em affazeres e affazeres.

E acceite, meu charo Fernando, amplexos e saudades do

Cesar de Castro.

PAlegre, 21/4/1918.

XLIII

Meu charo

Fernando Callage

Gloria!

Com este receberá você o meu mais recente folheteco. Encerra elle discurso a heróe, entre os que mais o foram em terras e pugnas do Brasil, o conde de Porto Alegre. (*)

Em breves dias lhe ha de chegar ás mãos "A cura pella bellesa". Nasce isto de um phenomeno singular que se deo commigo no Rio. Atordoando-me certa vez horrivel enxaqueca, na pensão á beira-mar onde morava, desci no jardim em busca de um lenitivo. Alli encontrei uma senhora de raros dons physicos cuja palestra sempre me embevecia.

Bastou-me então um quarto d'hora de chalrice para que de todo se me fosse a molestia. Dáhi... Amplexos e saudades do

Cesar de Castro.

Em-5-8-1918-Porto Alegre.

XLIV

Meu charo

Fernando Callage

Salve!

Escrevo-lhe em rumo da Ville Merveilleuse de Guanabara, aonde, sob o pretexto de um concurso na Escola Militar, vou convalescer das consequencias deploraveis do hynverno.

(*) Trata-se de um admirável discurso que o artista insigne pronunciou em Pôrto Alegre, no dia 13 de junho de 1918, por ocasião da data natalícia do valoroso cabo de guerra e que há pouco, ainda, mereceu do ilustre escritor Castilhos Goycochêa, um dos mais formosos estudos sôbre sua personalidade. Nesse discurso, César de Castro exalta, com fervor, as nobres qualidades de Manuel Marques de Souza — Conde de Pôrto Alegre. — F. C.

Andei muitissimo desanimado, e como tal nunca me acontecera, porque dos males da carne sempre fôra livre. Ha dois dias que o vapor "Itapuca", a cujo bordo viajo, se acha encalhado em plena lagoa dos Patos. Escrevo-lhe, pois, de sobre a areia movediça, mais resistente para o casco da não que alicerces de granito. Estas linhas vam procural-o de Pelotas ou de Riogrande. No proximo mez conto estar de regresso a Porto Alegre.

Amplexos e saudades do

Cesar de Castro.

Bordo do "Itapuca", 17 de setembro de 1918.

XLV

Meu charo

Fernando Callage

Salve!

Escrevo-lhe, enfim, n'um dia de cigarras, de pardaes e de sol... O Sol!... Agora parece que lindamente renasce sobre estas plagas hoje tão variadas de aspectos lugubres. Depois de quasi dois meses de firmamento sorumbatico e de chuvas renitentes. Ha tres dias que se revolta o mar e atrôa os espaços e as praias com os seus vagalhões e os seus rugidos. E ante-hontem, pela madrugada, chegou mesmo o solo a ser convulsionado por um abalo sismico, cuja explicação, dada á imprensa pelo Observatorio Astronomico, é ridiculamente inacceitavel. Os deoses, no que presumo, começam de aborrecer-se com a ruindade dos brasileiros, enviando-lhes a peste, ensombrando-lhes os céos, instabilitando-lhes as terras, e sem mercê... Que desenlace então! Os heróes de Arthur Asevedo acabando em epilogo eschyleano. Acho muito para coisa tão mesquinha, frivola e gaiteira, acho demais até. — E a sua litteratura, meu charo Fernando, como florece dentro do viço da saude? Faz tempo que não

me dá um ar da sua seductora graça. — Recebi ha pouco um cartão do nosso dilectissimo Henrique, mandado de Porto Alegre, e que já respondi, enviando-lhe saudades.

Acceite os costumeiros amplexos e cordialidades do

Cesar de Castro.

Rio, 6 de novembro de 1918

XLVI

Meu charo Fernando Callage.

Reatem-se, com a formalidade do anno novo, as nossas relações epistolares, sempre tão representativas do coração, e que vicissitudes diversas interromperam, oriundas todas das minhas ultimas instabilidades, hoje menos possiveis.

Amplexos e saudades do

Cesar de Castro.

Porto Alegre, 1.º de Janeiro de 1919.

Add: Lembranças ao Henrique. — C.

XLVII

Meu charo Fernando Callage.

Devo transitar ahi, rumo a Passo Fundo, no dia 14 (ou 15), tudo a serviço, talvez não me seja possivel demorar senão horas.

Assim venho prevenir-lhe, e ao Henrique, para ficarem de sobre-aviso, e situarem em lugar de facil encontro.

Amplexos do

Cesar.

Porto Alegre, 11 de Janeiro de 1920.

XLVIII

Meu charo Fernando Callage.

Depois de amanhã, segunda-feira, devo passar ahi, rumo a S. Borja, onde vou a serviço militar.

Si for do seu agrado, como é do meu, poderemos conversar alguns momentos sobre "les roses d'antan" ou acerca "saudades de um bem que nunca veio", ou mesmo d'outro qualquer assumpto mais amavel.

Acceite um aperto de mão do amigo e confrade muitissimo penhorado

Cesar de Castro.

Porto Alegre, 17/2/1923.

LXIX

Meu charo Fernando Callage.

Escrevo-lhe de um vilorio colonial, aonde me jogaram, em objecto de serviço militar, os azares ou contingencias da revolução. (*) Desde cerca de uma quinzena que, no dorso de um bucephalo merencoreo e intrigado, me esqueço do mundo no sem fim dos caminhos, entre montanhas, campos e selvas.

Bati quasi toda a região conflagrada, sentindo no vivo as lesões e os panicos da guerra civil, outr'ora, antes dos processos europeus de 1914-18, a peor especie de guerra. Os billegerantes differem pelas caracteristicas da razão por que se batem.

Uns são homens pagos; os outros, homens que obedecem á vocação innata. Dahi, uns semblantes, a estampa de

(*) Refere-se à revolução em que Zecca Neto e outros caudilhos dos pampas convulsionaram o Rio Grande, numa guerra-civil de protesto à quinta reeleição do Sr. Borges de Medeiros, à presidência do Estado. Roque, o meu saudoso irmão, publicou um livro — "O Drama das Coxilhas" em que historia as causas e as lutas dessa revolução fraticida e que tanto prejudicou a vida rio-grandense no seu aspecto moral e econômico. — F. C.

alma que jamais se poderiam associar. Estive com Portinho e com Menna Barreto, nos seus acampamentos, e do que apreciei chego, imparcialmente, a seguinte conclusão: esses homens são difficeis de vencer.

Até sexta feira devo passar ahi.

Abraços do

Cesar de Castro.

Bôa Vista do Erechim, 9/4/1923.

L

Meu charo Fernando Callage.

Aqui uma "vista" do heroico Rio Grande do Norte. E' natural arremete eu com a entrada principal da cidade. (*)

Outras virão, á medida que as for deparando, dizendo-lhe trechos d'aqui e d'ali.

Fortes amplexos do

Cesar de Castro.

Natal, 9/11/928.

LI

Meu charo amigo Fernando Callage.

Como lhe tratam as modernas lettras, e de que maneira as trata, nesse pandemonio? Não mais deparei trabalhos seus no "Diario de Noticias", da nossa terra. Repugna-lhe hombrear com o sem numero de plumitivos geniaes que ahi pululam? Recommenda-me ao nosso grande Plinio Salgado.

Saudades do

Cesar de Castro.

Natal, 10/11/1928.

(*) Trata-se de um postal com a vista do Pôrto, lado Norte, da cidade de Natal. — F. C.

LII

Charo Fernando.

Da "terra da luz", onde temporariamente estou, envia-lhe saudades o

Cesar de Castro.

Fortaleza, 24/11/1928.

LIII

Meu charo Fernando Callage.

De regresso da Fortaleza, encontrei o seu livro. Não imagina o meu regosijo em o receber. Nestas linhas quero apenas lhe dizer que o recebi neste momento. Amanhã será outra a conversa. (*)

Affectuosamente o

Cesar de Castro.

Natal, 24/11/1928.

NOTA FINAL

Dou por terminado o "Epistolário". E' de notar que houve, muitas vezes, interrupção em nossa correspondência, por motivos alheios à nossa vontade. Entretanto, embora anos

(*) César de Castro refere-se, nesse cartão, ao recebimento do meu livro "Através do Rio Grande do Sul", publicado em 1928, em que procurei fixar aspectos da zona serrana do Rio Grande do Sul. Conforme disse, ainda a propósito do meu livro que tanta alegria lhe deu, escreveu-me uma longa carta que, infelizmente, não possuo, por a ter estraviado com outros papéis de grande importância para mim. Não contente com isso, ainda escreveu no jornal "A República", de Natal, um extenso trabalho que profundamente me comoveu. Guardo, entretanto, no meu arquivo, esta linda crônica não só honrosa para mim, como para o Rio Grande, visto como, focaliza todo o panorama literário daquela época. — F. C.

se passassem sem que nos correspondêssemos, nossa amizade fraternal, jamais sofreu solução de continuidade.

Em parte o autor de não ter recebido mais cartas de tão belo espírito, foi seguramente a minha pessôa. A vida cheia de trabalhos, de lutas num grande centro como é S. Paulo, forçaram-me a um retraimento, a um silêncio, a um desabandono mesmo das letras, que só tomaram curso quando o ambiente se me tornou mais propiciatório e mais familiar ao meu espírito e ao meu coração.

Mas mesmo assim nos correspondíamos. Infelizmente, como já ficou acentuado, muitas de suas cartas, foram extraviadas nas continuas mudanças de residência. Do que me ficou, carinhosamente, hoje, dou à estampa, para melhor se compreender o seu grande espírito e o seu grande coração.

Era o que me restava a dizer, como ponto final, da publicação deste querido "Epistolário". — F. C.

DUAS PROPOSIÇÕES

Um vocábulo e um símbolo

J. Tupí Caldas

Tenho a honra de apresentar à consideração de meus dignos e ilustrados confrades duas proposições, que constituem afirmações pessoais, pequeníssima contribuição ao magnífico trabalho cultural que vem sendo realizado pelo nosso sodalício, onde todos demonstram grande amor pelas nossas tradições.

1.ª Proposição: — O vocábulo — Viamão — não é de origem ameríndia; é forma rigorosamente portuguesa e diferenciada, no decorrer de oito séculos, da palavra Vimaranes.

Vejamos as formas registadas para designar a localidade situada ao nordeste da capital do atual Estado do Rio Grande do Sul.

No documento oficial mais antigo, que me foi possível ter em mãos — o "Livro das Vereanças da Câmara da Vila do Rio Grande de São Pedro e do Continente de Viamara", encontramos a forma — Viamára — no texto do têrmo de abertura do mesmo livro, assinado pelo ouvidor da Comarca, então com sede em Destêrro, na ilha de Santa Catarina, com data de janeiro de 1766, não sendo possível ler o dia.

Nas páginas 8, duas vezes e 25, do mesmo livro, lí o vocábulo — Viamães — onde es estão reunidos num mesmo sinal com o til — ~ —, melhor es ~ confundidos num mesmo sinal de abreviação, tão comum na grafia da época.

Na página 21, verso, encontrei a forma — Viamaò —; em outros documentos, principalmente espanhóis, registei a forma — Viamon —; na "planta da viagem do Marechal de Campo d. Diogo Funck, de 1775, foi registada a forma — Viamaò —; finalmente no mapa feito pelo capitão José Saldanha, com anotações posterior ao ano de 1801, encontramos o vocábulo com a grafia atual, isto é, — Viamão; na Memória escrita pelo sargento-mor Luiz Manoel de Azevedo e Cunha, encontrei Viamão e Viamam, em data próxima e posterior a 1752.

Recuando no tempo, verificamos que o vocábulo toponímico — Viamão — é registado sob formas diversas, como 1 — Viamaò; — 2 — Viamaó; — 3 — Viamon; — 4 — Viamães; — 5 — Viamam; — 6 — Viamara.

Surgiu, assim, na minha inteligência a necessidade de procurar as relações sematológicas destas palavras com o vocábulo Vimaranes, nomenclatura latina da localidade de Guimarãis, em Portugal.

Sabendo que a literatura portuguesa evoluiu obedecendo as três correntes de idéias filológicas, a medieval, clássica e romântica, procurei recursos para a defesa da minha proposição, nas duas primeiras, isto é, na fase de iniciação e do esplendor da linguagem nacional.

Para facilidade da argumentação organizei o seguinte quadro:

Latim-Portugal	Idioma Nacional Portugal	Idioma Nacional Brasil	Idioma francês
Século XI	Século XIV a a XX	Século XVIII a XX	Séulo XV a XX
Vimaranes Vimarennensi	Guimarãis Vimaranense	*Viamara* Viamaó Viamaò Viamon *Viamão* *Viamonense* *Viamam*	Guimaux Guimberge

Item I: Organizado o quadro acima, reconhecí que todos os vocábulos inscritos têm a mesma **raiz latina.** Reconhecí, desde logo, que é possível alterar a grafia do vocábulo na sequência de séculos, mas não se muda a **significação da raiz,** que é a parte da palavra que contém a idéia fundamental.

As leis sematológicas, como leis naturais, regem a evolução dum idioma, com a fôrça característica de verdade científica.

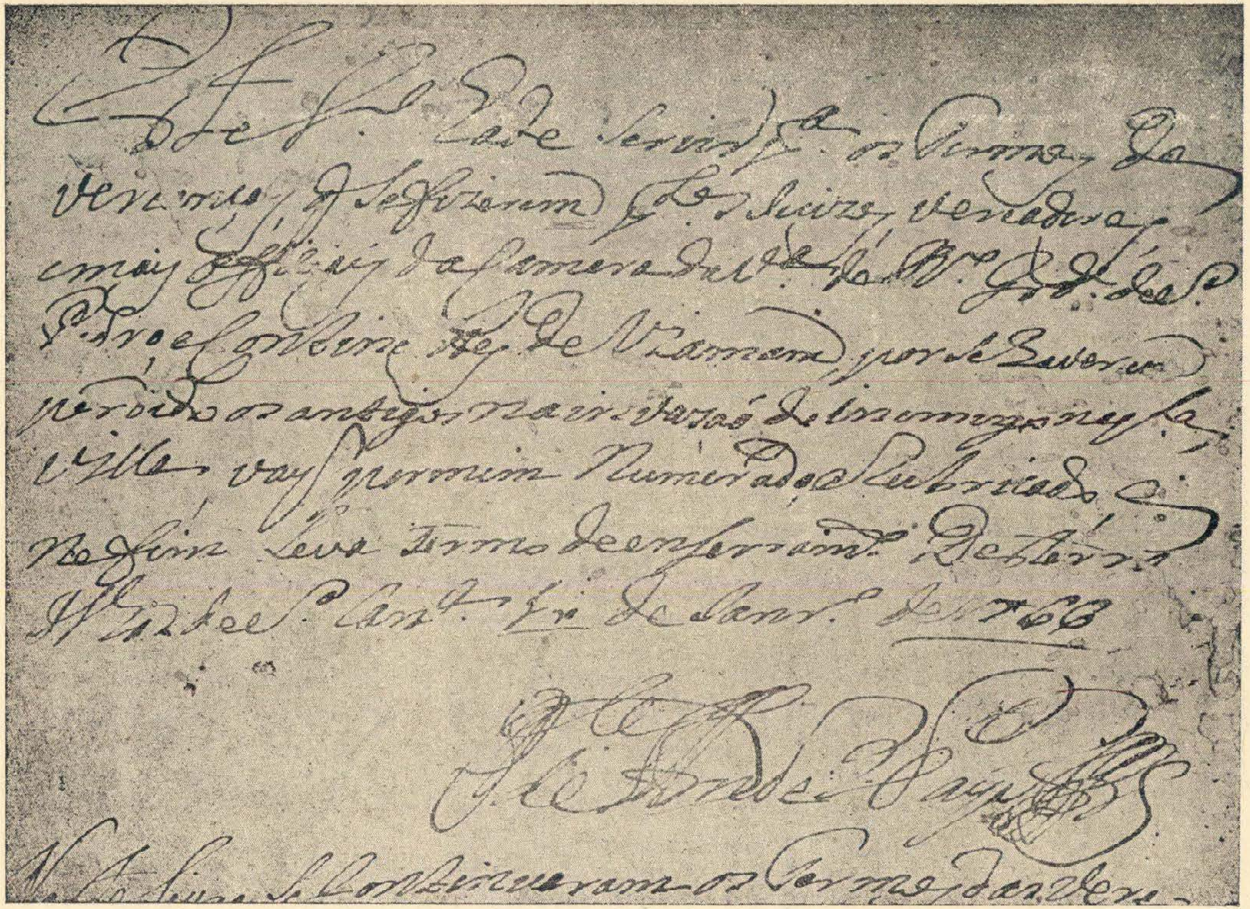
Verifiquei que o **G** é consoante contínua, fricativa expirante, sonora ou branda, quando seguida das letras **e** ou **i;** outrossim, o V latino deu origem ao G português e francês; exemplos: — Vastare=Gastar; Vimaranes=Guimarãis.

Importa informar que, em regra, a letra **u** precedendo **e** ou **i** é insonora.

Logo, sem contrariar as regras dos gramáticos, podemos afirmar que os vocábulos Vimaranes e Guimarães são semelhantes, correspondem a uma idéia ou idéias determinadas; o mesmo se processa com os vocábulos Vimarennensi e Vimaranense; aqueles para mesma localidade e, êsses para os habitantes da mesma localidade.

Item II: O vocábulo — Viamara — foi, por mim, encontrado no texto do têrmo de abertura do "Livro das vereanças" da Câmara da vila do Rio Grande de São Pedro, onde foi lançado para indicar a nomenclatura da nossa terra: Continente de Viamara.

Suponho ter a honra, em tornar conhecido mais um nome do nosso Estado, encontrado no livro mais antigo da primeira Câmara Municipal, cujo têrmo de abertura tem data de janeiro de (1766) mil setecentos e sessenta e seis, na fase de traba-



Cópia fotográfica autêntica do "termo de abertura" do "Livro de vereanças" da Vila do Rio Grande de São Pedro e Continente de Viamara. Traz a data de 1 (?) de Janeiro de 1766 e a assinatura do ouvidor dr. Duarte de Almeida de Sam Payo. Fotografia original do Gabinete de Identificação do Estado do Rio Grande do Sul. — Brasil.

lhos que se realizaram depois da invasão espanhola da Vila do Rio Grande, então exposta ao saque das tropas inimigas.

Comparando as formas gráficas — **Vimaranes** e **Viamara,** verificamos que, no decorrer de seiscentos e trinta e sete anos, de 1129 a 1766, desapareceu o som final do vocábulo primitivo, em fenômeno de metaplasmo de subtração, caso de apócope: Vimaranes — (nes)=Vimara.

Admito a persistência de idéias determinadas no espaço e no tempo, no grupo civilizador luso-brasilíco; é evidente que a par da modificação da "figura de palavra", houve também da modificação de "figura de dição", daí o fato do ouvidor da Comarca, homem de cultura, formado na Universidade de Coimbra, usar a grafia — Viamara — na qual observamos fenômeno de metaplasmo, em caso de epêntese, isto é, reforço no meio do vocábulo derivado, pela adição da letra **a** entre as duas primeiras sílabas.

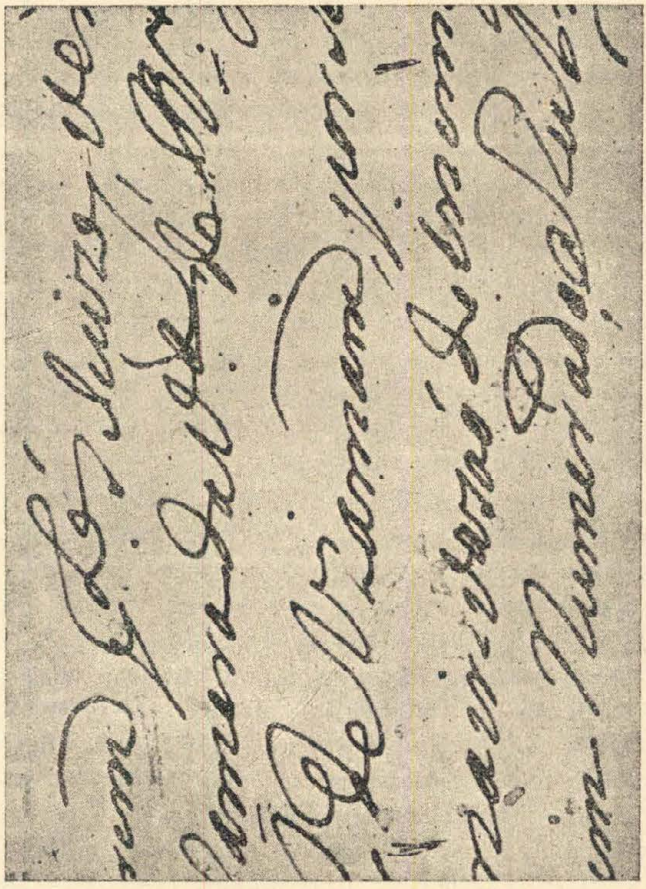
Assim Vimara = Vi + [a] + mara = Viamara.

A raiz latina **Vim,** bem como a portuguesa **Guim** ou francesas **Guim** e **Gui** contêm, em si mesmas, a idéia de cousa com relação ao mundo vegetal, representam formas gráficas de exprimir pensamentos relativos a objetos vegetais. O vocábulo Viamára pode ser decomposto em Vi [a] m + ara; para significação da raiz, em sentido restrito, encontramos nos livros dos mestres, "vegetais que dão varas muito flexíveis: vime e caniço"; em associação de idéias de tal tipo de vegetação, obedecendo ao método sintético, indicamos a significação de **prado**; **ara** é palavra que indica, quer em latim ou português, "local sagrado", "altar do sacrifício" ou "constelação austral".

Logo — Viamára — tem a significação de "campo do local sagrado" ou "prado do altar do sacrifício" ou "prado da constelação austral" ou "prado da pedra de ara".

Na transposição de situação psicológica, imposta pelo método exigido pelo idioma latino, no qual pensamos com síntese, para o idioma português, as melhores significações

analíticas do vocábulo **Viamára,** talvez sejam as seguintes: "local sagrado dos filhos dos prados"; "local de sacrifício da gente de Guimarãis", sem dúvida em homenagem aos funda-



Ampliação da "cópia fotográfica autêntica", feita pelo Gabinete de Identificação do Estado, na qual se lê o vocábulo — Viamara.

dores de Portugal; "local da pedra de ara dos vimaranenses", ou "local sagrado dos habitantes dos prados da constelação austral".

Item III: A grafia **Viamam** encontrada em documento escrito pelo sargento-mor Luiz Manoel de Azevedo e Cunha, um dos mais cultos oficiais do

exército português, em função no Estado Maior do General Gomes Freire, na demarcação de Limites na América do Sul, (v. g. o pôsto de sargento-mor corresponde ao de major, na nossa atual organisação militar), pode ser decomposta em Vi [a] m + am, na qual encontramos a raiz de Vimaranes e o sufixo am, sem dúvida, como terminação de **tempo** e **pessôa** verbal.

E' conhecido o processo semântico de formação de novos verbos, com origem em substantivos.

Assim, podemos admitir que o substantivo — **Vimaranes** — deu origem ao verbo — **Vimaranizar** —, isto é, vocábulo que indica "dar feição portuguesa" ou "dar forma portuguesa"; podemos dizer, sem êrro, "dar forma social e política (ao Continente de São Pedro do Sul), como fizeram os habitantes de Guimarães, outrora na formação da Pátria".

Vimaranizar é vocábulo português, não registado nos dicionários modernos; não devemos esquecer, que os habitantes de Guimarães, ainda, no século atual, são qualificados com o adjetivo **vimaranense.**

O verbo **vimaranizar** sofreu modificações em ambiência do século XVIII, dando a forma **viamar,** que podemos decompor em **viam** + **ar,** isto é, composto da raiz primitiva vi [a] m e do vocábulo **ar,** tomado no sentido de parecença, aspecto; em português, foi sempre comum a sinificação indicada, como, em "dar ares"; "beber os ares por..." é expressão portuguesa, que indica "ser muito afeiçoado". Logo, o vocábulo **viamar** seria verbo da primeira conjugação, com sinificação de "dar aspecto vimarense"; "dar parecença de Guimarãis"; "ser muito afeiçoado à Pátria Portuguesa".

O vocábulo **viamam,** sendo grafia exata da terceira pessôa do plural do presente do indicativo do verbo **viamar,** tem

significação psicológica de "ações exercidas pelos que amam as tradições dos vimaranenses", isto é, as tradições civilizadoras de Guimarãis, melhor de Portugal.

O vocábulo **viamam,** escrito nas páginas do "diário de campanha" do sargento-mor L. M. de Azevedo e Cunha, também pode ter origem na combinação da raiz — Vi [a] m + A. M., isto é, abreviação comum, em meio trabalhado pela fé e pelo patriotismo português, da expressão latina "ad majorem"; logo, Viamam = Vi [a] m + am, com significação "maior Guimarãis" ou "Portugal aumentado".

O grupo fonético **am,** analisado em seus elementos, indica pela letra **a** o sentido de árvore (arbŏrĕm) e de prado (prātum) e, pela letra **m** o vocábulo um (ūnŭm).

Assim Viamam = Vi [a] m + prado + um; logo "um prado de Guimarãis" ou "um prado de Portugal".

Item IV: Conhecendo a influência clássica francesa sôbre o idioma nacional, procuramos as relações existentes entre os vocábulos — **Guimarãis, Guimaux** e **Guimberge,** onde encontramos a mesma raiz — **Guim.** — O vocábulo francês — guimaux — indica "prados onde se sega duas vezes ao ano", isto é, "prados ótimos ou campos magníficos."

O vocábulo francês — **guimberge** — tem a significação de "florão ou ornato usado em abóbadas góticas".

A raiz — guim — quer em francês, quer em português, conservou a idéia determinada na raiz latina — vim —, que no Brasil — sul deu no Século XVIII, a raiz — vi [a] m —.

Agora, analisando o vocábulo — guimberge — verifica-se que é formado de **guim** + **berge**; "berge" é substantivo feminino, significando encosta, ribanceira, eminência; na arte náutica indica chalupa estreita, escolho, baixio, reveses, perigo, obstáculo.

Assim é possível admitir semelhança de idéia fundamental nas raíses Vim e Guim, bem como em Vi [a] m.

Havendo perfeita semelhança entre as raízes dos vocábulos citados, encontramos a significação para a palavra — Viamara — no ciclo clássico do idioma nacional: "prado ótimo da encosta", "campo sagrado da ribanceira", "prado sagrado do baixio", "local do sacrifício com florão de abóbada gótica", isto é, em alusão ao aspecto físico da região, campos ótimos limitados ao oeste pela encosta do planalto coberto de pinheiros, principal motivo para a representação da arte gótica.

A região oriental do nosso Estado, vista do mar Atlântico, ao norte do paralelo de Tramandaí, melhor para um observador colocado na margem oriental da lagôa Itapeva, deixa ver como que uma silhueta ou perfil de "colossal igreja gótica" (*) cuja sombra se projeta nas águas tranquilas do grande lago.

Como argumento favorável à minha tese encontramos, na toponímia do extenso território ao norte do rio Amazonas e a leste do rio Negro e a noroeste do Orenoco, o vocábulo **Guiana;** nêle encontramos a raiz **Gui,** mais a terminação **ana,** sufixo que indica parentesco, relação de grau na família, afinidade de sangue, v. g., germano = irmão; logo, "Território da Guiana", vasto país ao norte do Brasil, tem o sentido de "Terras irmãs de Guimarãis" ou "Terras irmãs de Portugal".

Os atos de posse dos Cabots, de Colombo, em 1498, de Hojeda (1499), de Vicente Pinzon e de Diogo de Lepe, a par das conquistas flamengas, inglesas e francesas, as quais retalharam entre si parte do "Território de Guiana", após lutas de três séculos, não tiveram fôrças para destruir um vocábulo, que é a expressão de sadio patriotismo de nossos maiores.

(*) Desenhada no espaço pelo pico de Conceição do Arroio (640 m) e linha da crista da Serra Geral (no primeiro degrau do oriente tem em média 300 metros de altitude).

Item V. — As formas — Viamaò — Viamaó — Viamon — Viamam — e — Viamão — têm raiz comum, cuja origem e significação já demostramos; resultaram da forma Viamára, mais perfeita e de maior valor clássico, pois é forma que manifesta uma situação psicológica coletiva da gente luso-brasileira, unida na defesa do Império português, nos dias incertos do século XVIII, a par de exprimir a capacidade social dos habitantes do Continente de Viamára (1) para a vida orgânica do Município e da Cidade.

A forma atual — Viamão — é grafia de bom vocábulo português; é alteração regional de Viamara; houve, ainda, fenômeno de metaplasmo por cacoépia, que não foi registado pelos lexicógrafos; processou-se a mudança de **ara** em **ão**, sufixo que indica extensão grande.

Constitue uma modificação da palavra original; é expressão atual de grafar um vocábulo na geografia brasileira, com significação analítica de "prado grande e ótimo", segundo as regras da semântica.

Os sufixos — ão, — ês — tiveram origem do latim — anu, — ense; designam qualidade, origem e proveniência.

A velha raiz latina não foi destruída; sofreu, apenas, pequena alteração, ao fim de oito séculos, na figura das palavras e na figura da dição.

A raiz — **Vim** — do latim do século XI, alterou-se em — **Viam** — no português do século XVIII, em ambiente brasileiro; em ambas, encontramos a idéia fundamental existente no vocábulo **Vimaranes**, como expressão tradicional do berço da gente luso-brasileira, sempre com amor aos trabalhos agrícolas nos "casais" (2), a par da fidelidade ideológica na organização de duas pátrias irmãs, no ciclo civilizador do cristianismo, Portugal e Brasil.

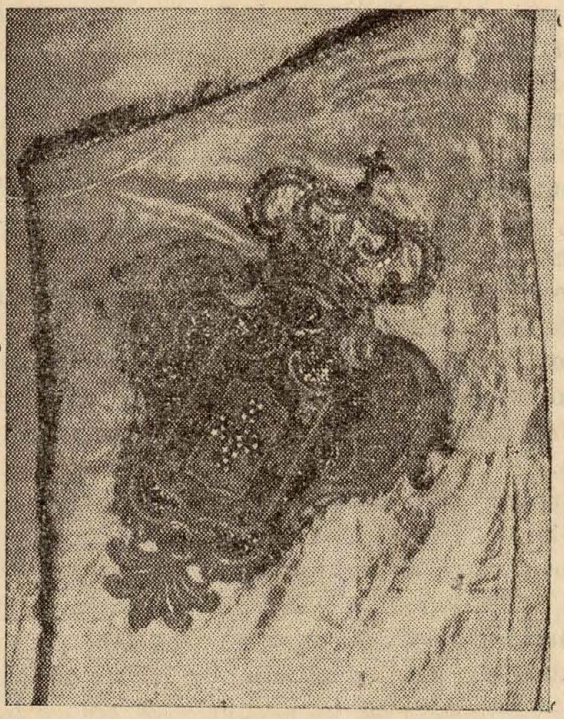
2.ª proposição: "O objeto recolhido e exposto em vitrine, no Museu Júlio de Castilhos, oferecido pelas autoridades

(1) O atual Estado do Rio Grande do Sul.

(2) Propriedade agrícola; granja como ensina A. Herculano, pág. 346 — III Vol. — H. de P: "Os (moradores) dos tres casaes não possuem estes por esse direito..."

Sobre esta parparcão ha um parecer no Rev. do I.H.G.R.G.S. IV tomes ano XIX-1939 p. 287 confirmando ser o estandarte da Vila de Rio Pardo,

de Rio Pardo, sob classificação de "Bandeira duma Irmandade da Igreja de N. S. do Rosário", não exprime verdade histórica. Não é símbolo religioso. E' "Monumento Histórico da soberania portuguesa, como Estandarte-Real do Senado da Câmara duma vila ou cidade; provavelmente da Vila do Rio Grande de S. Pedro".



Face anterior do Estandarte-real com escudo de d. José I. — Museu Júlio de Castilhos. — Pôrto Alegre — R. G. do Sul — Brasil.

Vejamos a argumentação da minha pequena tese. O referido Monumento Histórico está cortado em "vestido", sendo o tecido ou tela de sêda (nobreza) de côr branca; tem a forma de um paralelogramo rombóide (em Grego, rhombo = losango, abertura + eidos=forma; a forma de rombo regular, em heráldica, chama-se "lisonja"); a extensão linear do lado da tralha (ou da haste) e a do lado oposto são iguais en-

tre si e a dos outros dois também entre si; a altura é de 118 centímetros e o comprimento de 96 centímetros.

E' guarnecida de franjas de fios de ouro; tem escudo e corôa real portuguesas; o escudo é do tempo de D. José Primeiro, que reinou de 1750 a 1777; a identificação do escudo foi realizada pelo confronto de gravuras da época referida, publicada pelos historiadores e especializados em heráldica; indicamos como fonte do nosso estudo os trabalhos de Clovis Ribeiro, em "Brasões e bandeiras do Brasil" (Vide formas das armas de d. José 1.º, pág. 85, que são diferentes dos monarcas anterior e posterior); para caracterizar ainda o escudo levei, em rigor, os documentos **autênticos** (*); confrontei os desenhos, aquí feitos, pelo Quartel Mestre do Exército de Gomes Freire, em 1754, (vide R. H. I. G. Rio Grande do Sul, III e IV, ano XI, figura 3, pág. 160).

Na face posterior, tem ainda, igual corôa real, sobreposta e cercada de rica bordadura em estilo barroco, idêntica à da face anterior; na face posterior deixa ver, no local correspondente ao escudo um caixilho de bordadura, no qual estão suspensos fragmentos de fios que fixaram uma peça, a qual foi retirada.

Foi acompanhada, quando da entrega ao Museu, de uma esfera armilar, sôbre ponteira metálica, própria para fixação em haste, bem como de um talabarte e borlas, estas de fios de prata; a esfera tem sobreposta o monograma A. M. e uma corôa em modêlo industrial moderno; na face posterior encontrei juxtaposta uma oleografia de N. S. do Rosário e Pompéia, de fabricação industrial moderna, com a **marca registada** do Kunstanstalten Maya. A. G. Dresden A. 21 — Alemanha; esta imagem estava no caixilho da rica bordadura.

Reconhecendo a sobreposição de peças estranhas e recentes ao "monumento histórico", fato que registei e documentei pela fotografia, devo declarar que houve **adultera-**

(*) Posteriormente encontrei, no Museu Julio de Castilho, o primeiro carimbo do sêlo da Camara do Rio Pardo, onde as armas de Portugal estão com forma eliptica e desenho caprichoso; traz a data de 1814; está gravado em cobre.

ção. Excluí as duas peças de adulteração, isto é, a corôa metálica de imagem e a oleografia o que fiz com respeito ao culto católico, que professo; elas não devem continuar como testemunhas de uma grosseira falsificação; assim o monumento histórico aparece na exata expressão simbólica, embora, mutilado pela falta de um pequeno painel, na face de trás, representando o verdadeiro padroeiro da vila ou da cidade.

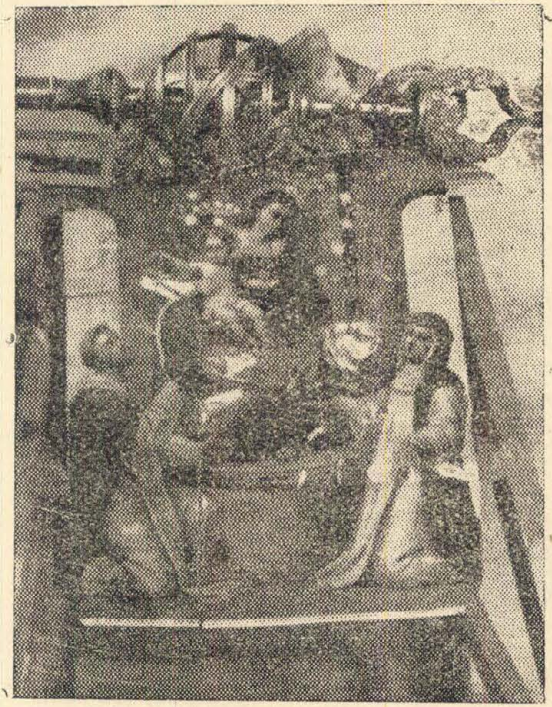


Face posterior do Estandarte-real, deixando ver o constraste de duas épocas: Rica bordadura em estilo barroco e uma oleografia.

No seu aspecto geral, o "Estandarte-Real" (*), que identificamos, é semelhante ao da cidade do Rio de Janeiro, (vide

(*) Na pagina 3, verso, do "Livro de vereanças" da Camara do Rio Grande de São Pedro, ano de 1766, dia 18 de Junho, está escrito o seguinte: "... elle dito (Ignacio Osório Vieira Guimarães) com muito trabalho, zêlo e deligencia salvara o *Estandarte-Real* — da mesma camara, que apresentava e da mesma forma conduzira".

pág. 165. Clovis Ribeiro); obedece ao tipo dos estandartes usados nas câmaras de S. Paulo e Mogí das Cruzes; a forma do estandarte do Rio de Janeiro é de paralelogramo rombóide, enquanto a forma apresentada em S. Paulo e Mogí das Cruzes é de retângulo.



A oleografia de N. S. do Rosário e Pompeia, que estava juxtaposta ao caixilho da face posterior. Na parte superior se vê a esfera armilar, com "corôa sobreposta".

Clovis Ribeiro ensina, na pág. n.º 170, que no auto de fundação de Vila Bela (Mato Grosso) datado de 19 de março de 1752, lê-se que a Câmara usaria das suas armas "no seu estandarte" por detrás das armas reais, enquanto Sua Majestade não mandasse o contrário."

No "Estandarte-Real", agora estudado, a corôa real encontra-se em ambas as faces, o que indica poder total do so-

berano, o que se dava na Capitania D'el Rei, no nosso Estado no século XVIII.

Se observarmos bem, veremos que a posição do escudo e corôa real na face anterior, é "tranchada" sôbre a tela, cortada em "vestido"; a situação "tranchada" indica fôrça militar ou defesa militar fixa; o corte em "vestido", traduzo pelo vocábulo latino, "vestiaurius", local onde os magistrados guardam as suas vestes profissionais, no caso, uma Câmara Municipal.

A franja sempre indicou primeiros e últimos fios de guarnição, isto é em arte militar se traduz em fôrça que defende uma praça, distribuída em trincheiras, fortins, fortes e fortalezas.

A altura e o comprimento, em extensões diferentes, indicam Nobreza e Povo, convergindo para o símbolo da autoridade soberana, com apôio na fé cristã e no patriotismo, representada na esfera armilar.

E' símbolo do senado da câmara de localidade com defesa militar permanente e com guarnição móvel, isto é, Cidade — Fortaleza ou Vila — Forte, melhor, representa um complexo organismo municipal como um poder civil e poder militar.

As características encontradas no "Estandarte-Real", que estudamos, somente se concretizam na organização social-política e administrativa da vila do Rio Grande de S. Pedro, no século XVIII. (Conselho perfeito).

Importa informar que, a instalação da Vila do Rio Grande de São Pedro se processou em 16 de dezembro de 1751, em obediência a provisão real de 17 de julho de 1749; suas autoridades tiveram jurisdição sôbre todo o território nacional ao sul dos rios Uruguai e das Canôas. O Senado da Câmara da Vila do Rio Grande de São Pedro funcionou em Viamão no período de 1766-1773 e desta última data até 11 de dezembro de 1810, em Pôrto Alegre. Os municípios de Rio Grande,

Santo Antônio e Rio Pardo foram instalados no ano de mil oitocentos e onze.

Como procuramos a verdade histórica, submetemos o nosso estudo à apreciação das comissões de História e Arqueologia.

Dr. Jací Antônio L. Tupí Caldas
Praça Garibaldi, 68
Pôrto Alegre — Rio Grande do Sul

Pôrto Alegre, 29/7/1939.

Em sessão do I. H. G. do R. G. S.

Nótulas Bibliográficas

PERCY A. MARTIN

A América Latina, e especialmente o Brasil, tem no sr. Prof. Percy A. Martin um grande amigo e não menor divulgador de sua história.

Foi reconhecendo isso que o Instituto Histórico Brasileiro lhe conferiu o título de **sócio honorário**, e o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul conferiu-lhe o de correspondente.

A obra brasileira do sr. professor Percy A. Martin é preciosa.

Nascido nos Estados Unidos, em Jamestown, N. Y., a 20 de Agôsto de 1879, fêz seus estudos na Universidade de Stanford, na Califórnia, onde é, hoje, professor de História Americana, e doutorou-se em filosofia na Haward University, e fêz um curso especial nas Universidades de París, Berlim e Leipzig.

Professor da Stawford University, é, também, professor visitante das Universidades de Harvvard, Johns Hopkins, Washington, George Washington, de Michigan, da Califórnia, de Havaí e do México. É membro, além das já mencionadas acima, da Academia Nacional de História (Argentina), Academia de História (Cuba), Instituto Histórico e Geográfico do Uruguai, Academia Nacional de História (Venezuela), Academia Nacional de História e Geografia do México, Instituto Sanmartiniano (Buenos Aires), Círculo de Altos Estudos (Rosário, Rep. Arg.), Centro de investigações históricas de Guaiaquil, Academia Portuguesa de História, Sociedade Colombista Panamericana (Habana, Cuba), Aca-

demia Hispano-Americana de Artes e Ciências (Cadiz), Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, Sociedade de Geografia de Lisbôa, Hispanic Society of America e American Historical Association.

É associado do Instituto Carnegie, e possue a Comenda da Ordem do Cruzeiro do Sul, que o Brasil lhe conferiu por seu trabalhos brasilistas nos Estados Unidos, quer na Cátedra, quer na imprensa, quer no livro.

O nome do sr. prof. Percy A. Martin é, dentre os nomes de estrangeiros ilustres, um dos que nos devem ser mais queridos, pois sua obra é significativa.

Vejamos:

"Republics of Latin America" — 1923.

"Latin America and the War" — 1925.

"Argentina, Brazil and Chile since Independence" — 1935.

"La esclavitud y su abolición en el Brasil" — 1936.

"Who's Who in Latin America" — 1935 (segunda edição ampliada no prelo).

.. "Brasil" in **Encyclopoedia Britannica.**

"Simón Bolívar, the Liberator" — 1931, e, entre vários outros ensaios e estudos:

"The establishment of Independence in Brazil", — "South America revisited", — "Federalism in Brazil", — "Portugal in America" e as colaborações, estudos e notas sôbre a vida intelectual brasileira no grande anuário **Handboock of Latin America** que está sendo publicado pelas Universidades norte-americanas desde 1936.

Mas não satisfeito com tudo o que tem feito pelo Brasil e divulgação de sua história e seus homens em língua inglesa, acaba de traduzir (Chapel - Hill, The University of North Carolina Prees, 1939) a grande obra de Pandiá Calógeras — **A formação histórica do Brasil,** — e um apêndice, continuando a obra, (Cap. XVI — The last decade of Brazilian History) desde a ascenção do dr. Washington Luiz ao govêrno (1926) até a data presente, com tal rigor de verdade e precisão histórica que impossível se torna, na

época presente, querer mais perfeita. É, esta uma grande obra que mais aumentou a benemerência do insigne mestre e amigo nosso, o sr. prof. P. A. Martin.

Walter Spalding

RAJADAS DE GLÓRIAS — Crônicas do mar, — por **Gastão Penalva.** — Rio de Janeiro — Editora S. A. A Noite — (1939).

Possue nossa marinha de guerra, — a gloriosa armada do Brasil —, uma série de nomes brilhantes nas letras, cuja lista seria longa e, provavelmente incompleta. Por isso não a tentamos aquí mas citaremos dois nomes que nos são caros e cujos trabalhos representam padrões de glória: Didio I. A. Costa e Gastão Penalva.

Entre parênteses: Em seu livro acima referido, cap. **Cochilos náuticos, in fini,** diz Gastão Penalva que o oficial de marinha, dêsse nome, nunca existiu. E conclue: "Só se o articulista pretende se referir ao meu amigo Sebastião de Souza. Mas são duas pessôas verdadeiras... e nenhuma distinta". Interpretemos, porem: **distintas** são ambas, distintíssimas, mas indivisíveis. Separar uma da outra é tirar a alma ao corpo, ou vice-versa.

Gastão Penalva, cuja enorme bagagem literária é um padrão de glória e modêlo de linguagem, como cronista é dos maiores do Brasil.

Corpo e alma do passado, crônicas de história e, agora, **Rajadas de Glórias,** são obras de real mérito, filhas de um apaixonado da beleza da arte e de nossas glórias.

Ler essas crônicas de Gastão Penalva, (essas crônicas ou qualquer outra de suas obras), é reviver o Brasil de outrora, é sentir em nossas veias estuar de amor o sangue por tudo quanto se foi e por quanto existe ainda rememorando glórias idas e esperanças de glórias futuras.

A Gastão Penalva pode-se, sem receio, cognominar o Loti brasileiro porque, alma de marujo, para êle o mar é tudo.

Revivendo como revive, em **Rajadas de Glórias,** a vida do mar já por êle decantada em várias outras obras, Gastão Penalva bem merece de sua nobre classe porque, falemos claro, nossa marinha, as cousas de nossa marinha, passadas e presentes, antes dêle eram quase que desconhecidas.

Gastão Penalva é o grande e mavioso cantor de nossas cousas do mar, poeta-marujo e patriota como poucos. Ler-lhe as obras e aprender, é beber patriotismo e arte, é embebedar-se de fé nos destinos gloriosos dêste nosso magnificente Brasil que, agora, olhos postos na lantejoulada cúpula de seu céu marcha, resoluto, para a senda da ordem e do progresso que a 1.ª república entreviu mas não soube realizar.

Bem haja Gastão Penalva e bem haja êste Brasil que filhos tais possue.

E

"Salve, egrégia Marinha Brasileira,
Cheia de crença, esplêndida de fé.
Grave, unida, simpática e altaneira —
neta de Cochrane e Tamandaré."

W. Sp.

SÃO PAULO HISTÓRICO (aspectos, lendas e costumes), vol. III, — por **Nuto Sant'Ana.** — Departamento de Cultura da Prefeitura de S. Paulo — 1939.

A obra do sr. Nuto Sant'Ana, — **São Paulo Histórico** — pertence ao número dos que, por falta de têrmo mais apropriado, denominamos — monumentais.

Não é uma história sistemática, como as do dr. Afonso Taunay: são notas, estudos, fragmentos que, assim reunidos, formam um todo mais valioso do que a história concatenada.

Por êsses esboços escritos sem pedantismo, com simplicidade e farta documentação, reconstituirá o leitor, mentalmente, sem esfôrço e com real proveito, a história magnífica do berço bandeirante.

W. Sp.

GUIA DA SECÇÃO HISTÓRICA DO MUSEU PAULISTA, — por **Afonso de E. Taunay.** — S. Paulo, 1937.

Esta **guia** é, ao mesmo tempo, compêndio de preciosas informações sôbre o Museu Paulista e suas coleções.

Organizado pelo dr. Afonso de E. Taunay, só poderia ser o que realmente é essa obra enriquecida com preciosas fotografias antigas e modernas, de interiores do Museu e coleções.

W. Sp.

D. RODOVALHO E D. JOSÉ, — achegas à História de Taubaté, — por **Félix Guisard Filho.** — S. Paulo, 1939.

O dr. Félix Guisard Filho é um benemérito. Pertence à classe dêsses raros que fazem verdadeiro apostolado das tradições de sua terra, merecendo também, por isso, da Pátria comum porque, esmiuçando as histórias regionais, completa-se a história geral, limpando-a de tantos erros que a afeiam e adulteram.

Sôbre a história de Taubaté já nos forneceu o dr. Félix Guisard Filho 3 magníficos volumes e um esplêndido "índice de inventários e Testamentos", sôbre os quais já tivemos o prazer de falar.

Agora, prometendo vários outros ainda, envia-nos a história dos dois grandes prelados brasileiros, filhos de Taubaté, — D. Antônio de Santa Úrsula Rodovalho e D. José Pereira da Silva Barros.

Em carta que nos dirigiu, promete o dr. Félix Guisard Filho visitar-nos em breve afim de côlher dados genealó-

gicos para os "Troncos do Norte Paulista", que por aquí se radicaram.

Será mais uma obra de real mérito que a operosidade do dr. Guisard Filho nos irá dar.

A São Paulo e, especialmente, a Taubaté nossos parabéns pela meritória obra de seu ilustre filho dr. Félix Guisard Filho.

W. Sp.

TOBIAS BARRETO, SOL SEM ECLIPSES, — Aracajú, 1939, e "O NOBILE OFFICIUM" DO PODER JUDICIAL, Rio de Janeiro, 1937. Ambos da autoria do desembargador **Hunald Cardoso.**

São dois discursos, ótimos discursos que, por si sós, dizem do valor do ilustre desembargador dr. Hunald Cardoso.

O primeiro é primoroso estudo de Tobias Barreto, que o autor proclama "sol sem eclipses" num justo preito ao insigne filósofo e jurista cuja vida foi um batalhar constante, constante sofrer.

Êste discurso proferido na data centenária de Tobias, — 7 de junho — no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, é dêsses trabalhos que se não poderão dispensar sempre que se quiser falar do insigne Tobias.

O segundo discurso sôbre o poder judicial, tratando da transmissão da presidência da Côrte de Apelação do Estado de Sergipe, faz o elogio do "Nobile Officium" com mestria e precisão.

Magníficos trabalhos.

W. Sp.

NA REVOLUÇÃO DE 30, pelo Cel. E. Leitão de Carvalho, — Rio, 1933.

O coronel, hoje general Estêvão Leitão de Carvalho, pertence ao grande grupo de oficiais de nosso Exército que se

não limitam aos trabalhos, não raro bastante árduos, — da nobre e patriótica profissão a que se dedicaram.

Antônio Feliciano de Castilhos, num momento de despeito, em meados do século passado, atacou o exército português e, de modo geral, os exércitos nacionais de todos os países do mundo.

Entre outras mil acusações ao exército figura a do entorpecimento da mentalidade do soldado na vida do quartel: "o seu entendimento entorpeceu-se no meio da monotonia da sua agitada ociosidade. Tudo, nêle, é vulgar". E etc.

Entretanto, nada mais injusto do que isso.

Não só no Brasil, mas em todo mundo o quartel nos tem fornecido vultos dos mais eminentes nas ciências, letras e artes.

Mentalidades de escol, e quiçá das maiores, tem saído do seio do exército. E para prová-lo, no caso brasileiro, não precisamos ir longe: aquí mesmo, junto a nós, temos uma das provas mais cabais do que afirmamos na inteligência lúcida, brilhante, magnífica do sr. Leitão de Carvalho, general de invejável fé de ofício, e a quem nossas letras devem muito.

Como prova de que não exageramos, leia-se **Na Revolução de 30,** livro sereno, leal, depoimento valioso que sobremodo honra o brilhante oficial que o escreveu e que foi **magna pars** nos acontecimentos de outubro de 30, embora contra a revolução.

Um livro que ficará para o historiador futuro e honra de seu autor.

W. Sp.

A CONFERÊNCIA DO DESARMAMENTO (1.ª fase — 2 de fevereiro a 23 de julho de 1932), — general **E. Leitão de Carvalho.** — Rio, 1937.

Como "assessor militar da Delegação do Brasil" na Conferência do desarmamento, acompanhou o sr. general

Leitão de Carvalho todo o trabalho dessa conferência e dela nos deu o resultado nesse grande livro que é **A Conferência do Desarmamento.**

No prefácio esclarece o autor: "os princípios por que se orientou o restabelecimento da paz na Europa, depois da Grande Guerra, pareceram, em dado momento, oferecer novas bases às relações internacionais".

"Pareceram"... Mas, em verdade, e como o deixa claramente provado, essa conferência foi a causa de tudo quanto, de 1938 a esta parte, está acontecendo na Europa. O sr. general Leitão de Carvalho previu tudo isso através o estudo que faz da conferência e das delegações, dos pontos de vista de cada país e de suas possibilidades. Examina cada país de per si, geográfica e economicamente e faz judiciosas observações em tôrno das "grandes teses do plenário" que o autor denomina questões de princípio e questões de técnica.

Obra de grande mérito, é, cremos, única, no gênero, escrita no Brasil.

Mas essa obra, além do mérito imenso, possue outras qualidades como a de confirmar a magnífica fôrça moral do Brasil através seus delegados dentre os quais o próprio autor da obra, pela própria obra que nos legou, figura em primeira plana.

O sr. general Leitão de Carvalho é, sem favor, grande entre os grandes historiadores do Brasil atual.

W. Sp.

NAS ÁGUAS DA GASCONHA, por **Didio Costa,** Rio de Janeiro, 1939.

É êste um livro de reminiscências. Êste caráter que, no caso, é todo pessoal pois só se refere à turma de guardamarinhas de 1903, da qual o autor fêz parte, — êste caráter pessoal, dizíamos, limitaria muito o interêsse da obra se o ilustre oficial, com sua competência e notável erudição não a tivesse transformado numa obra científica na qual, ao

par das reminiscências da viagem do **Benjamim Constant,** reuniu o comandante Didio Costa dados preciosíssimos sôbre todos os ramos necessários aos conhecimentos marítimos, estudando, examinando e comentando as diversas teorias existentes sôbre as correntes marítimas, regime dos ventos, formações de bancos e dos famosos **atolls,** dos **doud ring** e mil cousas mais, além de maravilhosas descrições de ilhas e portos dentre as quais as que faz, com retrospecto histórico, dos rochedos de S. Pedro e S. Paulo e de Fernando Noronha.

Escrito em estilo suavíssimo, **Nas águas da Gasgonha,** é livro de real interêsse e confirmação plena da capacidade e erudição do insigne oficial de nossa armada de guerra, comandante Didio I. A. da Costa.

W. Sp.

A REVOLUÇÃO FARROUPILHA (1835-1845) — pelo General de Divisão reformado **Augusto Tasso Fragoso.** — Rio de Janeiro, 1939.

Enriquece, com valiosíssima obra a bibliografia farroupilha, o sr. general Tasso Fragoso.

Êsse trabalho conciencioso e, sob o ponto de vista militar, o melhor que até o presente se escreveu sôbre o grande decênio, foi incluída na Biblioteca Militar Brasileira, o que já é uma prova de seu valor.

Imensa é a bibliografia farroupilha. Entretanto, estudos completos 3 ou 4 apenas existiam e êste do sr. general Tasso Fragoso é dos mais preciosos, superior, mesmo, à monumental obra do sr. dr. Alfredo Varela porque, em um volume apenas, e em linguagem acessível, historía os dez anos de revolução e estuda, tecnicamente, os maiores combates prestando, assim, magnífico serviço a seus irmãos de armas. Além disso, inicia a obra com excelente estudo sôbre o homem desde o seu aparecimento até o presente, e o meio ambiente e influência dêste sôbre o ser humano.

A Revolução Farroupilha, do sr. general Tasso Fragoso ficará clássica para o estudo dos acontecimentos daquele agitado período da História do Brasil.

W. Sp.

CAMINHOS SECULARES, por **Olinto Sanmartin,** Coleção Viagens — C.ª Editora — S. Paulo, 1939.

Percorrer velhos caminhos, estradas mil vezes palmilhadas, é em qualquer época, motivo de emoções e curiosidades histórico-sociais.

Falar em caminhos seculares é recordar os trajetos de povos de passadas eras, guerras, peregrinações, torneios, guerreiro-galantes. É recordar longas jornadas de menestréis e sonhadores. É rever povos calcando terras e cruzando rios, subindo montes e descendo vales, fundando, aquí e alí, novos núcleos, grutas e cabanas que foram origem de cidades e nações.

O sr. Olinto Sanmartin de sua última viagem à velha Europa trouxe um caderno de notas que desenvolveu e acaba de ser editado num magnífico volume da "Coleção Viagens", da Cia. Editora Nacional, com o título "Caminhos Seculares".

Realmente, nessa sua viagem percorreu o sr. Sanmartin os mais velhos caminhos da Europa e norte africano, examinando e estudando antiquíssimas civilizações, tragédias que a história regista e que foram celebradas pelos maiores gênios da humanidade.

Se bem curiosas e interessantes, não são, contudo, essas evocações que fazem do recente livro do sr. Sanmartin, um livro de grande mérito.

São, sim, as visões de conjunto o exame do ambiente europeu na época presente.

Tendo percorrido todo o norte africano, a Grécia, a Itália, e, atravessando os países centrais, visitado París e Suí-

ça, sentiu o nervosismo da época, palpou o ambiente, sondou conciências e pensamentos.

E, resumindo tudo com sua clara inteligência, escreveu "Caminhos Seculares", livro que nenhum viajante notável — observador e psicólogo — desdenharia assinar.

Para termos uma idéia do que é essa obra do sr. Sanmartin, basta atentar seus capítulos:

"O oxigênio europeu e a nova Itália", página admirável em que o autor mostra o que é a "nova Itália" dentro da velha Europa dos "Caminhos Seculares" de civilizações extintas e que jamais hão de voltar...

Os horrores da guerra também aí estão numa maravilhosa descrição dos antigos campos de batalha onde ainda se sente o cheiro da pólvora e se tem a impressão de pisar ossos humanos e corpos em putrefação...

Romeu e Julieta... D'Annunzio... Alfonsine Plessis, a "Dama das Camélias"...

Evocações de tragédias e de glórias que sempre recordamos com a alma em febre...

E a descrição de cidades, velhas cidades que evocam os tempos medievais, o berço do cristianismo e o desenfreado paganismo politeísta.

E vemos, como num maravilhoso filme, Veneza, Verona, Florença, Nápoles, Atenas, Rodes, Alexandria, Cairo, Palestina e sua tragédia político-social, — Jerusalém, Budapest, Viena, a Suíça, e por fim, as maravilhas de Fontainebleau.

E encerra o volume a magnificência da feira do Levante onde o autor reviu o Brasil, num pedaço do Brasil, nos seus mostruários que foram, em verdade, maravilhosa amostra da grandiosidade pátria.

O sr. Sanmartin que já escreveu e publicou "Terras da América (cem dias de viagem)", "Bento Manoel Ribeiro", alguns poemas e vários ensaios, mostra-se, neste livro mais do que nos outros, artista e pensador cujas qualidades fazem, dêle, um dos mais vigorosos escritores da nossa geração intelectual brasileira.

Estilo próprio, estilo que, disse alguém, se assemelha ao tumultuar das ondas, é bem o estilo de quem vive o momento agitado que atravessamos, momento que exige firmeza, propriedade e fôrça.

Mas o sr. Sanmartin, possuindo tôdas essas cousas que a atualidade exige, possue, ainda, um grande coração, uma alma maravilhosa de sonhador e verdadeiro artista que ama o belo pelo belo e a arte pela arte, não com a frieza do mármore parnasiano, mas com o calor da mocidade e a exaltação do romantismo condoreiro a Victor Hugo ou Castro Alves.

Daí a magnificência de sua obra que, infelizmente, nem todos compreendem, e não compreendem porque lhes falta justamente o que nêle sobra:

— Estesia, arte, pensamento próprio.

W. Sp.

REVISTA DO INSTITUTO DE ESTUDOS GENEALÓGICOS, Ano III — n.º 5 — 1.º Semestre de 1939. — São Paulo.

Mais um volume magnífico de sua Revista acaba de divulgar o Instituto de Estudos Genealógicos do Estado de S. Paulo.

Não resta a menor dúvida que os estudos genealógicos entre nós estão em franco progresso e que o Instituto em bôa hora fundado em S. Paulo está prestando inestimáveis serviços às letras nacionais, especialmente históricas, com os magníficos estudos que está divulgando sua primorosa Revista.

Merecedora de todo apôio, oxalá o receba e não esmoreça para glória de nosso Brasil.

O. S.

PETER WILHELM LUND NO BRASIL, — Problemas de Paleontologia Brasileira, — por **Anibal Mattos**, — São Paulo, — série Brasiliana, — 1939.

A paleontologia no Brasil tem sido, ultimamente, encarada com mais carinho e os estudos apresentam-se com cunho mais científico e mais digno da ciencia paleontológica, tão atraente quanto ingrata e, mesmo, perigosa.

O sr. Anibal Mattos, cuja inteligencia brilhante está hoje, inteiramente voltada para esses problemas, já nos deu obras de incontestavel merito nesse genero, como **Prehistoria Brasileira** e mais alguns livros que condensa, por assim dizer, nesta edição definitiva que a Brasiliana, no seu afan de glorificar as nossas cousas, acaba de entregar ao publico.

Estudioso como poucos, erudito e paciente pesquizador, o sr. Anibal Mattos, com seus estudos e ensaios, está prestando relevantissimo serviço á paleontologia brasileira, escoimando-a de erros e interpretações por demais ousadas e apaixonadas, e, alem disso, homenageando, com inteira justiça, a figura inolvidavel do sábio dr. Lund, pai da paleontogia brasílica.

A obra que temos em mão, — **Peter Wilhelm Lund no Brasil**, — é, alem de meticuloso estudo comparativo, magnifica biografia do grande cientista que fez de sua vida verdadeiro apostolado paleontológico nas grutas de Lagoa Santa, cujo "homem" — que é, talvez, o homem mais velho, mais primitivo, descobriu e divulgou, para gaudio da ciencia paleontologica universal e gloria do Brasil.

O sr. Anibal Mattos é, incontestavelmente, um benemerito e, como tal, o saudamos.

W. Sp.

LIBRO DE ACUERDOS E INSTRUCCIONES DEL MINISTERIO DE RELACIONES EXTERIORES (1829-1851). — Tomo I — Archivo Historico Diploma-

tico del Uruguay. — Advertencia y notas de **Juan E. Pivel Devoto.** — Montevideo — MCMXXXIX.

A publicação dos documentos dos velhos tempos das nacionalidades americanas tem, ultimamente, preocupado todos os governos. É que, hoje, reconhecem todos o valor de tais documentações postas nas mãos de todos. É que, com êles à mão, o historiador e o simples curioso, o professor e o jornalista têm elementos para dizer a verdade e não deturpar a história como tem acontecido inúmeras vezes em prejuízo da verdade e da idoneidade, às vezes, da nação.

A Rep. O. do Uruguai não tem, nesse sentido, poupado esforços e tem tido o especial cuidado de entregar tais publicações a pessôas de reconhecida competência, como ainda o atesta o presente volume que foi organizado e anotado pelo erudito mestre historiógrafo do Uruguai, dr. Juan E. Pivel Devoto que é uma das maiores capacidades de sua terra, e nome conhecido e estimado em tôda América e além Oceano.

O volume é magnífico e a advertência e notas de inestimável valor. Não fôssem elas de Pivel Devoto.

W. Sp.

INVENTÁRIO DOS DOCUMENTOS DO ARQUIVO DA CASA IMPERIAL DO BRASIL, existentes no Castelo D'Eu. — Ministério de Educação e Saúde — Biblioteca Nacional, — Rio de Janeiro, 1939 — 2 vols.

Do Instituto Histórico de Petrópolis, fundado o ano passado sob os melhores auspícios, e com o qual nos congratulamos prazeirosamente, recebemos os dois alentados volumes do Inventário da preciosa documentação do Arquivo do Castelo D'Eu.

Deve-se essa publicação valiosa a duas pessôas, especialmente: D. Pedro de Orléans e Bragança e dr. Alcindo Sodré, secretário do Instituto petropolitano.

Em carta que nos dirigiu declara o ilustre dr. Alcindo Sodré que a documentação referida no presente inventário, constante de cêrca de onze mil peças, na sua maioria inéditas, está guardada, hoje, graças ao bondoso e brasileirís-simo coração de D. Pedro de Orléans e Bragança, no Instituto de Petrópolis em bôa hora fundado.

Podem, dessa forma, nossos estudiosos compulsar tão preciosos documentos e, com êles, refazer e aclarar muito talvez do que ainda está obscuro na nossa história.

É essa publicação de incontestável valor e, já agora, nada se poderá escrever sem, primeiro, compulsar êsse Inventário que tanta novidade nos apresenta.

O Instituto Histórico de Petrópolis já ao nascer se tornou um benemérito e bem merece o apôio de todos. E nós não lhe regateamos aplausos. Avante!

W. Sp.

NO TEMPO DOS BANDEIRANTES, — por **Belmonte** — Desenhos do autor. — Departamento de Cultura, — S. Paulo, MCMXXXIX.

O Bandeirismo paulista tem tido historiadores, comentadores e anotadores dignos dos ciclópicos desbravadores dos sertões brasileiros.

A êsse grupo brilhante, entre os quais se encontram os nomes consagrados de Taunay, Alcântara Machado, Washington Luiz, Alfredo Ellis, Paulo Setúbal e Olinto Sanmartin, acaba de inscrever-se o extraordinário artista conhecido, como tal, em todo o Brasil — Belmonte.

Há muito êsse nome estava incorporado aos de nossas predileções, entre os artistas e, agora, com surpresa, encontramo-lo batalhando em outro meio — o da história, e com

o mesmo brilho, o mesmo desembaraço, a mestria do pintor, do desenhista, do caricaturista que desde muito nos encanta.

Se Belmonte caricaturista e desenhista era (e continua sendo) de nossas predileções, com a obra **No tempo dos Bandeirantes** mais ainda aumentou o grau de nossa humilde admiração, pois a história da vida bandeirante e paulistana que ora nos oferece é um conjunto maravilhoso de pequenas jóias escritas, ricamente ilustradas, — iluminadas, diríamos melhor, — por seu lapis mágico.

E que suavidade de estilo! E que modo encantador de dizer, de descrever a vida e as obras do seiscentismo paulista!

No tempo dos Bandeirantes é, talvez, a melhor obra até hoje escrita sôbre o empolgante assunto. Um livro que ficará.

W. Sp.

POEMA DO BRASIL SELVAGEM, por **Pio Ottoni Júnior.** — Edição da Prefeitura Municipal de São Leopoldo (Rio Grande do Sul), 1939. — Prefácio do dr. Carlos de Souza Morais.

"Índio!
Crava teu olhar macerado
nas brumas do passado...
Vem! Vamos, índio, sonhar..."

O **Poema do Brasil Selvagem,** do qual, a esmo, estraímos essa estrofe, é um dos mais vibrantes gritos de nativismo de nossa literatura.

Em estilo moderno, longe da métrica exemplar de Gonçalves Dias, se lembra, o cântigo vibrante do sr. Pio Ottoni Júnior, a lira indianista do cantor dos Timbiras, pelo assunto, mais ainda recorda José de Alencar, na sua prosa cantante do Guaraní e da Iracema.

O poema do sr. subdiácono Pio Ottoni Júnior é digno de figurar entre as melhores peças da poesia brasilista de nossos dias.

O **Poema do Brasil Selvagem** é o poema de uma raça — é o poema brasilista do Brasil de hoje evocando, através a história das conquistas do sertão, o Brasil de ontem, o Brasil português, o Brasil bandeirante.

O sr. Pio Ottoni Júnior, nesse poema, não é só poeta, — é também o historiador erudito e concencioso que já se revelou através uma série de estudos brasileiros, especialmente etnológicos e tradicionalistas.

Bem houve a Prefeitura Municipal de São Leopoldo divulgando êsse belo poema.

W. Sp.

"A REVOLUÇÃO FARROUPILHA"
de **Walter Spalding.**

Figura de vivo relêvo em nosso meio intelectual, com largo renome nos círculos culturais do país e das repúblicas latino-americanas que se dedicam a assuntos de história continental, Walter Spalding, sem alarde, mas com incansável persistência e grande capacidade, vem realizando uma obra de escritor, robusta e brilhante, que ficará como uma colaboração valiosa para um mais vasto conhecimento do passado do Rio Grande do Sul. Estudioso honesto, dotado de aguda inteligência investigadora, Walter Spalding se impõe à admiração de quantos lhe conhecem a atividade literária pela seriedade e o entusiasmo com que vem cumprindo sua trabalhosa tarefa de historiador.

Atualmente, pelo vulto e o valor da sua obra, Walter Spalding já é, na historiografia moderna do Rio Grande, uma personalidade representativa. No gênero em que se especializou e que trata com vasta soma de conhecimentos e com talento, conquistou, inegavelmente, um lugar de evidente destaque, destaque êsse que lhe não vem de uma reclame cabotina, mas da consistência de seu trabalho intelectual.

Uma demonstração do valor da obra de historiador que Walter Spalding vem realizando, da seriedade de seu trabalho de pesquisador, é, ao par das referências feitas a essa obra em revistas especializadas do país e do estrangeiro, a aceitação que livros dêsse escritor tiveram para a série "Brasiliana" da Cia. Editora Nacional, série essa orientada com alto sentido de cultura brasileira e vigoroso critério de seleção.

Inegavelmente, é nessa série da Editora Nacional que se publicam os melhores livros de estudos sôbre o Brasil e onde aparecem, numa coleção de obras notáveis destinadas a formar uma base robusta de cultura brasileira, os nomes de maior relêvo nos domínios da historiografia, da etnologia, da arqueologia da sociologia, da prehistória e da educação.

Para essa obra de pura cultura brasileira que a Editora Nacional vem realizando, Walter Spalding já contribuiu com dois livros de grande interêsse como trabalhos de investigação e divulgação histórica. São êles "A Revolução Farroupilha" e "A invasão paraguaia no Brasil".

O primeiro dêsses volumes, que é uma história popular do decênio revolucionário que vai de 1835 a 1845, foi pôsto em circulação há poucos dias. O segundo volume deverá sair dentro de algumas semanas e já êsse infatigável escritor, a que a historiografia rio-grandense deve diversas valiosas contribuições, está preparando uma terceira obra, sôbre a propaganda republicana no Rio Grande do Sul.

O livro que a Editora Nacional acaba de publicar é um trabalho de clara exposição de todo o desenrolar da epopéia farroupilha e um estudo das causas do grande movimento revolucionário de 35 e das idéias fundamentais que o orientaram, desde sua fase de preparação até seu desfecho.

O autor não teve o intuito de fazer obra de sociólogo no sentido de nos dar um trabalho de interpretação profunda das fôrças espirituais, políticas e econômicas que determinaram o movimento histórico do grande decênio rio-

grandense. Manteve-se em seu papel de historiador, entretanto, de um historiador que não se limita a fazer uma simples e fria exposição cronológica dos acontecimentos mas que também procura conhecer as causas que os determinaram. E' o que se percebe desde os primeiros capítulos de "A Revolução Farroupilha", onde o ambiente político do Rio Grande do Sul que precedeu à eclosão revolucionária de 35 é pintado em largas mas seguras pinceladas e onde são expostos, com a clareza de quem investigou largamente o assunto, os motivos que causaram o movimento.

O livro de Walter Spalding representa a elaboração e a coordenação inteligente de um vasto material reunido durante anos de investigação paciente e honesta. Dêsse material, colhido na pesquisa dos arquivos e numa larga série de obras escritas sôbre o assunto, o autor extraiu o essencial para fazer um trabalho que fôsse, como o declara no subtítulo, uma "História popular do grande decênio". E conseguiu com brilho incomum seu intento, dando-nos uma história da Revolução Farroupilha bem documentada, que se lê com extraordinário agrado e não cansa o leitor com excessos de citações ou a interminável reprodução de documentos.

O Rio Grande do Sul tinha diversos trabalhos sobre a epopéia farroupilha e sôbre as grandes figuras da Revolução. Faltava, entretanto, um livro da feição do que Walter Spalding acaba de publicar. Uma obra que fôsse uma síntese do que se investigou sôbre o decênio farroupilha, enriquecida com os dados que o trabalho do autor recolheu. É uma obra para estudiosos e também uma obra popular de divulgação histórica em que o vasto panorama histórico do dramático decênio é exposto nas linhas principais de seu desenvolvimento e em seus detalhes essenciais.

Ao par da exposição histórica objetiva, o livro de Walter Spalding tem também o mérito de demonstrar, de modo suficientemente documentado, quais foram as idéias inspiradoras que iniciaram e conduziram o movimento. A parte de exposição histórica abrange 133 páginas. O volume é

enriquecido com uma vasta série de notas cronológicas que abrangem todo o decênio, as quais, além de documentarem fartamente a parte anterior, de vasta síntese expositiva, representam um material importantíssimo para os estudiosos e uma expressiva demonstração da meticulosidade e da honestidade com que trabalha Walter Spalding.

O volume que a Editora Nacional acaba de publicar é mais uma bela afirmação do talento de seu autor e da vasta capacidade com que domina a especialidade a que se dedicou.

Angelo Guido.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS:

REVISTA DO ARQUIVO MUNICIPAL — Ns. LVI, LVII e LVIII, abril, maio e junho de 1939. — Prefeitura do Município de São Paulo — Departamento de Cultura.

BOLETIM DO MINISTÉRIO DO TRABALHO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO — Ns. 56 a 58, abril a junho de 1939. — Departamento de Estatística e Publicidade do M. do T. I. e C. — Rio de Janeiro, 1939. (3 vols.)

REVISTA DA FACULDADE DE DIREITO — Universidade de S. Paulo. — Setembro - dezembro de 1938. — Vol. XXXIV — Fasc. III. — São Paulo, 1939.

REVISTA DA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DO RIO DE JANEIRO — Tomo XLV — 1938 — Rio de Janeiro.

O INSTITUTO — vol. 94.º — Ths. 1e 2 — Revista Científica e literária. — Coimbra, 1939.

IDEARIUM — Organo de la Escuela Normal de Occidente — Vol. II, ns. 18 e 19. — Febrero e marzo de 1939. — Pasto, Rep. de Colombia.

ARCHIVUM HISTORICUM SOCIETATIS IESU — periodicum semestre ab Instituto Historico S. I. in Urbe editum. — Anno VIII — Fasc. I — Ian. — Jun. 1939. — Roma.

GEOGRAPHICAL REVIEW, published by The American Geographical Society of New York, July 1939 — Sept. 1939. Vol. XXIX, ns. 3 & 4. — New York.

UNIVERSIDAD CATOLICA BOLIVARIANA, — publicación bimestral. — Diretor Pbro. Dr. Manuel José Sierra. — Octubre - Noviembre 1938 — febrero - Marzo 1939. — Ns. 8 - 9, Vol. III. — Medellín - Colombia. — Traz, este numero, e promete continuar, uma parte nova: "Cuadernillos de poesia colombiana". Encerra, este "Cuadernillo" uma série de magnificas poesias de D. Guillermo Valencia, magnifico poeta.

BOLETIM DE HISTORIA Y ANTIGUEDADES, — Diretor Luiz Augusto Cuervo, — Ns. 293-294 e 295-296, vol XXVI. — Bogotá — Marzo-Abril e Mayo-Junio de 1939.

IBERO AMERIKANISCHES ARCHIV, — Jahrgang XIII — April 1939 — Heft 1. — Ibero Amerikanisches Institut Berlin.

BOLETIN DE LA SOCIEDAD AMIGOS DE LAS CIENCIAS NATURALES "KRAGLIEVICH-FONTANA". — Nueva Palmira, Departamento de Colonia — Uruguay. — Tomo I — Num. 2, Set. de 1938.

IBERO AMERICANISCHE RUNDSCHAU, — 5. Jahrgang — Num. 3-4, — Hamburg, Mai-Juni 1939.

BRASIL NOVO, — 1930-1939 — Publicação do Departamento Nacional de Propaganda. — Rio de Janeiro, fevereiro e junho de 1939 — Fascs. II e III, Ano I. — Magnífica publicação, digna dos maiores encômios e da mais ampla divulgação.

REVISTA DE LA ACADEMIA COLOMBIANA DE CIENCIAS EXATAS, FISICAS Y NATURALES. — Publicación del Ministerio de Educación Nacional. — Vol. II — N.º 8 — Noviembre y Diciembre de 1938 e Enero y Febrero de 1939. — Como sempre, repleta de matéria selecta, científica, firmada por nomes os mais notáveis da grande república irmã. Esta publicação, já o dissemos e repetimos, é padrão de glória da nossa América.

CADASTRO SOCIAL do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em junho de 1939. — Rio de Janeiro, 1939.

O INSTITUTO HISTÓRICO ATRAVÉS DE SUA REVISTA, índice remissivo e analítico da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, organizado pelo seu secretário perpétuo, dr. Max Fleiuss. Publicação preciosa que nos indica, com facilidade, tudo quanto essa notável e já centenário publicação científica brasileira tem divulgado. Seu valor, na estante dos estudiosos, é imenso. O sr. Max Fleiuss, com esse trabalho, conquistou mais um título de benemerência no mundo intelectual brasileiro.

REVISTA DAS ACADEMIAS DE LETRAS, — órgão da Federação das Academias de Letras do Brasil, — Ano III julho de 1939 — n.º 12.

BOLETIN DEL INSTITUTO DE CULTURA LATINO-AMERICANA — de la Facultad de Filosofia y Letras — Director: Arturo Giménez Pastor — Año III — Buenos Aires, mayo-junio de 1939 — n.º 15.

REVISTA DE EDUCAÇÃO — Órgão do Departamento de Educação — Vols. XXII a XXVI setembro-dezembro — março-junho — S. Paulo, 1939.

BOLETIM MUNICIPAL — Publicado pela Diretoria Geral do Expediente da Prefeitura Municipal de Pôrto Alegre

— Rio Grande do Sul — Brasil — Ano I — num. 1 — vol. I — 1.º semestre de 1939. — Trata-se de nova publicação de sumo interêsse pois que está destinado, êsse Boletim, não só a publicar os atos do sr. Prefeito, mas também noticiário e a preciosa documentação existente no Arquivo da Prefeitura, além de estudos assinados. Nesse 1.º volume figura belo estudo sôbre o município de Pôrto Alegre, firmado por nosso consócio, prof. Walter Spalding. Pode-se discordar de certas conclusões do autor, mas é inegável o valor do trabalho que chega a ser, em parte, convincente, especialmente no que respeita a data da fundação da cidade.

REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA, — publicação excelente e oportuna do **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística** — Ano I, ns. 1, 2, 3 — Janeiro, abril e julho de 1939. — 3 Tomos.

LA REVISTA AMERICANA DE BUENOS AIRES — Diretor V. Lillo Catalan, — Año XVI — julho de 1939, n.º 183 e agôsto 1939, n.º 184. — A "Revista Americana de Buenos Aires" é dessas publicações que formam tradição. Seus 16 anos de vida são prova suficiente de seu valor e de seu prestígio. Com prazer permutaremos.

ÍNDICE

Elementos para a biografia do Eng.º Francisco João Róscio, — por **Artur Alfredo da Mota Alves** 3

Paleontologia do Rio Grande do Sul, — por **C. de Paula Couto** 29

Prehistória Americana e Brasileira — O Paraíso terrestre, — por **Walter Spalding** 81

Epistolário César de Castro, — por **Fernando Callage** 91

Duas proposições: um vocábulo e um símbolo, — por **J. Tupí Caldas** 151

Nótulas Bibliográficas 167

97633

Folclore e Línguas indígenas:
Prof. Ângelo Guido
Dr. Dante de Laytano
Cel. Luiz Carlos de Moraes
Dr. Manoelito G. de Ornellas

Estatutos e Comissão da Revista:
Dr. Adroaldo Mesquita da Costa
Cel. E. F. de Souza Docca
Dr. Eduardo Duarte
Prof. Walter Spalding

Admissão de Sócios:
Dr. Armando Dias de Azevedo
Dr. Eduardo Duarte
Cel. Gaston Hasslocher Mazeron
Cel. Luiz Carlos de Moraes

Condições de assinatura da Revista:

Por ano ..... 20$000
Por fascículo trimestral ..... 6$000

Fascículos atrazados, preço da tabela existente na Secretaria

---

Para assuntos da Revista, dirigir-se diretamente ao Dr. Eduardo Duarte, à rua Duque de Caxias n.° 1231. — Pôrto Alegre — Rio Grande do Sul — Brasil —



97633